

COLEÇÃO APLAUSO TEATRO BRASIL

O TEATRO DE

JOSE VIGENTE

OUTRAS OBRAS
CIDAMORAIS

Imprensa Oficial

O Teatro de José Vicente

Outras Obras

O Teatro de José Vicente

Outras Obras

Cida Morais

| imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensa**oficial** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador-Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

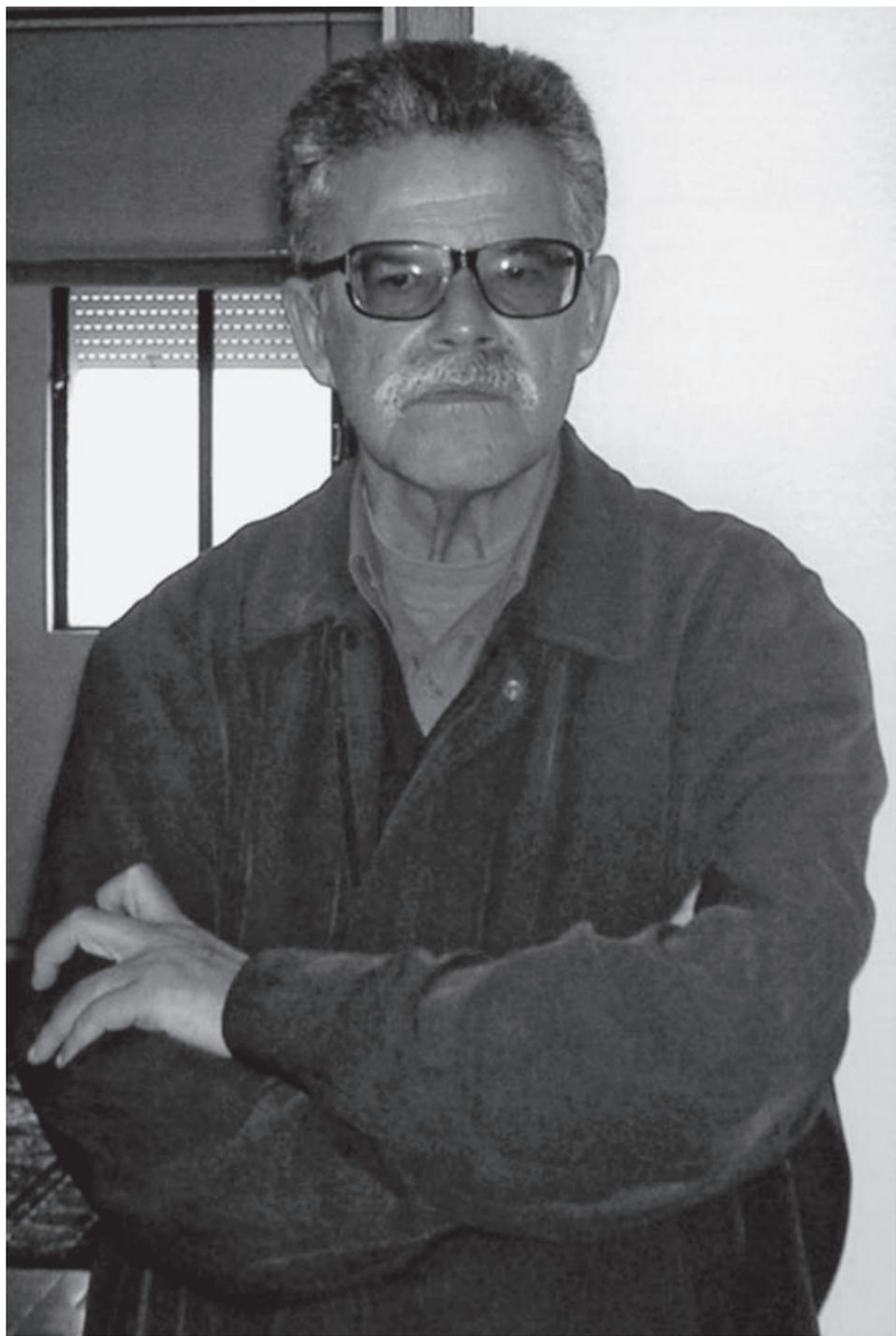
É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Este livro é dedicado a diretores, atores,
produtores, críticos, imprensa e todos que
direta e indiretamente contribuíram para a
realização do Teatro de José Vicente*



José Vicente, retrato

A Arte de José Vicente

Este volume reúne uma seleção das peças menos conhecidas de Zé Vicente. Fazem parte do mesmo ciclo que produziu a sua tríade mágica – *Santidade, O Assalto e Hoje é Dia de Rock*. Na sequência, ele mudaria cada vez mais o seu foco temático, reorientando-o para questões de fundo predominantemente religioso. Alguns ecos dessa reorientação já aparecem em algumas peças desta seleção. Mas não é bom forçar na descontinuidade. Embora tenha mudado a problemática, seu teatro continuou exibindo os traços que constituíram, por assim dizer, a sua marca registrada. Gostaria de aproveitar este prefácio para destacar alguns desses traços. Esclareço que se trata apenas de um ponto de vista. As diferentes versões que as peças do Zé têm recebido mostram que elas são compatíveis com diferentes leituras. Essa é, por sinal, a característica distintiva das grandes obras de arte, esses significantes abertos, polissêmicos, que cada geração lê à sua maneira, atribuindo-lhe novos significados, expressivos de suas peculiaridades, necessidades e angústias.

Não resta dúvida que o teatro de Zé Vicente, pelo menos aquele condensado nas suas peças principais, sempre produziu grande impacto

tanto na plateia quanto na crítica. Esse efeito está associado às características que distinguem esse teatro. A principal delas me parece ser o seu compromisso. O Zé não era o escritor objetivo, científico, que elege e trata seus temas com a neutralidade de quem observa o mundo de fora. Não escrevia por escrever. Escrevia por necessidade, porque a escrita foi o recurso que encontrou para dar expressão aos problemas que o afligiam em cada momento. Ele sempre queria dizer algo, para ele de suma importância. Por isso, cada peça sua era um ato de autoentrega, de autoimolação. Isso explica, por exemplo, como a mesma mão que escreveu *Hoje é Dia de Rock*, cheia de poesia e lirismo, tenha escrito, dois anos antes, *O Assalto*, talvez o texto mais angustiante e desesperado da dramaturgia brasileira. É que, então, ele estava em pé de guerra com o banco e sua ordem burocrática. Já nos dias de *Hoje é Dia Rock*, acontecia exatamente o oposto: estava em estado de graça, nadando na fama e no dinheiro, vivendo em Londres, o lugar que mais amou na vida, com gente que falava a sua língua.

Porque comprometido prioritariamente com o modo como experimentava o mundo, seu teatro, coerentemente, acabou por incorporar notável contraste entre a relativa sobriedade dos

enredos e a linguagem luxuriante dos textos. Estes não contam histórias grandiosas, cheias de alternativas e surpresas. As situações imaginadas são simples, quase lineares e têm por função básica fornecer o suporte necessário para que ele *passe sua mensagem*. Em contrapartida, o estilo é marcado por uma linguagem caudalosa que não economiza palavras nem formas literárias, contanto que *cantem a ópera*. Suas peças, por exemplo, são pontilhadas de falas longas, algumas delas verdadeiros discursos e diatribes que se destacam da ação vivida para melhor realçar o ponto para o qual quer chamar a atenção. Essa orgia vocabular, além de prover um reforço adicional à *mensagem*, torna a sua dramaturgia notavelmente teatral, se assim se pode dizer. Em alguns momentos, ela se transforma em pura representação, puro teatro. É quando então ele pode dar livre curso ao seu enorme talento literário e à poesia que ele traz entranhada. Porque, como bem lembrou Fauzi Arap (*A Santidade de Zé Vicente*), o Zé, além de dramaturgo, era também poeta. Isso certamente contribui para a força de sua escrita e o impacto que ela provoca, porque só existe boa literatura lá onde existe também poesia.

15

Esse teatro mutante, porque colado ao fluxo existencial e suas vicissitudes, era também um te-

atro cujo pêndulo inclinava-se permanentemente para os extremos. O Zé não era um homem de meios-termos. Nunca se sentiu em casa no reino da *aurea mediocritas*. Era radical por natureza, tanto nas posições quanto nas atitudes. Além de nos modelos de pensamento a que recorria para obter o efeito que esperava. Ele não se deixava prender pelas nuances e múltiplas faces do real que, como bom filósofo, certamente conhecia. Mas não eram elas que lhe interessavam. Interessava-lhe a questão com a qual se debatia no momento. Tinha algo a dizer e, para fazê-lo, não hesitava em enxugar esse real até o ponto de reduzi-lo a sistemas organizados em torno de simples pares de opostos do tipo bem/mal, santo/devasso, integrado/desajustado, etc. A simplificação facilitava-lhe enormemente o trabalho de passar o recado. Esse enfoque dualista tende a transformar seu teatro num jogo de vontades que pode chegar ao extremo de ancorar a ação em apenas dois personagens. Quando essa redução esteve a serviço da denúncia, ela produziu obras como *O Assalto* e *Santidade*. Quando a serviço da tragédia, produziu *História Geral das Índias*. Quando a serviço do paz e amor, produziu *Hoje é Dia de Rock*. Quando a serviço...

Mas mesmo *Hoje é Dia de Rock* é uma peça onde a tristeza constitui o pano de fundo que permeia

todo o enredo e, no final, revela-se sem disfarces, na dispersão da família e a morte de Pedro Fogueteiro. Outra característica do teatro de Zé Vicente, intimamente relacionada às anteriores, é essa, seu atrelamento a uma espécie de fatalidade que exclui toda possibilidade de *happy end*. Não existe lugar para final feliz nesse teatro. Nem para o riso ou escracho. O Zé nunca escreveria uma comédia. São raras as falas ou passagens cômicas nas suas peças. Como se movido por uma mão invisível, tomou o caminho do teatro sério, dramático que, às vezes, flerta com a tragédia. Cada peça sua é a representação diferente do mesmo drama da paixão sem ressurreição. Essa visão pessimista do mundo que atravessa sua produção teatral expõe e expressa também ao mesmo tempo um dos traços marcantes da sua personalidade: uma tristeza discreta, mas invencível, associada a uma insatisfação e a um conflito também incuráveis com as instituições e suas regras – família, seminário, igreja, empresa, etc. Jamais se filiou a um partido ou sindicato. Tinha aversão visceral a tudo que pudesse representar cerceamento à sua liberdade. No final, rompeu com o próprio mundo do teatro.

Mas o pessimismo latente que não vê saída nem dá margem a esperanças, conjugado com a opção consciente por um teatro despojado,

reduzido ao mínimo indispensável, não impede que sua dramaturgia, contraditoriamente, se apresente com um envoltório cheio de grandiosidade, que dá ao seu teatro certa coloração barroca. É que suas peças têm o formato de celebrações litúrgicas, na sua expressão católica, sempre referidas à paixão e morte de Jesus Cristo. Esse *ranço* litúrgico já aparece claramente na sua primeira peça, *Santidade*, e atinge o ápice, me parece, em *História Geral das Índias*.

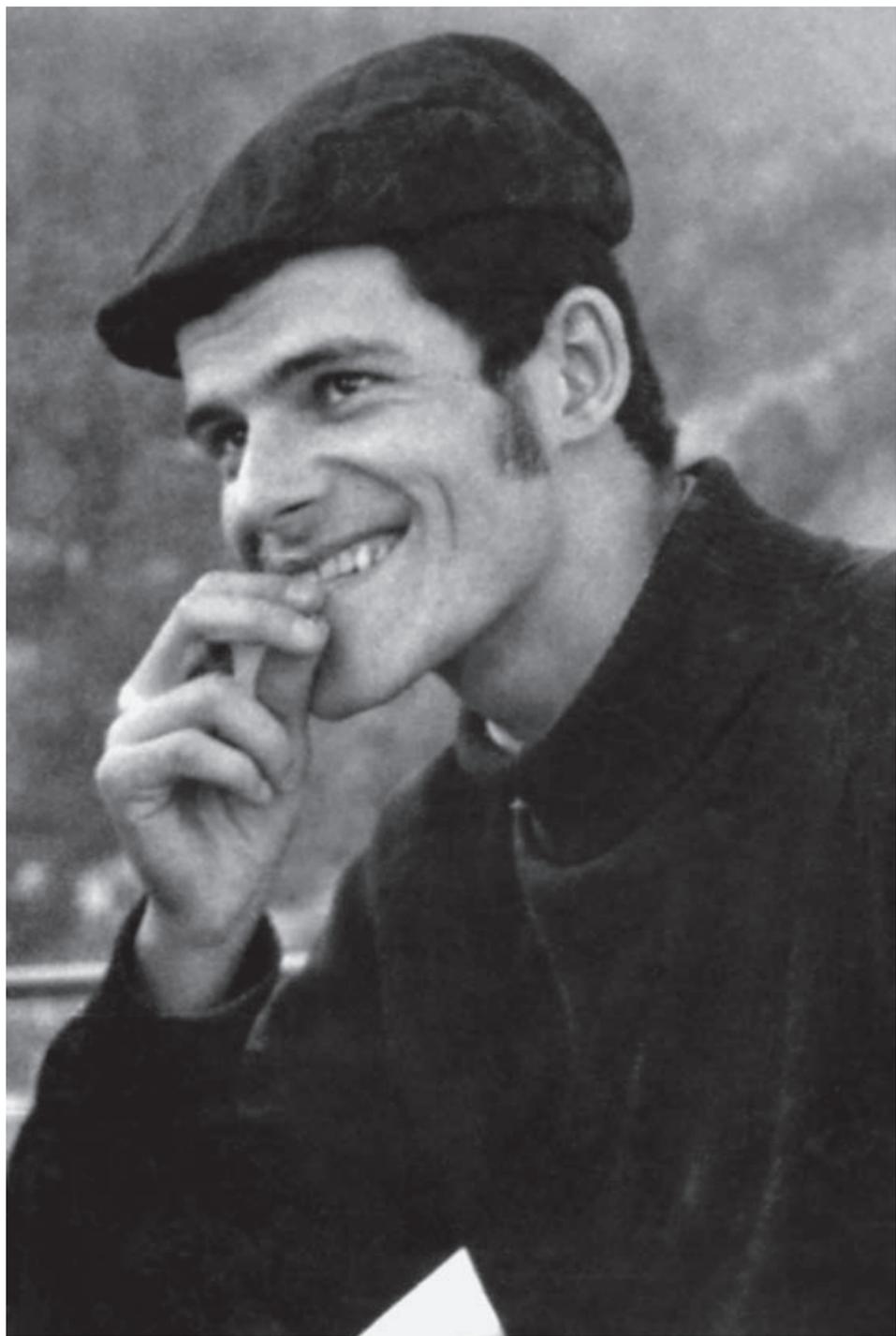
18

O Zé foi coroinha e, depois, seminarista por cinco anos, assistindo à missa todos os dias, vivenciando o drama da paixão em todas as suas etapas todos os anos. O rico ritual que acompanha a liturgia católica, esse grande teatro, impressionou-o profundamente. Mais tarde, isso refletiria na sua dramaturgia. Sem a igreja e o seminário, o Zé seria inexplicável. Foi no seminário, por sinal, que produziu e encenou suas primeiras peças, pequenas, pouco teatrais, mas, já então, exibindo seu grande talento literário.

Como já disse, toda grande obra de arte é uma fonte infinita de temas que nenhuma interpretação esgota. Por isso, sugiro ao leitor deste prefácio que, agora, esqueça tudo o que leu aí em cima.

Messias Reis de Moraes – agosto de 2010

(Irmão de José Vicente)



José Vicente, no Rio de Janeiro, 1969

Ensaio Selvagem

Ensaio Selvagem

Straight Acting

(Ensaio para um teatro de câmara por José Vicente)

Personagens

Brown Sugar – Vamp e dama do teatro da cidade do Rio de Janeiro, a capital da Atlântida.

Lovelock – Treinador do método *Straight Acting*. Ele é Marquês genuíno.

Flashman – O empresário da *Railway*.

23

Z – Antiautor de teatro, convertido em *Skinhead*.

CENA

Numa cabine em forma de câmara de um *train* da *Railway* em movimento contínuo.

ABERTURA

Apresenta-se Z com elegância, de fraque e cartola.

Z – Senhoras e senhores, nossa viagem se passa a bordo de um *train* da *Railway*, no remoto país da Grã-Bretanha. A *Railway* é pontual... *as usual*.

Nossa protagonista é nascida, criada e celebrada na cidade do Rio de Janeiro, a capital da Atlântida.

Voz gravada de estação férrea

Your attention, please: Miss Brown Sugar! Miss Brown Sugar! Atenção! Esta é a história da sua ascensão e... queda!

25

Surge Brown arrastando sua imensa valise. Luz acende, Mister Flashman do lado de fora, onde se supõe ser a estação, ou a plataforma. A cortina ainda está cerrada.

Flashman – Miss Brown Sugar? Esta é a história da sua ascensão e... queda!

Brown – *Yes, sir!*

Flashman – Por que esse nome? Brown Sugar?

Brown – O senhor há de compreender que na Atlântida não se pode ganhar a vida com nomes nacionais...

Flashman – Discordo. Há nomes espanhóis tão sugestivos!

Brown – (perplexa) Espanhóis?

Flashman – E que língua fala o Rio de Janeiro?

Brown – Mister Flashman, Rio de Janeiro sempre falou e acredito que falará para sempre... o inglês!

Blackout sobre Mister Flashman. Na plataforma, Brown aguarda nervosamente o embarque.

26 Z – (voltando à apresentação). A aventura de nossa retirante internacional pela *Railway* exigia-lhe um comportamento linear, uma atuação sem aresta, dentro dos princípios de um método cognominado *Straight Acting*.

Brown retira uma pluma da bolsa e, à maneira antiga, passa talco no rosto. Um pouco nervosa, dir-se-ia, desconcertada.

Z – O *Straight Acting* era um método rigorosíssimo. Qualquer falha implicava a ira sem remissão de uma sinistra senhora, rainha da *Railway*, conhecida por *Senhora Poeira de Estrelas*.

A *Senhora Poeira de Estrelas* estabelecia, em síntese, o seguinte: *cada passageiro a bordo da*

Railway será considerado não um personagem em si, mas um ator em si, em pleno exercício de seus direitos, deveres e limites.

Luz acende. Lovelock na plataforma *british*. Ouve-se ruído do *train* se aproximando. Brown tamborila nervosamente os dedos na parede da estação. Lovelock olha na direção dos dedos de Brown e ela se detém.

Z – (sinistro) Ao chegar à estação de embarque, excetuando-se Brown, só havia um misterioso cavalheiro na imensa plataforma. Quando o *train* se aproximou, o cavalheiro dirigiu-lhe um olhar de suspeita. Nossa estrela, antes de embarcar rumo a um destino ignoto, mal teve tempo para dizer a si mesma: evite o pânico

27

O ruído do *train* chegando e saindo funde-se com o *blackout*. Abre-se a cortina e vê-se a cabine do *train*, em forma de câmera.

In Train

Lovelock calça um par de botas negras e, teatralmente, veste-se de *velvet* negro. Lovelock usa uma peruca de negros cabelos curtos, à francesa, no início, o que é essencial, como se verá mais tarde. Mister Flashman joga xadrez

consigo mesmo, ora de um lado, ora de outro, meticulosamente, numa mesa.

Flashman – As pedras negras são a Pigmânia.

As pedras amarelas são a Vietnâmia.

Jamais consegui fazer a Vietnâmia colocar em xeque a Pigmânia.

Embora eu tente guardar a imparcialidade no jogo, quando movimento as pedras amarelas, o resultado é que parece não haver esperança para a Vietnâmia...

28 Lovelock – Mister Flashman, como o senhor se sente na posição de soberano absoluto da Terra?

Flashman – Insatisfeito!

Lovelock – Mister Flashman, é notório que seu povo possui o controle e o poder sobre tudo que se cria no planeta...

Flashman – Oh, sir!

Lovelock – A crueldade não há que ter um limite, sabe-se, e ninguém mais ignora que Hitler, se renascer... será... israelita!

(Flashman gira a mão no globo terrestre).

Flashman – Possuímos o... Império das Imagens!

A imagem atua mais que o real, mas é por ela que se pode perverter a mente, confundir a vontade e criar o estado de... Poder nu.

Flashman debruça-se sobre o globo terrestre.

Flashman – E, no entanto, a Terra já não me satisfaz!

Lovelock – Mister Flashman, sejamos sinceros: o senhor é judeu, eu sou inglês. O senhor é meu master, eu sou seu empregado. Sejamos francos: quantos personagens o senhor representa ao todo?

29

(Flashman interrompe o jogo e olha Lovelock com cinismo).

Flashman – Digamos que três: o diurno, o noturno e o profissional. Considerando-se que o profissional, em mim, é o pai de família.

Lovelock – À parte jogar com a vida dos povos da Terra, quero dizer, dos povos inferiores, eu pergunto ainda, Master: qual o seu passatempo favorito?

Flashman movimenta uma pedra negra e come uma pedra amarela.

Flashman – A crueldade, sir!!!

Ouve-se soar a campainha.

Lovelock – Deve ser nossa cliente...

Ela nos promete formas insuspeitas de prazer,
Master!

Flashman – Sim?!

Lovelock – Trata-se de uma célebre estrela do cinema e teatro. Vem da cidade do Rio de Janeiro, a capital da Atlântida.

30

Flashman – Suponho que não seja mais uma abominável *vamp* da década de quarenta, querendo mudar sua imagem para os setenta.

Lovelock – Estou certo que não, Miss Brown...

Flashman – Perdão?

Lovelock – Seu nome é Brown Sugar!

Flashman – O Rio de Janeiro não aprende!

Lovelock – Miss Brown me pareceu funny à primeira vista. Num segundo olhar me pareceu suspeita!

Flashman – Acabo de ter uma ideia fantástica!

Oh, é uma ideia inédita... Será um sucesso internacional para a *Railway*, um acontecimento! E o Rio de Janeiro aprenderá para sempre! Miss Brown Sugar vem de um povo cujo problema básico é a procura de uma identidade...

Lovelock – (abrindo um fichário) Consta de seu curriculum que ela raramente tem o privilégio de sentir-se a si mesma. Um dia, ao acordar, estava com o rosto de Jeanne Moreau e os pés do presidente de Uganda.

Flashman – Pois muito bem. Nós a transformaremos... de uma vez por todas... numa inglesa!

Será algo inédito, realmente inédito, no universo da criação... artificial!

Introduziremos os diamantes britânicos em sua mente tropical.

Lovelock faz uma vênia a Flashman. A campanha volta a soar novamente, com insistência. Flashman atende por um *phone*.

Flashman – (com *accent* judaico) Miss... Sugar? Bom-dia!... Tenha a bondade, é um *prazerrr*, sua visita é aguardada... com suspense!

(Ouve-se *Cidade Maravilhosa*).

Lovelock – *Here she comes!*

Brown entra apoteoticamente, com sua bagagem.

Flashman – *Pleased to meet you, darling.*

Apresento-lhe seu treinador, o Marquês de Lovelock.

(Brown estende a mão a Lovelock, mas seu braço permanece suspenso).

(Flashman quebra o constrangimento de Brown, baixando-lhe carinhosamente o braço).

32 Flashman – *Darling*, bem-vinda à *Railway*! Esta é sua cabine para a viagem. Ninguém, absolutamente ninguém, a molestará. A senhorita encontrará, aqui, *privância* e autonomia. Contanto que... não abra esta janela!

Lovelock deixa cair o chicote. Pausa. Ela se abaixa e apanha o chicote de Lovelock.

Flashman – Oh, ela é tão gentil... Nem parece uma *star*!

Lovelock – Super!

Lovelock toma-lhe o chicote da mão e chicoteia o ar. Brown, assustada, afasta-se.

Flashman – Senhorita Brown, não se assuste. Há uma regra adotada pela *Railway* para evitar o ódio ou a violência vã e mesmo o sentimento de... revolta, a qual consiste em fazer um subordinado cumprimentar seu master com o seguinte insulto: *Vós sois os pigmeus!*

Lovelock toma a mão de Brown e beija-a formal e cavalheirescamente para o espanto de Brown.

Flashman – *By the way*, entre lavar as mãos como Lady Macbeth ou lavar as mãos como Pilatos, no credo, lavamos atualmente as nossas como... como Pilatos no credo!

Por favor, *honey!*

33

Brown olha, atônita, Lovelock beijando-lhe a mão. Pausa.

Flashman – (cochichando) O insulto! O in-sul-to!

Brown – (constrangida) Vós sois os pigmeus!

Ouve-se o *train* em movimento contínuo.

Actor's Studio

Enquanto se ouve o trem em movimento contínuo, ouve-se este diálogo em *blackout*.

Brown – Não tive escola, sempre fui uma atriz intuitiva.

Lovelock – Hummmm...

Brown – Apesar disso, a crítica jamais me poupou elogios.

Lovelock – Hummmm?!?...

Brown – Minha referência era... Hollywood!

Lovelock – Hummmm!...

Brown – Oh, eu não quero ser ridícula. Não admitirei que riam de mim!

34

Lovelock – Se és musical, se tens ritmo, nada tens a temer.

Brown – Jesus!... Para onde exatamente esse trem está indo?!

Privância

Brown está com a mão na cortina para abri-la quando surge Lovelock, com o chicote na mão.

Brown – Privância e autonomia...

Privância e autonomia...

Oh, nem acredito! Finalmente! Privância e autonomia! La-la-ri-la-la-rá.

Lovelock – Não abra a janela, lovely!

Lovelock chicoteia o ar furiosamente, Brown assustando-se.

Lovelock – Miss Brown, seu nome cristão é Brown Sugar?

Brown – Brown Sugar é meu nome artístico... sir!

Lovelock – A senhorita possui algum defeito físico notório?

35

Brown – Não sei o que fazer das mãos: às vezes são demais, às vezes são de menos.

Lovelock – Contanto que não as deixe cair no chão ou atire-as contra a parede...

Brown – (abrindo os braços e mostrando as mãos) Oh, minhas mãos, finalmente livres... E, finalmente, posso abrir meus braços, o que não me era permitido em todo o território da Atlântida!

Lovelock – A senhorita... ri com frequência?!

Lovelock chicoteia o ar e Brown se assusta.

Brown – (assustada, afugentada) Depende do humor, sir.

Lovelock – Miss Brown, por que fugiu do seu país de origem?

Brown – Porque lá eu estava proibida de ser eu mesma.

Lovelock – No momento é tudo. Boa-noite, Miss Brown. *The train is on.*

Lovelock se volta para se retirar.

Brown – Senhor...

36

Lovelock – (voltando-se) Lovelock!

Brown – (romântica) *Love*, de amor...

Lovelock – E lock, de trancado!

Brown – Estaremos encerrados nesta viagem para sempre, sem... possibilidade de regresso?

Lovelock – De que se queixa a senhorita? A *Railway* é o real, a *Railway* é o limite.

Lovelock se retira.

Brown – Amor trancado... Amor trancado...

Ela insiste, volta à janela e tenta abrir a cortina. Lovelock retorna.

Lovelock – Miss Brown?!...

Brown – Oh, que susto!

Lovelock – Faltou informar que não estarei presente... fisicamente, em nosso trabalho. Quero dizer, a senhorita ouvirá minha voz e me obedecerá... no que lhe pedir.

Não abra a janela, *lovely!*...

Boa-noite, Miss Brown. *The train is on.*

Ele sai. Ela ainda tenta abrir a cortina da janela, mas, finalmente, com certo receio, desiste.

Brown – (amedrontada) Love... Lock!

Ouve-se ruído de *train. Blackout.*

Straight Acting

Brown está sentada numa banqueta, fazendo as vezes de modelo, e Flashman compõe-lhe uma nova imagem.

Flashman – (desenhando-a com crayon) A senhorita sabe o significado de *Straight Acting?*

Brown – (posando) A primeira vez que ouvi sobre *Straight Acting* eu morava em Paris. Eu havia começado como *free lance* no teatro de revista, depois o cinema me descobriu e daí até o estrelato foi questão de pouco tempo. Fiz filmes importantes, trabalhei com celebridades e consegui todos os troféus do gênero – todos! – até as medalhas. Sem modéstia e sem vaidade posso afirmar que fui um mito! Aliás, o Rio de Janeiro sabe disso...

Brown desfaz a pose, enfurecida.

Brown – Ah, mil vezes maldita! Mil vezes!

Flashman – (severo) Miss Sugar!

38

Flashman recoloca a cabeça de Brown na posição anterior.

Brown – Desculpa, o nome Rio de Janeiro me faz perder o equilíbrio!

Flashman – Só lhe peço que não mova sua cabeça!

Depois do treinamento do *Straight Acting*, Miss Sugar, um gesto como esse seu significa condenação à morte por guilhotina!

Brown – Não consigo entender tanto rigor!

Flashman – Mais tarde compreenderá...

Flashman abandona o crayon e começa por colocar uma cigarrilha nos dedos imóveis de Brown. Ela está numa posição estática.

Flashman – Estávamos em Paris, *darling*...

Brown – Por natureza sempre desprezei o brilho em excesso!

Flashman – Evidentemente!

Flashman retira-lhe a cigarrilha negra.

Brown – Minha estrela aconselhava-me o caminho simples... a estrada genuína...

39

Eu havia tomado a decisão de trocar o cinema pelo teatro. Queria conhecer a face real da minha corte, para que ela me visse do lado de fora do *ecran* e não pudesse me tocar, porque eu não era uma, eu era várias...

Flashman – Uma história parecida já foi contada aqui, por outra cliente da Atlântida...

Flashman coloca-lhe uma peruca ruiva.

Brown – Oh!... Suponho que a *Railway* não pretenda me transformar numa nova versão de Maureen O'Hara!

Flashman – *A Railway* sabe o que é bom para a senhorita. E mais ainda: sabe o que é melhor.

Brown – Grande parte da minha carreira devo à cor natural dos meus cabelos!

Flashman – (severo) Miss Sugar, estávamos em Paris!

Brown – Na verdade, eu já estava de volta ao... ao...

Flashman – Por favor, *darling, relax*, por favor.

40 Brown – (furiosa) Ao Rio de Janeiro.

Flashman – (perplexo) Miss Sugar... Miss Sugar...

Sua alma... aqui... No meu ombro...

Brown – Eu tiro. Fica aí.

Flashman – (atônito) Miss Sugar... Passou para o lado direito do meu rosto...

Brown – (meiga) Como eu disse, o cinema me decepcionou. Comecei tudo de novo, mas desta vez no teatro. No teatro sério! No teatro, eu fui a biscate...

Flashman – *I beg your pardon?*

Brown – A puta amadora e excepcionalmente profissional.

Flashman – Prossiga!

Brown – Fui a funcionária pública, a fatal, a ingênua libertina, a militante, revolucionária, a burguesa *high class*, Medeia, Joana D’Arc entre as chamas, houve um tempo em que por noites sucessivas eu me dava à minha corte recriada em Montezuma, a Serpente Emplumada. Por mim desfilaram seres imaginários a quem eu conferia vida cotidiana, buscada... na dor! Através de mim eram dados à luz da noite... e existiam! Então, o teatro morreu. Porque, para que ou para quem seriam reabertas as cortinas do espetáculo, se já não havia um desafio a ser feito?

41

Tentávamos propor ainda: *compra-me por dinheiro, se és capaz!*, mas quem nos acreditaria?

Tentávamos propor ainda: *por que representar a pequena farsa quando temos a possibilidade da grande comédia?*, mas quem nos acreditaria?

Brown se levanta e, teatralmente, se dirige à plateia. Mister Flashman apaga-se no fundo da cabine.

Brown – Então minha vida real passou a ser uma vida arbitrária. Na rua real do Rio eu procurava alguém que fosse a minha imagem e semelhança, mas só encontrava uma raça de plebeus brancos, e plebeus, e só plebeus, e as ruas do Rio estavam infestadas de plebeus. E cada plebeu se dava ao direito de modelar minha imagem arbitrariamente, e para que eu me sentisse satisfeita e alimentada com a pequena farsa diziam: *Odíamos a tua imagem, pois ela reflete a nossa impostura*. Pouco a pouco pude compreender que o Rio já não era minha cidade natal, a terra onde eu nasci.

Eu havia sido usurpada.

42

Herdarás o exílio, pois disseste não.

As feiticeiras da Atlântida haviam decidido re-escrever a história.

Silenciaremos sobre ti, pois quiseste nos roubar da pequena farsa, e nós queremos a pequena farsa!

Zombarás de todas as máscaras, mas jamais te deixaremos usar a tua própria. O teatro está morto.

Ouve-se *Non, Je ne Regrette Rien*, de Edith Piaf. Entra Z com um pano roxo que coloca sobre Brown. Entra Lovelock com um candelabro de cinco velas acesas. Faz-se o ritual da morte do teatro.

Z – (solenemente) História do Teatro da Atlântica, Capítulo Primeiro:

Lovelock apaga uma das velas do candelabro ou faz com que alguém do público a apague. O ritual se sucede até que Z anuncia.

Z – História do Teatro da Atlântica, Capítulo Quinto!

Lovelock leva a vela acesa até Brown, que toma a vela, após Mister Flashman retirar-lhe o pano roxo que lhe cobre. Em seguida Lovelock coloca-lhe um colar de ouro no pescoço.

43

Flashman – Filha do sol, estranha lady, remota, legendária, a *Railway* rende homenagem à postura do seu não!

Lovelock – Embora deva-se observar que o ouro na senhorita é *desapontante!*

Brown – O senhor se engana: não vim aqui para dizer sim.

Lovelock – Bravo.

Flashman toma de volta o colar de ouro e ostenta-o arrogantemente.

Flashman – A senhorita aceita as regras da *Railway*?

Brown sopra a quinta vela teatralmente.

Flashman – Pois muito bem!

Ouve-se o hino à rainha ou marcha marcial. Os personagens marcham e desfilam solenemente em cena.

Straight Acting II

44

Ao final da marcha solene, Z toma uma bíblia e faz uma vênia. A seguir, apresenta a bíblia a Brown.

Z – Estou aqui para servi-la, irmã! Repita comigo, irmã, para que o sol não se ponha jamais sobre o *Império da Senhora Poeira de Estrelas*, juro que: *guerra é paz!*...

Liberdade é escravidão.

Ignorância é força.

Benzendo-se, Brown retira a mão da bíblia.

Brown – *Never!*

Flashman – Nesse caso, não há alternativa, *darling*.

Brown – Como posso vender minha *opinião*, Mister Flashman?

Flashman – Não se trata de vender sua opinião, *querrida*, trata-se de aplicá-la em algo que lhe dará rendimentos seguros!

Brown – Venderei minha alma ao diabo?

Flashman – A senhorita insiste no termo vender, quando o termo correto é aplicar.

Brown volta a colocar a mão sobre a bíblia.

Brown – Que Deus se compadeça dos inocentes!

45

Flashman – Sua terminologia é irritantemente fora de uso: em lugar de Deus a senhorita deve empregar *Railway!*...

Brown – Oh, meu São Jorge!

Faz-se o juramento

Z – Guerra é paz!

Brown – Guerra é paz!

Z – Liberdade é escravidão!

Brown – Liberdade é escravidão!

Z – Ignorância é força!

Brown – Ignorância é força!

Brown retira a mão da bíblia com um sentimento *over* de culpa

Z – Por favor, irmã, tenha a bondade de dizer-me o insulto regulamentar!

Flashman – O insulto regulamentar, se a senhora esqueceu, é: ...*Vós sois os pigmeus!*

Brown – (com infinito desprezo por Z) Claro que não me esqueci e com que prazer direi ...*Vós sois os pigmeus!*

46

Z – Por favor, irmã, com ódio!

Brown – (com ódio esganiçado) ...*Vós sois os pigmeus ssss!*

Z faz uma vênia, impassível, e se retira respeitosamente.

Brown – Conheço esta peça de algum lugar...
Who's that guy?

Flashman – Era um autor de teatro da Atlântica. Seu nome é Z. Como a senhorita, ele veio da cidade do Rio de Janeiro.

Brown – Maldita coincidência!

Lovelock – Consta do senhor Z que não tinha nem linhagem, nem caráter, mas, mesmo assim, fez sucesso...

Brown – *Pauvre type!*

Flashman – A *Railway* contratou-o para o serviço de *Resistência Teatral*.

Brown – (perplexa) Sinto-me como se estivesse num filme de ficção científica.

Flashman – (inquisitivo e cínico) Miss Sugar, por curiosidade, quanto é dois mais dois?

47

Brown – Cinco, naturalmente!

Flashman – *That's right!*

Ouve-se um *rock'n roll*. Há um *blackout* rapidíssimo.

Brown experimenta seus vestidos, um por um à procura de uma elegância plausível. Ela desfila com certa vulgaridade, quando usa um pequeno macacão, onde está escrito atrás gigolô. Ouve-se então a voz de Lovelock em *playback*.

Lovelock – (em *playback*) Boa-noite, Miss Brown.

Chegou seu grande momento de ser fotografada.

Brown – (vulgar) Não concedo fotos, sir.

Lovelock – Não há por que, definitivamente.

Brown – (cínica) Durante toda a minha carreira proibi que me fotografassem, fosse em cena, fosse fora de cena.

Lovelock – A *Railway* não admite exceções, Miss Brown.

O teste é simples. Começaremos pela série *Quatro Poses*.

48 A regra consiste no seguinte: serão quatro *flashes*.

No intervalo entre cada *flash* não poderá ser acrescentada a cada máscara qualquer conteúdo novo.

Em síntese, há que ser uma série de quatro poses estritamente idênticas.

Ouve-se um *rock'n roll* e Brown instintivamente começa a dançar.

Lovelock – Por favor, Miss Brown, ignore o playback.

Brown para de dançar e anda, *vamping*, até o procênio.

Lovelock – Oh, por favor, Miss Brown, não ande como Marilyn Monroe.

Brown – Desde o tempo em que fazia pesca submarina no Rio de Janeiro, desde lá que ando exatamente assim, que eu saiba.

Lovelock – A senhorita está segura disso, Miss Brown?

Brown – (mostrando o ombro esquerdo arrogantemente) Absolutamente!

Lovelock – Pose número 1: *Typical!*

Brown – Eu nunca fui *t-i-p-i-c-a-!*

49

Lovelock – Pose número 2: *Typical!*

Brown – Eu nunca fui *t-i-p-i-c-a-!*

Lovelock – Pose número 3: *Typical!*

Brown – Eu nunca fui *t-i-p-i-c-a-!*

Lovelock – Pose número 4: *Typical!*

Brown – Eu nunca fui *t-i-p-i-c-a-!*

Pausa. Ela vai à sua valise e retira uma calça Lee remendada.

Brown – Só faltava ele dizer que o Rio de Janeiro não tem personalidade própria!

Ela troca o macacão pela calça Lee cheia de remendos.

Brown – (circunspecta) Talvez ele tenha razão: a elegância do Rio de Janeiro aqui não resiste!

Ela retira a calça Lee e fica nua.

Brown – Oh!... Me sinto indigna sem um estilo!

50 Lovelock – (em playback) Miss Brown, seguiremos agora com o teste *Duas Poses*. A regra é a mesma do teste anterior. No caso colheremos a imagem do seu movimento.

Brown – Me sinto indigna sem um estilo!

Lovelock – Perdão, Miss Brown?

Brown – Me sinto indigna sem um estilo!

Lovelock – Seu excesso de vaidade prejudica o desenvolvimento do nosso trabalho, Miss Brown!

Brown – (desesperada) É preciso levar em consideração minha condição feminina: estou nua!

Desliga-se a voz de Lovelock, abre-se a porta e entra Flashman.

Flashman – Algo errado?

Brown – Trata-se de um problema da maior urgência!

Flashman olha a valise de Brown e retira alguns colares de candomblé e patuás – incluindo o patuá que está no pescoço de Brown.

Flashman – Sim?!

Brown – Meu patuá, não!

Flashman – Seu *what*?

Brown – Minhas guias!

51

Flashman – Teremos que encontrar uma solução, digamos, popular, para o seu caso, moça!

Mister Flashman joga fora os patuás e guias de Brown.

Brown – São guias transadas em terreiros da pesada, Mister Flashman!

Flashman – Não admitirei semelhante atavismo!

Brown – Minha pombagira.

Flashman – Tente sentir-se honesta e própria dentro de qualquer roupa, Miss Brown! Caso

contrário a senhorita estará condenada a ser, para sempre, uma pintura patética numa exibição! Oh!... E não cansa!

Mister Flashman sai indignado. Ouve-se novamente a voz de Lovelock.

Lovelock – (em playback) Pose número 1: *Modelo*.

Brown – (posando nua) Meu Deus, minha pombagira!

(Flash e tempo).

52 Lovelock – (em playback) Pose número 2: *Modelo*.

Brown – (posando nua) Minha pombagira, nããã!...

Flash e tempo.

Brown – Me tratam como se eu fora uma fantasia...

Entra Flashman trazendo um modelo pop ao estilo de Brown: calça cáqui, *t-shirt* branca e quedes.

Flashman – Esperamos que a senhorita aprove o resultado da pesquisa que fizemos sobre seu estilo de roupa cotidiana.

Um pouco desapontada, Brown se veste.

Brown – É! Claro que me excita muito mais o estilo *Radical Chique!*

Flashman – (abrindo um gráfico). O estilo *Radical Chique* venderá muito pouco para o imenso público da Atlântida!

Brown – Claro, claro, sejamos populares!

Queria matar meus inimigos de inveja!

Flashman olhando-a vestida.

Brown – (vestida de nova roupa) Hummmm!
É confortável!

53

Flashman – Há que confessar, darling, o resultado é surpreendente. Os consumidores aplaudirão, não tenho a menor dúvida!

Brown – Qual será o próximo teste?

Flashman – Um número Intitulado: *Lady Plays Voodoo*.

(Pausa).

Brown – Jamais passaria na censura, jamais!

Flashman – Senhorita possui outra sugestão?

Brown diz qualquer coisa ao ouvido de Flashman.

Flashman – Não pode ser verdade!

Brown – Pois acredite!

Flashman retira-se, ouvem-se aplausos gravados e projeta-se um spot sobre Brown, sozinha, em cena. Entra com um microfone, um cavalete e uma partitura, que coloca à frente de Brown. Z faz uma vênia a Brown e à plateia.

54

Z – Senhoras e senhores, temos o prazer de vos apresentar nesta noite, depois de longa ausência, e advinda do reino das sombras, aquela que foi a maga das dunas de Cabo Frio, a musa do Rio, Miss Brown Sugar!

(Ouvem-se aplausos gravados).

Z – Miss Brown vos apresentará o número Intitulado: *Lady Plays Voodoo!*

Brown – (corrigindo) *Rio Cabaret Show.*

Z – Perdão, senhoras e senhores, o número tem por título: *Rio Cabaret Show, Miss Brown!*

Z se retira, Brown fica só, diante da plateia imaginária.

Brown – (cínica) Senhoras e senhores, eu poderia perfeitamente dizer: *I can get no satisfaction.*

(Pausa, riso).

Brown – (cantando ou monologando):

Luz do Rio de Janeiro

Na tua rua quem ainda não é estrangeiro?

Vulgar, ai, como era bom!

Ser vulgar

No Rio ou em qualquer lugar

A quem serviu tua história

Se até teu riso sei que já morreu na memória?

Vulgar, ai, como era bom

Ser vulgar

No Rio ou em qualquer lugar

(Falado) *The Train is on...*

I Can Get no Satisfaction!

O Vilão

Z porta um canivete estilo *skinhead*, desses cuja lâmina salta ao se pressionar o botão que prende a mola.

Z – Senhoras e senhores, peço permissão para apresentar-me a mim mesmo. Meu nome é Z.

Eu havia sido autor de teatro na cidade do Rio de Janeiro. Lembro-me que os críticos perdoavam meus personagens porque eram precários, e o público os aplaudia porque se identificava com eles.

56 O *teatro morreu*, sabemos. Mas o ofício de autor ensinou-me como colocar na cena nua personagens reais da comédia internacional. Senhoras e senhores, vós, como bons comerciantes, sabeis que tudo nesta terra tem um preço. A moral deste ensaio poderia muito bem ser esta: porque não vender a Atlântida ao inimigo certo?

Vim de um lugar chamado Rio de Janeiro e minha mãe deu-me todas as luzes, mesmo a da lua. Mas o Rio de Janeiro não me bastava, como a Atlântida não me bastava. Poupe as lágrimas! De todas as ambições adormecidas no meu peito, havia uma que desafiava meu sonho de conquistador: participar da glória legítima deste mundo! As ba-

nalidades envelhecidas do país que conspurcastes me aborreciam, o brilho equívoco da vossa beleza plebeia me afugentava, a vossa maldade mascarada de belas intenções não me seduzia.

Chamai-me de vilão – eu sou não o herói, não o traidor: o vilão.

Parti sozinho da Atlântida e aqui cheguei, depois de longa odisséia, e aqui nasceu meu inimigo, meu opositor, um marquês genuíno: Lovelock! No princípio eu sabia dizer-lhe: Marquês, teu teatro é bastardo e posso prová-lo! Quando teus filhos se vestem de mendigos para ir à praça pública, bem, eles mentem com a mentira com que mentes tu. Quando teus filhos comem o alimento do pobre pra usurpar a virtude (que é do pobre) mentem com a mentira com que tu mentes. Eu vim de um lugar chamado Rio de Janeiro e sou o Gênio Supremo da Miséria!

57

Senhoras e senhores, vós que vos envergonhais da pobreza e fazeis do outro a transparência, sabeis que Deus me venceu, mas haverá de vencer a vós!

Z pressiona a trava do canivete e faz saltar a lâmina, há que notar que o personagem de Z, nesta parte do *ensaio* está vestido de skinhead, ou seja, de marginal internacional.

Z – Se duvidais de mim, prestai vossa atenção à segunda parte deste ensaio... *Selvagem!*

Com a lâmina do canivete, Z reabre a cortina do espetáculo.

O Teatro Nu

Brown dorme. Z apalpa-a com a lâmina do canivete.

Z – Sua face, quando você dorme, é tão culpada...

Triste irmã, e se você dormisse assim pra sempre?

58

Brown desperta, assustada.

Z – (pondo-se a postos) Estou aqui para servi-la, irmã!

Brown – Oh!... Você!

Z – É bom lembrar que fui teu fã.

Nosso trabalho será simples. No momento eu represento o inverso do passado. No momento eu desempenho o ofício de antiautor da Light Machine... No passado, como autor, eu criava personagens. Como antiautor eu os apago, eu os anulo.

No caso, você representará Montezuma, a Serpente Emplumada, e, como numa fita do gravador que se apaga, Montezuma será devolvida ao nada, para sempre.

Brown – O personagem que eu representei no teatro eu deixava trancado no camarim, meu querido. Não vem que não tem.

Z – Mas o passado! O passado! Há que eliminar o teu passado!

Brown – De qualquer forma não temos nada que nos una ao mesmo passado, exceto que você foi meu fã. Portanto, saia imediatamente da minha câmara.

59

Z – Isto não é câmara, irmã, é cabine.

Brown – Odeio que me chame de irmã. Que irmã o cacete! *Get out!*

Z – Se eu lhe contasse o que foi a minha vida... Uma odisseia!

Brown – Ah!... Não conta, não. Mais legendária do que a minha nem a da própria Elizabeth Taylor, e olha que nem a minha já suporto mais!

Z – Joanna D’Arc não fica bem em você...

Brown – (entrando na calça Lee desbotada) Está vendo está calça Lee desbotada? Esta calça Lee foi comprada na zona franca da Atlântida. Só pra você ter uma ideia, essa calça Lee já percorreu o território da Atlântida de ponta a ponta. Depois estava em lugares insuspeitos como Iquitos, Puqui, Ica, Nazca, Atacama, em lugares remotos como Uiny-Uainy – você já ouviu falar da Uiny-Uainy? Pois existe, meu filho, essa calça Lee já esteve lá. Depois...

Z – Eu sei, irmã. Conheço a tua vida pelos jornais!

60 Brown – O que quero dizer em síntese é o seguinte: é que depois de ter dado textualmente a volta ao mundo...

Z toma a calça Lee desbotada de Brown e joga-a fora da cabine.

Brown – Minha calça Lee, por que você jogou fora minha relíquia?

Z – Porque toda calça Lee, variante de ou semelhante, será considerada antierótica, old fashion e antipolítica!

Brown – Meu Deus, meu Deus, o que vai sobrar de mim?!

Z – *You have to be very careful*, irmã!

Brown – (suspeitando) Haveria por acaso algum gravador invisível gravando esta conversa ou mesmo uma teletela secreta nos observando?!...

Brown vai até a janela com a cortina cerrada.

Brown – Seria esta janela disfarçada a tal teletela?!

Z – (em pânico) Irmã!

Brown – Então foi por isso que Mister Flashman me proibiu de tocá-la!

61

Z – (caindo de joelhos) Mister Flashman jamais a perdoará!

Brown – Judas! Você passou para o lado deles! Mercenário!

Z se coloca no chão em atitude de adoração.

Z – Deus salve a rainha!

Brown – (estupefata) Um robô... Usufruindo da minha *privacy* e autonomia... Um robô!

Z se arrasta ridiculamente até os pés de Brown.

Z – *Perdóname si he perdido mi calidad de hombre!*

Brown – Cristo! Ele está vivo! É uma coisa vivente!

Sim, ele está vivo, mas... mas é como se alguma coisa nele estivesse morta!...

Z – (patético) E só porque meus lábios exprimiam certo sorriso no princípio desta viagem maligna... Eu era selvagem, eu era um selvagem genuíno: onde eu nasci não tinha limite... Mas mostrar meu sorriso era desafiar o equilíbrio da *Railway*, era pôr em xeque a Lovelock, sua tradição, história, séculos, legenda, sangue e poder! Era como se meu sorriso selvagem tivesse a propriedade de fazer um império se tornar cinzas!

62

Ele queria que eu o adorasse como o homem adora a Deus! Para isso encontrou a maneira tirânica de aniquilar meu sorriso: Lovelock seduziu-me!

Brown – Se fosse na época da Inquisição, você seria queimado em praça pública!

Z – Sangra em mim, irmã, sangra em mim!

Brown – Que castigo merece quem luta contra seu próprio povo?

Quem luta contra sua própria raça?

Quem vende sua própria terra?

Z – Lovelock seduziu-me... com uma pílula! Com uma mísera pílula!

Z encolhe-se no chão numa posição fetal.

Z – Uma pílula maléfica que reduzia meu Q.I. em cinquenta por cento, além de assassinar em mim o selvagem que ele, Lovelock, já não tinha! Era uma pílula aparentemente proibida, como o sagrado, mas criada pela CIA, que, por um lado, prometia liberdade, e, por outro lado, instituía a culpa a quem a tomasse, posto que era proibida...

63

Brown – Presente de grego! Presente de grego!

Z – Olha-me com repulsa: ou sou só mais um que morreu!

Brown – Você está escondendo alguma coisa! Eu quero saber tudo! Tudo!

Z – Amarei tua boca apodrecida, teus olhos finalmente fechados, limparei com minha língua a lama das tuas botas!

Brown – Eu quero saber tudo! Você está diante de Mata-Hari!

Z – *Dark eyed Lady* Poeira de Estrelas... perdão!

Brown – Quero que esta misteriosa Senhora Poeira de Estrelas encontre um meteoro bem grande pela frente!

Z – (apalpando a cabeça) Os diamantes, irmã, os diamantes!

Brown – Diamantes?! Que diamantes?! Explique-se!...

64

Z coloca as duas mãos na cabeça desesperadamente.

Z – Estão aqui dentro implantados! É tão terrível!

Brown – (óbvia) Isso me cheira a lavagem cerebral!

Z – O nome correto é *brain-washing*. Por mais que eu queira, por mais que eu relute, agora já é tarde demais!

Brown abraça sua cabeça e afaga-o.

Brown – E eu que esperava neles a justiça e a salvação!

Z – Desmontarão sua face, seus gestos, máscaras e linguagem. Depois roubarão sua mente...

Brown – Vampiros!

Z – Depois começará uma série de ocorrências... equívocas! Confundirão sua mente com uma espécie de magia barata, e até ridícula, mas, às vezes, convincente, um anúncio aqui, um número ali, uma carta caída no chão, uma palavra, um olhar... ou uma coincidência?

Brown – E você disse sim?! E você disse sim?!

(Ela se afasta e volta a pisá-lo) (Acende-se uma luz de alarme).

65

Z – Lovelock demonstrará, sem muita dificuldade, que antes você não era humana!

Brown – E como autômato eu serei humana?!

Z – E você estará sob controle... (ela faz um gesto de horror), em cada gesto, fala, ato

e até... e até intenção!

Começa a ouvir novamente o ruído do *train* em movimento.

Brown – E minha memória?!

Z – Para sempre!

O *train* em movimento contínuo funde-se com o *blackout*.

Mister Flashman joga xadrez em silêncio. Lovelock se aborrece comendo uma maçã com uma navalha.

Lovelock – (olhando o jogo) A Pigmânia está sofrendo um ataque sério, Mister Flashman.

Flashman – Não sou conservador, senhor Lovelock. Aplico a mim mesmo o lema: *Whatever Lola wants, Lola gets!*

66

Lovelock – Embora eu só jogue para ganhar, a corrupção me impede o sono...

Flashman – Senhor Lovelock, como o senhor se sente na posição do homem mais perfeito da Terra?

Lovelock – Aborrecido!

Flashman – Nossa nova cliente, Miss Brown Sugar, vai se transformando pouco a pouco numa inglesa. Ainda ontem pude surpreendê-la comendo cogumelos. Ela só se alimenta de cogumelos. É você pela própria natureza!

Lovelock – Miss Brown me decepciona... sexualmente!

Flashman – Sua concepção errática é pouco selvagem, sir.

Lovelock – Miss Brown lhe sugere o prazer, Mister?

Flashman – Dizer sim seria ultrajante?

Lovelock – Patético!

Flashman – Não conclua o senhor que me deixou vencer assim tão facilmente pelos meus desejos, pois meu interesse capital por Miss Brown Sugar é o de empregá-la no serviço de chantagem moral!

Lovelock – Rato!!!!...

Flashman – O território da Atlântida será posseção da *Railway*, senhor Lovelock! Negociaremos com a cidade do Rio de Janeiro os seguintes termos: senhoras e senhores, damos aos seus filhos cidadania inglesa. Criaremos para eles roupas próprias e comportamentos específicos. Usarão suas calças tal qual convém a um humano, mantendo não só a compostura, mas, sim, o sentido de limite e a consciência de que ninguém é idiota.

E aqui está Miss Brown Sugar, sua genuína dama do teatro, convertida em inglesa. Em troca obteremos o poder absoluto sobre todo o território da Atlântida, e dessa forma o sol jamais se porá sobre o Império da Senhora Po-eira de Estrelas!

Todos os filhos da cidade do Rio de Janeiro serão ingleses!

Lovelock – Oh!...

68

Flashman – (indicando a misteriosa janela) E quanto à Miss Brown Sugar... oh, sim, nós lhe revelaremos este segredo inviolável... que o resto da humanidade ignora. Será seu prêmio... por estar a serviço de *Railway*!

Lovelock – God!...

Flashman – Afinal, Miss Brown se tornou uma... *high price!*

Lovelock – Eu beijaria sua face, Mister Flashman, mas não o faço porque beijar sua face seria como beijar a face de... Hitler!

Mister Flashman, na sua euforia, toca equivocadamente o braço de Lovelock. Lovelock afasta-se infinitamente chocado.

Lovelock – (infinitamente chocado, grave)...
Master!

Flashman – (contendo-se) Sir... o mais ambicionado território da Terra nos pertence!

O futuro nos pertence!

O senhor terá novos irmãos... nova gente... sangue novo... selvagem!

Lovelock – (grave) Eu sou quem sou, Master. Eu serei sempre quem sou.

69

Flashman – Quanto tédio, sir!

Lovelock – Até como um espelho partido eu não represento... senão... quem eu sou!

Flashman – E posso saber qual o seu... disfarce... favorito?

Lovelock retira a peruca de negros cabelos curtos e faz soltar seus longos cabelos louros, à inglesa.

Lovelock – (*british*) O teatro!

Tirania

Em *blackout* ouvem-se batidas na porta. Delírio de Brown.

Brown – Estou perdendo a memória do passado...

Estou perdendo a memória do passado...

(Batidas na porta continuam).

Brown – Como poderei ser eu sem meu passado?! Sem o passado, para que o futuro?

70

(Pausa). Batidas insistem. Agora é uma luz vermelha de alarme que acende.

Brown – Estão querendo apagar a memória do passado!

Estão querendo apagar a memória do passado!

Ela corre à porta, abre-a, e por uma luz vinda da porta vê-se a sombra sinistra de Lovelock.

Lovelock – Miss Brown?

Há uma ordem de prisão contra a senhorita.

Brown – Eu estou perdendo a memória do passado.

Lovelock – Há uma ordem de prisão contra a senhorita.

Brown – Está havendo um engano, senhor. Não tenho drogas em meu poder.

Lovelock – Não se trata de drogas. Documentos!

Brown – Aqui está meu passaporte, sir!

Lovelock – Considere-se detida!

Brown – Está havendo um engano, sir, eu nada fiz contra a lei.

Lovelock – A senhorita foi considerada suspeita. E estará detida até que prove sua inocência.

(Pausa). Brown, acuada, tenta provar a origem metafísica de sua inocência.

Brown – Eu sou inocente, eu sempre fui inocente.

Tenho representado várias personagens, eu sei, mas prometo ser eu mesma, isto é, tentarei provar que eu sou quem eu sou!

Obedecerei todas as ordens do *Straight Acting*, todas!

Serei eu e só eu mesma, eu e só eu mesma, eu e só eu mesma!

Eu e só eu mesma, eu e só eu mesma, eu e só eu mesma...

Eu e só eu mesma? Eu e só eu mesma? Eu e só eu mesma?

Eu e só eu mesma! Eu e só eu mesma!

Lovelock – A senhorita foi considerada culpada e estará detida até que prove sua inocência!

72 Brown – Eu sou inocente, eu sempre fui inocente, eu venho do povo simples e que nunca... praticou... a violência!

Ouve-se a gargalhada monumental e cínica de Lovelock, que, simultaneamente, joga Z para dentro da cena e fecha a porta.

Lovelock – Vejamos, pois, quem é o vampiro!

Z está vestido de *skinhead*. Cabelos cortados rente e a mesma roupa pop de Brown, mas com botas grosseiras. Ele traz o canivete na mão. Quando Brown olha para ele, e o reconhece, Z faz saltar a lâmina do canivete.

Z – Estou aqui para servi-la, irmã!

Brown – Faria parte da magia barata ser você meu assassino?

Z – Não vim para assassiná-la, mas ao contrário, Lovelock enviou-me para amá-la!

Brown – Proibo-lhe que me toque! Proibo-lhe que me ame!

Z – Você e eu, nós dois, comemos da mesma maldita maçã envenenada! O veneno nos uniu no mesmo laço de fraternidade abjeta! Você é o meu espelho e eu sou o seu... nesta farsa repulsiva!

Brown se entrega à lâmina do canivete de Z.

73

Brown – Tudo, mesmo o crime, menos seu amor!

Eles abraçam-se com a lâmina do canivete separando-os.

Z – É uma ordem de Lovelock!

Brown – Acima de Lovelock está Flashman!

Z – E acima de Flashman há outro e mais outro e assim sucessivamente. Na escala da grande trapaça há uma hierarquia inviolável: de modo que se Mister Flashman autorizasse a Lovelock que o amasse, ele o faria. Mas nós dois, irmã...

nós dois somos a mesma ambição fracassada, a mesma impossibilidade, o mesmo destino e o mesmo limite, e a mesma submissão, a mesma submissão! Deveríamos descobrir em nós nossa forma de amor.

Ao som da gargalhada agora histérica de Lovelock, Brown e Z encenam seu amor, entre o lírico e o ingênuo, entre o patético e o trágico. Supõe-se que esse teatro comunique a Lovelock uma nova forma de orgasmo. Pode-se mostrar Lovelock, num outro plano, realizando seu ato de vampirismo infame.

74

Z – Do outro lado da vida estaria lhe aguardando... a liberdade?

Brown – (afastando-se) O desprezo nos igualará!
O desprezo nos fará semelhantes!

(PAUSA). Z fecha o canivete e entrega-o a Brown.

Z – Agora é a sua vez!

Z faz uma vênia à plateia e se retira, como que tivesse apenas acabado de representar uma cena.

Ela fica com o canivete, abre-o e fecha-o, depois segura-o firmemente na mão.

Brown – Quem?

Quem?!

Quem?!

Ouve-se um toque de clarim e entra Mister Flashman, trazendo a roupa de *superstar* de Brown Sugar.

Product

Flashman – (com o vestido de *superstar* de Brown). Miss Sugar, quis o destino que a glória a surpreendesse!

Brown – (abraçando-o) Oh, Mister Flashman, quanta humilhação!

75

Flashman – Minha pobre gatinha, os ventos da fortuna sopraram sobre você.

Ela está tremendo...

E está fria como uma pedra de gelo!

Brown – Serei condenada?

Flashman – A senhorita passará para o estilo *Radical Chique!*

Flashman passa-lhe a roupa de *superstar*.

Brown – Oh, não!

Flashman – Oh, sim!

Brown – Deus!

Flashman – *Railway, Miss Sugar, Railway!*

Brown – O que aconteceu?

Flashman – A senhorita é o último produto da *Railway!*

Brown – Oh, não!

76 Flashman – Oh, sim!

Brown – O que será de mim?

Flashman – Foi aprovado o projeto. A senhorita será usada no serviço de *Chantagem Moral!*

Brown – Oh, não!

Flashman – Oh, sim!

Vista-se imediatamente, Miss Sugar, tire esses andrajos horríveis e prepare-se, pois estamos passando nesse momento por um vilarejo distante, admirado por sua perfeição silente.

Ao som de uma música espacial ela se troca. No final, Flashman coloca-lhe nos dedos uma piteira de prata.

Flashman – Oh, a senhorita será um produto único! Um produto revolucionário! *Una*, íntegra, absolutamente pessoal!...

Brown – Pessoal?

Flashman – Absolutamente! E com magnetismo próprio!

Brown – Antigamente eu me dizia, em situações parecidas: *Evite o pânico!*

Penso, logo existo, e isso era claro e era distinto. Ai de mim.

77

Flashman – Talvez devêssemos mudar esse nome. Brown Sugar me soa tão vulgar! Mas enfim não se pode ter tudo, não é mesmo?

É preciso que o Rio de Janeiro saiba de quem estamos falando.

Brown – Se eu contasse essa história no Rio de Janeiro me chamariam de delirante.

Flashman – Oh, *darling*, só lhe peço que não sinta ódio, ímpetos, atitudes assim poderiam arruinar tudo! Venha, sente-se aqui... assim.

(Ele contempla-a).

Brown – A pura expressão da verdade é que vivenciei um fato novo, inédito. Esse gesto seria o meu gesto? Essa voz seria a minha voz? Esse olhar seria o meu olhar? Sinto-me como se fosse outra pessoa, alguém bom, reconciliada, sem culpa, e a transformação foi tão real que eu me pergunto: esta seria eu?

E ainda que minha natureza tenha sido alterada, por que eu me rebelaria, se não sinto remorso?

Esta seria eu?

78 Flashman beija-lhe grotescamente os pés, como se fosse esse seu orgasmo.

Flashman – Oh, Miss Brown! Miss Brown Sugar! O último produto da *Railway* é definitivo! O último produto da *Railway* é o milagre!

Se a senhorita morresse nesse instante, Miss Brown, a senhorita morreria inglesa! *British*, Miss Brown!

Ele se levanta, patético, eufórico, vai até o tabuleiro de xadrez e, com infinita felicidade, movimenta uma pedra.

Flashman – Vietnâmia em xeque-mate!

Flashman suspira... exausto. Ele está de costas para Brown. Ela se levanta como uma lady, olha-o arrogantemente e diz:

Brown – Pigmeu.

Flashman – Oh, darling, não me censure por obter desta maneira o meu prazer desta vida... Posso lhe comunicar algo inédito, inenarrável, um espetáculo único que a *Railway* reservou para si mesma como um segredo que o resto da Humanidade ignora. Vem.

Ele a leva até a janela e abre a cortina.

79

Flashman – A *Railway* criou a máquina visível, palpável, que se move eternamente para dentro do sol! Para dentro do sol!

Não me olhe jamais com esse olhar porque, além do mais, Miss Brown, eu jamais seria tocado por ele, ainda que chegasse o mais próximo do meu rosto, em grande angular. O que está feito... está feito. Não me censure, darling, pois eu lhe dei o melhor, eu lhe dei Lovelock!

Flashman desaparece por uma saída de espelho.

Em cena, Brown Sugar.

La Comédia é Finita!

Brown – Liberte-me então dos meus demônios e satisfaça a minha insatisfação!

Ela vai até a mesa de Flashman e joga fora o tabuleiro de xadrez, com fúria.

Brown – Faça-me imortal! Faça-me imortal!

Tenta esquecer teus crimes, sim, tenta esquecer teus crimes e eu estarei presente como mais um deles!

80

Eu sou tua culpa, Lovelock!

Eu serei tua culpa neste mundo!

Entra Lovelock.

Lovelock – Miss Brown?!...

Brown – Eu serei tua culpa neste mundo!

Lovelock – Miss Brown, diga a seguinte frase:
Perder fazia parte da minha Missão.

Repita: *Perder fazia parte da minha Missão.*

Ela olha para ele e, mecanicamente, repete sua fala.

Lovelock – Agora diga: *I don't want to come back!*

I don't want to come back!

Brown – *I don't want to come back!*

Lovelock – Kiss my boots!

(Pausa)

Brown – Eu teria te amado?

Depois de ter sido alimentada de mentiras tão sem véus... eu teria te amado?

81

Lovelock – Não olhe para os meus olhos!

Obedeça-me. Apenas me obedeça e eu te darei prazer, te farei feliz...

Kiss my boots!

Brown – Por que haveria de beijar tuas botas?

Lovelock coloca um chicote entre as pernas, como se sugerisse um falo.

Lovelock – Eu te dei música...

Ouve-se um *rock'n roll*. Ela se ajoelha tentando tocar suas pernas, mas ele a impede. Ela permanece com as mãos tentando tocá-lo.

Lovelock – Eu te dei modelos!

(Cai um painel com pôsteres de ídolos do rock'n roll).

Lovelock – Eu te dei meus gestos, eu te dei minha face e te revelei minha perfeição. E te dei mais: eu te despertei do teu sono para te fazer à minha imagem e semelhança. Te coloquei à sombra da árvore da ciência do bem e do mal e chamei de *lovely*...

82

Ele empurra-a com o pé, deitando-a de costas, e colocando sua bota sobre o peito de Brown.

Lovelock – *Kiss my boots!*

Brown – Um dia... Um dia eu te faria compreender... Uma legenda não é tão poderosa para o meu povo quanto pensas, nem teu nome desperta na minha noite mais estrelas que as existentes.

Um dia eu te faria compreender: és apenas um leviano!

Ela toca a mão de Lovelock. (Pausa)

Brown – Tuas mão são frias, tuas mãos são tão frias!

Ela se afasta dele com horror.

Lovelock – (chicoteando selvagememente o ar)
Despertarei teu corpo como se nele houvesse um segredo adormecido desde sempre!

Brown – Ator!

Lovelock – Despertarei tua cabeça e ampliarei teu sonho!

Brown – Eu serei o teu fracasso e a tua vergonha!

83

Onde quer que você esteja!

Lovelock – Eu te farei participante da minha glória!

Brown – Onde quer que você esteja, eu serei a tua denúncia!

Lovelock – *Kiss my boots! Kiss my boots!*

(Ouve-se o *train* se afastar rapidamente).

Paris, outubro de 72.

José Vicente

Ensaio Selvagem

A primeira montagem foi feita em São Paulo. Direção de Hélio Eichbauer e José Vicente, que se inspiraram no clima underground da época.

1974 – Rio de Janeiro/RJ –Teatro Ipanema

Direção: Rubens Corrêa

Coreografia: Tereza de Aquino

Elenco/personagem:

Eduardo Machado (Z)

84

José Wilker (Miss Brown Sugar)

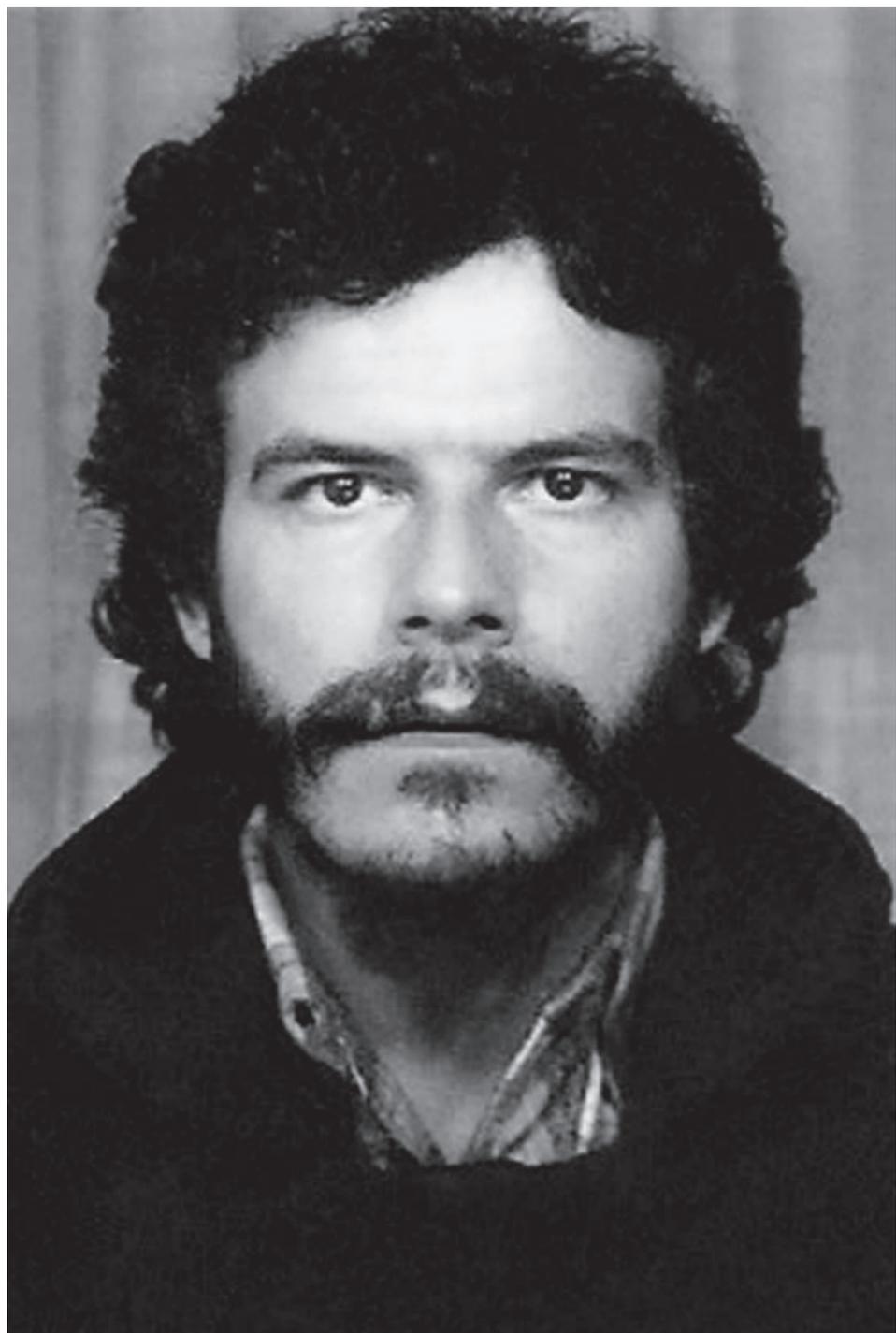
Nildo Parente (Mr. Flashman)

Renato Coutinho (Lovelock)

Cenografia e figurino: Hélio Eichbauer

Produção: Teatro Ipanema

Trilha sonora: Cecília Conde



José Vicente, em Londres, 1972

Historia General de Las Indias

Historia General de Las Indias

Tragédia

José Vicente

Historia General de Las Indias divide-se em dois planos ou tempos.

O primeiro tempo (FAG) passa-se num hotel em São Paulo, no tempo futuro.

Personagens

Juan Batista – Autor de teatro.

Joanne Howard – Repórter do *Observer*.

Ron Daniels – Negro inglês da série *Born Black Born English*.

Joanne e Ron são repórteres. Ela é branca, inglesa, radicada em Paris, de passagem por São Paulo. Joanne porta uma câmara. Ron deve usar terno e gravata.

Juan, o autor, usa um blusão de couro e sugere um homem moderno, embora perplexo.

O segundo tempo – ou plano – passa-se em El Lejano, País de Las Transparências, e refere-se ao

Império dos Incas, à época da Conquista (século 16), sendo que as primeiras duas cenas se referem ao passado legendário dos ancestrais incas. Uma saga *boliviana* fala de um casal, Manco Capac e Mama Ocllo, de quem teriam nascido Huascar e Atahualpa, correspondentes ao Caim e Abel da bíblia não escrita do povo inca.

Eis os personagens que engendram essa segunda parte da tragédia – ou plano, ou tempo:

Francisco Pizarro – Conquistador espanhol do século 16, Marqués Don Francisco Pizarro.

90

Juan Atahualpa – O último rei inca da dinastia extirpada por Pizarro e sua comitiva.

Huascar – Irmão de Atahualpa, herdeiro do trono inca, assassinado por seu irmão.

Manco Capac – Ancestral de Huascar e Atahualpa.

Mama Ocllo – Esposa legendária de Manco Capac.

Sacerdote Inca, Virgem do Sol, Monge da Inquisição, Comitiva de Pizarro, Coro, Povo Inca.

FAG

Joanne e Juan estão num hotel em são Paulo. O ambiente é vagamente aristocrático. As peças do

dormitório são de estilo antigo. O tom, porém, é moderno. Joanne porta sua câmera, Juan usa um blusão de couro.

Juan está de costas. Joanne chama-o, a câmera focalizando-o.

Joanne – Juan Baptista!

Juan se volta. Seu rosto está maquiado. Joanne faz um flash de Juan.

Joanne – Evidentemente o *Observer* não publicará essa foto. Um autor de teatro não é um clown, mesmo tendo nascido em São Paulo.

Juan – Vou tirar minha máscara pouco a pouco. Tenho que me acostumar com a ideia... com a ideia de ser eu mesmo.

Joanne – Sente-se.

Juan senta-se numa das poltronas.

Juan – Você me gosta de blusão de couro inglês?

Joanne – Eu não gosto de você *at all*.

Juan – Mesmo que eu fosse inglês?

Joanne – Que mania de querer ser inglês. Você jamais será inglês, não seja ridículo!

Juan – Quais as condições para você me amar?

Joanne – Mesmo que eu tivesse um filho teu, nem assim eu te amaria.

(Pausa) Juan retira um lenço do bolso e limpa com ele a maquiagem do rosto.

Juan – Ainda que você tivesse um filho meu, você não me amaria?

Ele ri.

Nem eu...

92 Fingi que precisava do teu amor. Eu não sou honesto. Eu nunca fui honesto. Eu queria saber até onde podíamos ir juntos. Você tem necessidade de ganhar o jogo sempre, e por isso eu te desprezo. Não, você jamais terá o meu amor, jamais.

Fui eu quem disse *não*, antes de você, e sem que você suspeitasse!

Joanne... Joanne Howard. Que diriam meus inimigos se soubessem que tive um *affair* com uma repórter do *Observer*, chamada Joanne Howard?

Que estou dizendo? Meus inimigos... Eu não tenho sequer amigos!

Um autor de teatro não pode ter amigos.

Mas ela é rara... Aliás, ela sabe que é rara. E ela daria pra mim. Isso quer dizer que...

... chamando-a.

Joanne!

Ela está colocando filme na câmera.

Juan – Você é inglesa. Mas você não escapa de ser, aqui, uma pequeno-burguesa. E é por isso que você não pode suportar nem a mim nem o que eu tenho para te revelar.

93

Joanne (monologando) – Estou dando uma colher de chá para esse *viado* e ainda sou obrigada a ouvir não só as leituras de peça dele como as agressões pessoais!

Como o autor de teatro não é dos piores... ou estaria também enganada?

Como personalidade é desapontante.

Como homem chega a ser clichê.

Não pode ser um grande autor.

Por um momento... Oh, não, nunca! Ele não tem nada para que eu possa tê-lo amado! Nem por um minuto! Nunca! Ele me dá nojo!

Esse país me confunde... Alguma coisa aqui me faz mal... para a alma!

Juan – Sei o que você está pensando... o que você está sentindo... o que você está decidindo, Joanne!

Joanne – Fui uma louca por ter acreditado em você e ter vindo parar nesse hotel horrível, e nessa cidade... irreal! Literalmente irreal!

94

Juan – Você perdeu, Joanne!

Agora é tarde demais! Você perdeu!

Você perdeu! Você perdeu!

Joanne – Esqueça a respeito, *darling*.

Ela volta a câmera para ele.

Juan – Você disse *darling*?

Joanne – Esqueça a respeito.

Ela atira-lhe uma carteira de cigarros.

Joanne – *Give a fag!*

(Pausa). Ele olha a carteira de cigarros.

Joanne (insistente e definitiva) – *Give a fag!*

Juan – *Fag... fag...*

Joanne – *Give a fag!*

Ele toma um cigarro, acende-o, posando, enquanto ela lhe faz um *flash*. O *flash* coincide com um rápido *blackout*.

Ouve-se bater à porta. Juan abre, entra Ron Daniels. Ele é um negro inglês, muito elegante, repórter do *Observer*.

95

Ron – *Glad to see you, mister Baptista. Your town is very peculiar. São Paulo got the blues.*

Juan – *Vous parlez français?*

Joanne – *He don't!*

Juan – Não posso fazer a entrevista em inglês, estando no meu próprio país. Sou um autor que se opõe ao colonialismo! É a tecla em que baterei *usque ad nauseam!*

Joanne toma Juan por um braço e Ron toma-o pelo outro e dão voltas com ele pelo espaço do hotel.

Ron – *They don't like nigros, in São Paulo.*

Juan – *White chauvinist pigs! All the way from São Paulo!*

Ron – *That's it!*

Joanne – Em português, meu querido, em português.

Juan – Meu *accent* incomoda?

96 Joanne – Incomoda.

Juan (para Ron) – *She hates me!*

Ron – Why?

Juan – *Je ne comprend pas.*

Juan se desfaz dos dois e toma um drinque, que consiste num extravagante copo com menta e hortelã. Joanne conversa em tom baixo, num canto, com Ron Daniels. Juan olha-os com certo nervosismo selvagem.

Ron (ao final da conversa com Joanne) – *I don't believe!*

Juan (à parte) – Coquetel molotov! Eis o coquetel que está faltando!

Joanne – *I know brazilian, dear, I know them!*

Joanne se volta para Juan.

Querido, vamos começar a entrevista! Ron Daniels vai fazer as perguntas em inglês, eu traduzo, ok?

Juan – Ele é inglês?

Joanne – Da série *Born Black Born English*.

Ron Daniels – *Bag your pardon, Miss Howard?*

97

Joanne – *Daniel, don't call me Miss Howard, please! I mean, in Brazil.*

Juan – Que barra!

Preto e inglês, e repórter do *Observer!*... Mesmo estando no século 21!

Joanne – Não se preocupe, ele é inglês, não é *british!*

Juan – Que susto!

Os três tomam imediatamente seus lugares, sendo que Juan fica ao lado de Joanne. Ron

Daniels toma um gravador ou lápis e papel para a entrevista.

Ron Daniels – *Mister... Baptista, how many plays did you write?*

Joanne – Quantas peças você escreveu para o teatro?

Juan – Cinco.

Joanne – Cite alguma que fale à memória do público...

Juan – *Straight Acting.*

98

Joanne – É conhecida do público brasileiro?

Juan – *Hummm... Was a bad play. I mean, a really bad play.*

Joanne – Fale estritamente em português!

Ron Daniels – *You wrote another play, didn't you?*

Joanne – Sua nova peça...

Juan – É uma tragédia.

Joanne – *It's a tragedy!*

Ron Daniels – *That’s fine! What’s the name?*

Juan – *Historia General de Las Indias.*

Joanne – *Historia General de Las Indias.*

Ron Daniels – *Is it a spanish name?*

Juan (para Joanne) – Ele talvez quisesse beber alguma coisa...

Joanne – *Don’t move!*

(Pausa). Silêncio. Há uma atmosfera de violência e pânico entre Juan e Joanne.

Ron Daniels (interrompendo o silêncio entre Juan e Joanne) – *Any point, Miss Howard?*

Joanne – *Don’t call me Miss Howard, Daniels!*

Ron Daniels (a Juan) – *Mister Baptista, what about Historia General de Las Indias?*

Joanne – Sobre o que é sua obra-prima, *darling?*

Juan – Sobre uma raça pura provavelmente nativa da América do Sul, e que sugere um classicismo insuspeito; essa raça pura – o inca – nasce pelo Oceano Pacífico e pelo deserto. Há uma saga boliviana que conta a história de um casal

ancestral, Manco Capac e Mama Ocllo, de quem teria nascido dois irmãos, Huascar e Atahualpa: eles são o Adão e Eva, Caim e Abel, da bíblia não escrita dos incas.

Harold Pinter escreveu um drama sobre o mesmo tema. Sendo um autor do hemisfério onde o fato se deu historicamente, acreditei poder escrever uma tragédia a respeito.

Enquanto Juan fala ouve-se a voz de Joanne traduzindo em inglês. No segundo plano inicia-se *Historia General de Las Indias*.

100 Juan – O personagem de *Historia General de Las Indias* é Francisco Pizarro, nobre espanhol do século 16, saído da sombra sinistra da Inquisição e das páginas esquecidas da História da Conquista.

Projeta-se desenho ou foto de Francisco Pizarro.

Juan – O Marqués Don Francisco Pizarro encontra-se no remoto e legendário império do rei Atahualpa, o último inca.

Acende-se a figura de Francisco Pizarro, correspondente à foto projetada.

Pizarro – Por barco e mares singrando

E em léguas por caminhos vim

De gris, vale e montanha

Francisco Pizarro sou

Da parte venho de Espanha.

Vê-se a máscara de Atahualpa, que consiste numa cabeça de condor.

Atahualpa – Estás em *El Lejano País de Las Transparencias*.

Que ensinas além do ausente?

101

Há um *blackout*. Ouve-se *Peer Gynt*, de Grieg.

Capítulo Primeiro: Tiahuanaco

Coro – No princípio era o pó.

Então Huiracocha se estabeleceu em Tiahuanaco, onde criou o Sol e a Lua, as estrelas, o céu e a terra, Atacama, a cordilheira, o lhama, o condor e a águia.

E Huiracocha disse: façamos o homem à nossa imagem e semelhança.

E Huiracocha criou o homem à sua imagem, criou-os varão e fêmea, e ordenou que reinassem sobre a Terra.

E foi assim que nasceram Manco Capac e Mama Ocllo, ancestrais.

E Huiracocha voltou à sua morada, e se fez silêncio.

Abre-se a cortina e estão em cena Manco Capac e Mama Ocllo.

Ela usa um vestido longo, está de tranças e porta um espelho na mão.

102

Ele está sentado numa liteira, e sua cabeça está coberta por uma coroa de raios representando felinos e serpentes. Em cada mão sustenta um cetro cuja extremidade é esculpida em forma de cabeça de condor.

Coro – E Capac e Ocllo se fizeram pastores, e em volta deles se uniram as tribos dispersas sobre o deserto.

Povo inca se une em volta de Manco Capac e Mama Ocllo.

Coro – E desse modo nasceu o povo inca.

Ouve-se uma voz cantando uma canção: a voz de Mama Ocllo.

Mama Ocllo

Hace-me pajaro

Oh, hace-me pajaro

Pela noite

E até amanhã

Hace-me pajaro

A cena mostra Mama Ocllo numa sala de pedras. 103

Pizarro – Guarda teus sóis e tua máscara, e mostra no espelho da minha a tua imagem, aquela diante da qual tu mesma dirias: sou eu!

Mama Ocllo se ajoelha e se cobre com horror.

Mama Ocllo – Cupay!

Pizarro desaparece.

Mama Ocllo – Ou era só o vento?

Parecia adivinhar meu lamento meu sonho mais secreto.

Máscara original, ou gênio, se a voz do medo ouvi, ou se a face real do segredo vi, um filho entre meus filhos terei – e será rei!

Coro – Ora, estando Manco Capac no campo, uma tarde, para receber a benção do último raio do deus Sol, avisou-lhe Inti, o pássaro sagrado, que viria à Terra visitá-lo.

Que o rei tecesse com suas próprias mãos uma gaiola, e deixasse aberta a porta, e não olhasse, pois Inti se faria visível.

Em cena Manco Capac e uma gaiola vazia. Ele abre a porta da gaiola e deita-se por terra em atitude de adoração.

Inti (representado por um pássaro ou não) – Capac, pai, Huiracocha foi seduzido pela virtude do teu povo e o acompanhará através do deserto. Tuas cidades serão incorruptíveis, na pedra. Teu dia, transparente, e tua noite, inviolável.

E quanto a ti, sinal vivo de Inti na Terra, cuidarei da tua descendência: terás um filho que herdará teu lugar quando partires de volta ao Sol, e em teu filho se unirá teu povo, e ele será ungido, e eu enviarei Huiracocha para abençoá-lo... ou para destruí-lo!, caso ele venha a trair a bênção que ora te dou.

Há uma solução ilusionista para a cena: Inti aparece dentro da gaiola e a seguir a gaiola reaparece vazia, e Manco Capac levanta-se, levando-a consigo, como se Inti estivesse dentro e ele o visse.

Capítulo Segundo: Huascar e Atahualpa.

Coro – Da descendência de Manco Capac e Mama Ocllo nasceram dois filhos varões, Huascar e Atahualpa.

Numa límpida manhã dirigiram-se Huascar e Atahualpa ao Templo do Sol para aí depositarem suas oferendas à divindade.

105

E tomou Huascar dos frutos do vale e os ofereceu a Inti, com a seguinte oração.

Em cena Huascar e o sumo sacerdote inca. O sumo sacerdote está de pé, oficiando a oferenda de Huascar.

Huascar – Inti, pássaro supremo, luz de tudo que é visível e de tudo que os olhos mortais não veem, a ti ofereço dos frutos da terra de meu pai Manco Capac, para que se estabeleça através de mim a união entre ti e meu povo.

Huascar entrega dos frutos da terra ao sacerdote e a seguir retira suas armas de guerreiro

e entrega-as ao sacerdote, que as deposita no altar juntamente com a oferenda.

Huascar – E porque olhaste para mim e me escolheste para iluminar teu povo, por ti combaterei todo aquele que se fizer inimigo da tua bondade, da tua justiça e da tua beleza.

Coro – Ao sair encontrou Huascar, esperando à entrada do templo, seu irmão Atahualpa.

Huascar (para Atahualpa) – Conheço até o crime que ainda não cometeste!

Huascar sai. Entra Atahualpa no templo.

106 Atahualpa – Que veem meus olhos à luz do sol?

Telhados vermelhos da manhã de Cuzco.

O céu é tão transparente que é como se fosse vazio.

Eu sou o mais forte porque para mim o céu está vazio.

Não me sacrificarei à divindade suprema.

Jamais cometerei semelhante pecado.

A claridade do meu olhar se apagará como se apaga a luz de uma estrela que morre.

E o céu continuará vazio.

Não, nada de sacrifícios vãos. O poder supremo das feiticeiras, das criaturas do mais recôndito reino da noite, Inti e suas criações, a visão da justiça não cabe ao meu olhar. O secreto há de permanecer secreto. Eu vejo apenas o que os meus olhos veem: telhados vermelhos da manhã de Cuzco.

Deusa da Fertilidade, soberana vulgar dos dias, jamais abandone este povo, jamais. Entre o leite das cabritas e a graça de Inti, dá-lhe o leite das cabritas!

Pois a ti ofereço, nesta manhã, uma das virgens do sol, purificada.

107

Atahualpa faz um sinal com a mão e entra uma virgem do sol, que baila uma dança enigmática, ao som de uma flauta e mandolina. O sumo sacerdote se ajoelha, atemorizado, e pede perdão diante do altar. A virgem interrompe sua dança e *se suicida* sobre o altar com as armas de Huascar.

Atahualpa (ao sumo sacerdote) – A quem temes?
Ao céu indiferente? Ao silêncio de Deus?

Fora deste santuário, fora!

Eu, Atahualpa e inca sou o sacerdote supremo!

Eu, Atahualpa, sou o poder deste Império!

O sumo sacerdote se retira precipitadamente. Atahualpa toma nos braços a virgem ensanguentada.

Pobre ave gentil!

Tivesse eu também esse poder, e incorporaria na minha tua vida, para que a sombra da morte não cobrisse tua face com suas asas!

Atahualpa beija a boca da virgem do sol, desesperadamente. *Blackout.*

108

FAG

No hotel em São Paulo. Ouve-se o riso de Joanne, metálico. Juan monta um projetor de slides. Ron fuma cigarrilha – ou charuto – ou cachimbo.

Ron – *It's epic!*

C'est épique!

Joanne – Que público vai se interessar por personagens tão distantes?

Juan – Por um momento me pareceu que estava escrevendo um clássico insuspeito da dramaturgia.

Ron – What did he said?

Joanne – A mim só me interessa como kitsch!

Ron – *It is not kitsch at all!*

Juan – Um povo exterminado por uma civilização que absolutamente não lhe era superior!

Juan projeta foto – ou pintura de Huascar.

Juan – Esse é Huascar, o inca irmão de Atahualpa. Os dois reinaram simultaneamente sobre o mesmo império, conhecido pelo nome de Tahuantinsuyo.

Ao que se sabe o pai de Huascar e Atahualpa fez a divisão do império para satisfazer Atahualpa, seu favorito. Por legitimidade, o trono cabia a Huascar.

109

William Burroughs escreveu sobre esse personagem gris.

Joanne – Que quer dizer gris?

Juan – Não tem tradução.

Huascar foi o décimo terceiro inca da dinastia de Manco Capac: é um rei-general, um nobre de uma estirpe legendária de gnomos.

Ouve-se um toque de clarim e o personagem de Huascar aparece em cena. Ele está ensanguentado – e com suas vestes reais.

Joanne (entediada) – Está sangrando?!

Juan – Foi assassinado por Atahualpa.

Joanne – Que sinistro! Eles praticavam o vodu?!

Juan – Claro que não, eram ou atlantes ou asiáticos.

Havia uma lenda que prometia a volta de Huiracocha – o Criador – caso o império fosse dividido.

110 Huascar e os huascaristas haviam recebido Pizarro como o deus branco da lenda.

Atahualpa assassinou-o por traição.

Ao morrer Huascar diz essa fala:

Huascar (em cena) – A fogueira emanava ontem um longo fumo, que chegava até Inti. No meio do deserto, de entre as cinzas dos pássaros queimados e de entre o fogo vi sair um condor. Abri-lhe o peito, examinei seu coração, mas o encontrei vazio.

Apresenta-se o personagem de Atahualpa, de máscara, vestido com as roupas reais, usadas

no início por Manco Capac, e que inclui os dois cetros, um em cada mão.

Joanne – A star king!

Entra Pizarro.

Pizarro – Por barco e mares singrando, e em léguas por caminhos vim, de gris, vale e montanha, Francisco Pizarro sou, da parte de Espanha venho.

Atahualpa retira a máscara de condor – ou águia.

Atahualpa – Estás en... El Lejano País de Las Transparencias.

111

Que ensinas além do ausente?

Pizarro – Jesus Cristo, el hijo de Diós vivente!

Huascar ajoelha-se diante de Pizarro e diz a fala ... A fogueira, etc. Atahualpa assassina-o nesse instante. Ouve-se o grito de morte de Huascar. (Pausa)

Atahualpa – Qué tienes com nosotros, Jesus, hijo de Diós?

Pode-se ouvir um *rock'n roll*.

Capítulo Terceiro: Discurso de Atahualpa ao Povo.

Atahualpa está sendo vestido em suas roupas reais, pelo coro. Huascar se veste de monge da Inquisição, com capuz.

Atahualpa – Filhos de Atacama, há um estrangeiro no reino do Tahuantinsuyo de quem se diz ser Huiracocha, o deus enviado pelo raio da prata do Sol. Dizem que porta a espada da justiça e monta um cavalo.

112 Sua pele é branca como o lhama, suas mãos são de fino talhe, sua barba longa. Em comum ouço dizer que temos apenas a cor dos cabelos – negra.

Huascar, meu irmão, adorou-o, aceitando sua linguagem e recebendo sua autoridade, o mesmo fazendo o povo que seguia a Huascar, meu irmão – guerreiros, mulheres e crianças.

Por semelhante ato, não tive dúvida em mandar assassinar a Huascar.

Sei ainda do estrangeiro que se chama Pizarro e vem de outra parte da Terra.

Ouçó dizer que é dotado de gestos encantadores, raciocínios admiráveis, uma beleza incom-

parável – sim, incomparável! – além de possuir uma surpreendente capacidade de sedução.

Tanto que não sei se tal Pizarro aqui se encontra para render homenagem a vosso inca Atahualpa ou tão somente para tomar posse desse reino e suas riquezas.

E posto que fala em justiça e porta a espada do sol, aqui me encontro para ouvir sua linguagem e conhecer sua verdadeira face!

Atahualpa senta-se no trono majestosamente. Ouve-se *Toreador*, da ópera *Carmen*, de Bizet.

Capítulo Quatro: Conquistador.

113

Entra Pizarro, montando um cavalo de vidro.

Pizarro – Fui informado de que, na transparência da escalera da rígida Cordijera, há um soberano por nome Atahualpa, a quem devo me apresentar, antes de conquistar esse reino andino, por nome Tahuantinsuyo.

Atahualpa diz alguma coisa em quíchua, Huascar traduz.

Huascar – Yo, hijo de Inti y de mi padre Capac, siempre hablé y gorbé con la palabra!

Pizarro estende uma bíblia a Huascar.

Pizarro – Em nome de sua majestade, o grande rei Carlos, de Espanha, assumo o poder sobre essas terras, uma vez que nelas a palavra de Deus, pela Inquisição sagrada, não foi ainda divulgada.

Huascar, vestido de monge da Inquisição, apresenta a Atahualpa a bíblia. Atahualpa examina-a, coloca-a no ouvido e a seguir atira-a de volta aos pés de Pizarro. Atahualpa volta a dizer alguma coisa em quíchua a Huascar, que traduz.

Huascar – Não ouço a voz do teu deus nem vejo neste objeto o rosto do teu rei.

114

Além do mais, como pretendes julgar-me ou ser o meu juiz estando sob a luz do meu país?!

Pizarro apanha furiosamente a bíblia, entrega-a novamente a Huascar, que faz uma vênia a Pizarro, benze-se, e sai precipitadamente de cena, fazendo ruído com as vestes.

Em cena, Pizarro e Atahualpa.

Pizarro – Tudo o que disseres será em vão!

Tudo o que fizeres será em vão!

Pizarro ergue a espada.

Pizarro – Chama-me de cavaleiro da justiça: a beleza hei de injuriá-la até a morte!

Ouve-se toque de clarins, como numa tarde de touros.

Entram dois integrantes do coro, vestidos com roupas de toureador, com bandeirolas, e lançam-nas sobre Atahualpa. A cena deve reviver uma tourada, sendo Atahualpa o touro que será sacrificado.

Ouve-se novo toque de clarins, depois que Atahualpa está sangrando por terra.

Então Pizarro – o matador – aproxima-se de Atahualpa.

115

Pizarro – Mas eu te dou uma chance: tenha o meu amor!

Atahualpa – No princípio era a pedra.

O gris, o pó, o exílio e Atacama.

Do deserto meus pais fizeram nascer uma cidade – e era incorruptível, até o Sol me olhou com indulgência, já que de mim se dirá: *Atahualpa é seu povo*.

Eu sempre estive aqui. Eu poderia te mostrar meu reino, e suas minas, e seu tempo.

Mas tudo que eu narrasse ou mostrasse – de mim – seria banal.

Só não tive o que não quis – e o que quis me aborreceu.

Chama-me de rei. Se um houve nestas terras – esse rei sou eu.

O amor? – Tenha o meu!

Pizarro abraça-o, tomando sua cabeça nas mãos. Atahualpa por um momento se entrega à proteção de Pizarro.

116

Atahualpa – Poupa-me da dor...

Pizarro – Eu te farei participante da minha...
legenda!

Atahualpa Poupa-me... da dor!

Da dor... da morte!

Atahualpa afasta-se dele.

Pizarro – Ele tem asco! Ele tem asco! Como pode ser ele aquele que tem asco?

Não pouparei da dor! De nenhuma dor!

Atahualpa chama seu povo.

Atahualpa – Filhos da pedra e do pó, há um estrangeiro em nossas terras que se diz Deus. Dai a esse aventureiro tudo o que este império possui. Dá-lhe ouro, dá-lhe prata, dá-lhe das riquezas dos templos e dos palácios, descobri as montanhas e fazeis aparecer todos os tesouros – até o mais secreto – e dá-lhe, e em tal abundância até onde alcance, erguida, sua espada!

O coro traz a Pizarro – simbolicamente – ouro e reflexos das minas, os quais são depositados sobre Pizarro.

117

Atahualpa – Jamais voltarás desta aventura.

Um de nós dois morrerá, e aquele que viver já não terá para onde voltar.

Pizarro – Serás julgado!

Eu serei o teu juiz!

Julgado!

Pizarro faz com que se improvise um tribunal, onde ele será o juiz.

Capítulo Quinto: Julgamento.

O tribunal é formado por Pizarro e sua comitiva, mais Huascar. Há uma mesa à qual se sentará Pizarro, o juiz.

Atahualpa é conduzido perante o tribunal.

Pizarro – Atahualpa, último rei dos incas, és acusado de haver usurpado o trono do... Tahuantinsuyo. Que quer dizer Tahuantinsuyo?

Alguém da comitiva – Tahuantinsuyo, o nome do império inca, quer dizer: *As quatro partes do mundo*.

118

Pizarro – Oh!

Pizarro bate sobre a mesa, coloca óculos, e recomeça o julgamento.

Pizarro – Atahualpa, último rei dos incas, és acusado de haver usurpado o trono do Tahuantinsuyo, que pertencia por legitimidade a seu irmão Huascar.

Atahualpa – O povo queria a mim.

Nasci destinado à realeza como o escravo nasce destinado à submissão. Há uma ordem inviolável

no universo, uma lógica intangível que nem tu nem eu podemos romper.

O povo queria a mim, não a Huascar, o justo, o ungido. Jamais desprezei Huascar por acreditar na justiça: zombava da sua heroica renúncia ao mundo e não compreendia sua... santidade. Talvez eu tenha amado e até invejado sua fidelidade à alma secreta deste povo. Mas o povo amava a mim, a mim que nascera destinado a devorar a aparência do visível, cobrir-me dos reflexos das minas de meus pais e tornar-me uma ópera – além da condição mortal!

Cubra de ultraje o meu nome e peça à hedionda feiticeira do tempo que me castigue com o esquecimento. O povo queria a mim!

119

Meus pais construíram cidades na pedra: a pedra permaneceu, mas meus pais morreram. Meus pais acreditaram que sua alma voltaria à morada do Sol, depois que se desligasse do corpo.

Oh, jamais me alimentei de esperança tão vã: a imortalidade eu a esgotei aqui, para que fosse... real!, aqui.

Banhando-me na fonte, entre eucaliptos e tardes iluminadas de ouro e vento de Cuzco e assistindo

ao crepúsculo, descobri que a mim me fora dado viver para sempre!

Atahualpa – Então troquei o crepúsculo de Cuzco, que me entristecia, pela manhã transparente, que me devolvia a fonte da alegria.

Untava-me com óleo, cobria-me de adornos, deitava-me sobre a relva e escolhia entre meu povo aqueles que pela sua destreza pudessem me servir. E com que prazer me serviam!

Convoquei videntes e feiticeiros e todas essas estranhas criaturas para que unissem forças ocultas e poderes secretos – desde a mais ignorada erva ou raiz de Atacama até a mais distante estrela – para que em seu rei Atahualpa fosse perpetuada a eterna adolescência.

Meu povo construiu para mim uma cidade na mais alta montanha destas terras – e tão alta que nela as nuvens tocavam e mesmo a águia da cordilheira não ousava escalar.

Para que eu contemplasse e transportasse para mim o universo inteiro e adquirisse o poder da imortalidade, e até a visão da justiça!

A mim me foi dado participar de todos os prazeres da Terra, todos. O povo queria a mim, não

a Huascar, para ser O Filho do Sol! E tanto, que já não era eu quem disputava a beleza, mas ela me disputava: amar Atahualpa era um privilégio!

Ver Atahualpa era o maior espetáculo dentre os espetáculos destas terras!

Atahualpa geme.

Atahualpa – Poupa-me da dor... da morte!

Pizarro – Participará da ressurreição dos mortos. Eu te darei esse prêmio!

Atahualpa – O céu está vazio, agora, como teus olhos estão vazios, como tuas mãos estão vazias, e como teu rosto, onde só vejo tua máscara.

121

Tirai-a e que sobrar de ti?

Que tens ainda em ti, de teu, próprio, que possa voltar à morada original?

Tristes dias de glória e alegria!

Pizarro – Teu corpo ressuscitará e participarás da eternidade!

Atahualpa – Patético estrangeiro de barbas! Não vêes que o céu está vazio e que é aqui, na Terra, nosso único encontro marcado?

Guarda-te da esperança vã, e guarda-te, sobretudo, da tua própria e monstruosa mentira!

Poupa-me de ver ou ouvir sobre a morte!

Pizarro bate furiosamente sobre a mesa, coloca óculos e toma um pergaminho ou papéis.

Pizarro – Atahualpa, último rei dos incas, é acusado de haver assassinado seu irmão Huascar, o herdeiro legítimo do trono!

Que palavras tens para o crime?

122 Atahualpa – Acusa-me de um crime ridículo, pois como posso ser o assassino de uma sombra?

Pizarro – Teu irmão não é uma sombra, e sabes disso, pois o assassinaste!

Se os mortos pudessem retornar a este mundo seria Huascar – não eu, Pizarro – o teu juiz!

Ouve-se a voz de Huascar cantando a canção que diz *Hace-me Pajaro*.

A imagem do tribunal se apaga e vê-se Huascar com o rosto branco como cera, no delírio de Atahualpa.

Huascar – *Hace-me pajaro*

Oh, hace-me pajaro

Pela noite

E até amanhã

Hace-me pajaro

Atahualpa – És tu, Huascar, o ungido?

Huascar – Sou teu irmão Huascar, a quem usurpaste o trono e a quem assassinaste!

Atahualpa se afasta, com medo e horror.

Huascar – De nada valeria nossa vã luta... Nossos guerreiros mais valorosos converteram-se em nuvem de areia sobre Atacama, e nossos exércitos foram todos aniquilados, e quem restou ainda com vida se matou, para escapar ao jugo do estrangeiro de barbas, pois Pizarro é invencível!

123

Atahualpa se fecha no chão, como um animal humilhado, e retira a coroa, o manto real e todos os adornos de rei.

Atahualpa – Afasta-te de mim!

Huascar – Que dirás tu ao povo, agora que Atacama escondeu seu sonho para sempre?

Atahualpa – Leva minhas vestes e tudo o que sobrou deste reino, e apaga para sempre sua ruína!

Não quero ver tua máscara roubada da vida nem teu espectro a quem eu teria de gritar: *Traidor! Traidor!*...

Huascar – Longa é a noite dos submissos.

Vazio de estrelas é o céu da submissão.

Que dirás tu ao povo, agora que Atacama perdeu seu sonho para sempre? Tu, o eleito, o bravo, o filho predileto do Sol, tu, o grande Atahualpa, o maior príncipe das Quatro Partes do Mundo, que dirás tu ao povo, agora que Atacama perdeu seu sonho para sempre?

124

Atahualpa, grande rei, nós perdemos!

Nós perdemos!

Huascar desaparece gritando: *Perdemos!*...
Atahualpa fica sozinho. (Pausa)

Atahualpa – Ele se foi?...

Teria sido real?

Por que insistiu em me culpar como fosse um crime sem perdão?

Ouvem-se as batidas de Pizarro sobre a mesa e o tribunal se reacende. Pizarro olha o humilhado no chão, com ar vitorioso.

Pizarro – Atahualpa, último rei dos Incas, despe-te-te da terra e sonha a eternidade nas últimas horas que te guardam esta noite. Amanhã, quando o Sol iluminar a manhã de Cuzco, serás executado.

O tribunal se levanta e brada em coro.

Tribunal – Culpado!

Pizarro ergue a espada de matador e finca-a sobre a mesa do tribunal.

125

(Blackout).

FAG

A cena volta ao hotel em São Paulo.

Estão em cena Joanne, Ron Daniels e Juan.

Joanne – Não entendo o meaning.

Joanne se levanta para sair.

Juan – Você não assiste à última cena?

Joanne – Não suporto ver a mesma peça mais que uma vez e esta já é a segunda!

Juan – E você vai sozinha?

Joanne – Sozinha. *Such a word!*

Joanne sai. Juan e Ron Daniels permanecem em cena.

Ron Daniels – *I'll see you later... Miss....*

Joanne (para Juan) – Talvez eu não goste do estilo. *Something.*

126 Ela coloca um casaco e sai. Sua saída deve ser triunfante. Juan vai à porta.

Juan – Quer que eu chame um táxi?

Não ouve o que ela diz. Juan volta só.

Juan – Disse que vai de metrô.

Ron Daniels – *Your pardon?*

Juan olha-o com surpresa inesperada, retira uma folha e passa-a a Ron Daniels.

Juan – É a última cena. Leia-a. Leia-a.

Ron Daniels (soletrando) – *Le-i-a.*

Juan – Ah!

Há um *blackout* rápido. Vê-se a imagem de Ron Daniels segurando uma folha. Pode também ser um livro com o título *Historia General de Las Indias*.

Capítulo Final: A Tragédia de Francisco Pizarro.

A comitiva de Pizarro prepara a forca onde Atahualpa será executado.

Pizarro – Esperei encontrar em ti um novo conceito para a inocência.

A quem tenho diante de mim?

127

Um rei sem mistério, e que mendiga minha complacência.

Se teus olhos mentem, teu gesto te trai!

É como se eu conhecesse tua submissão desde sempre!

Como poderia te chamar de *tu, vosotros*, ou como em inglês *you*, sem esconder meu desprezo?

Eu poderia exigir que me tratasses por: Marqués Don Francisco Pizarro, mas estando em seu país exijo apenas *señor!*

Atahualpa é conduzido à forca. O monge da Inquisição se aproxima para batizar Atahualpa.

Pizarro – Ainda assim posso provar que sou magnânimo.

Te livreii da pena da fogueira – em que, pelas regras da Santa Inquisição, serias queimado como bruxo.

Ganhaste a forca. Não me recordo que algum nobre ou rei europeu tenha sido executado por enforcamento, mas entre a fogueira e a forca, a segunda me parece menos indigna.

128 Te prometi a comunhão dos santos e a terás, serás batizado com um nome cristão: Juan.

A elegância na escolha deves à Igreja, não a mim.

O monge se aproxima e batiza Atahualpa.

Monge – Juan.

Juan Atabalipa.

Pizarro – Juan não era mau, se fosse Juan Batista poderia significar alguma coisa, uma promessa... Eu te dou Juan Batista e ficas me devendo Jesus Cristo... Enfim, Juan Atabalipa é um castigo que não merecias.

Pizarro lava as mãos tal qual Pilatos.

Atahualpa (gritando) – Não podes ganhar o jogo sempre!

Pizarro – Tarde demais!

Atahualpa – Pouco sabes da minha gente se pensas que pode mover-se sem uma ordem minha, pois se não quero nem as aves voarão da minha terra!

Pizarro – Estamos sozinhos na Terra e eu sou o juiz!

Atahualpa – Esqueces que eu estarei presente...

129

Pizarro (ao carrasco) – Enforcem-no!

O carrasco se aproxima e coloca-lhe a forca.

Atahualpa – Por toda eternidade eu estarei presente!

Pizarro – Nem mais um minuto!

Pizarro começa a se afastar.

Atahualpa – Na tua mentira estarei presente.

Na tua ambição estarei presente.

Dia por dia, e por cada fio de cabelo do meu povo que assassinaste estarei presente.

Noite por noite, rondarei tua cabeça como a águia negra da cordilheira, e impedirei o teu sono. Em vão gritarás pela inocência dos teus descendentes ou que o deus Sol te limpe do teu crime, pois eu estarei presente!

Zombarei da tua justiça e tua beleza será corrompida!

O carrasco faz com que Atahualpa se ajoelhe, enquanto o monge batiza-o rapidamente.

130 Monge – Juan, *ego te baptizum in Nomine Patris et Fili et Spiritus Sancti. Amen.*

Atahualpa é executado.

FAG

Vê-se Ron Daniels lendo uma página do script da tragédia ou *Historia General de Las Indias*.

Ron Daniels (lendo) – ...*aquí acaeció la cosa más estraña que se ha visto en el mundo, que yo vi com mis ojos y fué: que estando en la Iglesia cantando el ofício de difuntos a Atabalipa, llegaron ciertas señoras hermanas y mujeres suyas*

y otros privados com grand estruendo, tal que impedieron el oficio, y dijeron que le hiciesen aquella fiesta mucho mayor, porque era costumbre, quando el grand señor moría que todos aquellos que bién le querían se enterrasen vivos con él: a los cuales se les respondió que Atabalipa había muerto como cristiano, y como tal le hacían aquel oficio, que no se debía de hacer lo que ellos pedían que era muy mal hecho y contra Cristiandad; que se fuesen de allí, y no les estorbasen, y se le dejasen enterrar. Y así se fueron a sus aposentos, y se ahorcaron todos ellos e ellas. Las cosas que pasaron esos días y los extremos y llantos de la gente inca son muy largas y prolijas, y por eso no se dirán aquí.

131

Projeta-se atrás a imagem do povo inca enforcado em suicídio por seu rei Atahualpa.

(Blackout).

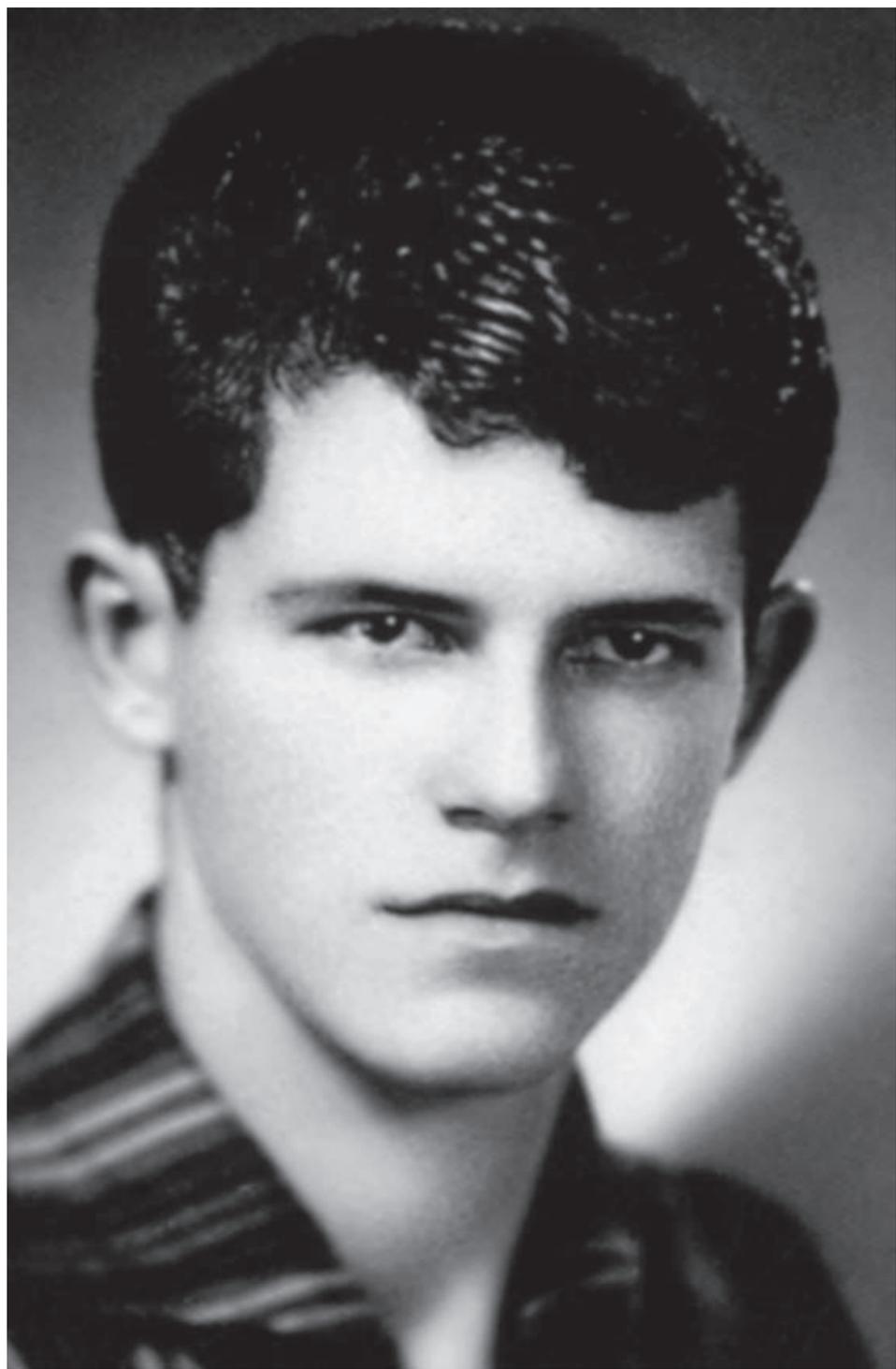
José Vicente

Dezembro/1973

Historia General de Las Indias foi encenada:

Em São Paulo, sob a direção de Roberto Nogueira.

No Rio de Janeiro, sob a direção de Rubens Corrêa.



Rock and Roll

Rock and Roll

José Vicente

Comédia em dois atos

Personagens

Margarida – Ex-atriz do teatro de protesto em São Paulo. Por causa da repressão parou de fazer teatro. Margarida agora é amante de Jorge.

Raul – Autor de teatro. Ele não é engajado. Antes, é apaixonado pelo *rock*, e vive de acordo com a última moda ditada pela sociedade alternativa. Raul pensa em traduzir o *rock* em termos brasileiros.

José Carlos – Amigo de Raul. José Carlos é um poeta do Rio que acompanhou Raul durante 18 anos ao longo das loucuras de Raul. Os dois são inseparáveis.

Jorge – Bancário, amante de Margarida. Ele sustenta Margarida. Jorge é sociedade estabelecida. Usa terno e gravata nos moldes convencionais.

Cenário

A sala de visitas do apartamento de Margarida, no centro de São Paulo, é uma sala simples, decorada com fotos de Margarida do tempo em que ela fez teatro.

Época

Atual

Observações

Rock and Roll é uma peça que trata do universo do *rock*. Por isso deve ter uma trilha sonora eficaz, do gosto do encenador, desde que não fuja ao espírito da peça.

ATO I

CENA 1

Margarida está sentada. Ela usa roupas convencionais.

Margarida – São Paulo, capital, centro do sonho brasileiro. Milhões de habitantes, milhões de cores nas ruas. São Paulo, capital, angústia e esperança, sonho e realidade. Nenhuma filosofia, nenhum profeta. Anos 1980. Algo anunciando que o Brasil cresceu e se transformou num outro país e ninguém sabe o que se passou. *Vê se me isola, vê se me isola, de dia estou de pijama, de noite de camisola.* São Paulo, capital, impiedade em concreto armado. Derrubam os casarões da Avenida Paulista. São Paulo, capital. São Paulo e nenhum passado. Moro no centro da cidade. Aqui é outro mundo, outra realidade. Na rua os carros se misturam com poetas e prostitutas, homens de família e homens de negócios, uma polícia permanente e marginais que São Paulo criou. Boêmia, devassidão, pornografia e pressa. São Paulo, capital, a cidade me espreita como um gato ou como a câmera fotográfica. *Vê se me isola, vê se me isola, de dia estou de pijama, de noite de camisola.* (Música)

Há um flash fotográfico na figura de Margarida sentada. Toca a campainha.

Margarida – Quem será, numa segunda-feira brava como hoje?

Margarida abre. Entram Raul e José Carlos vindos do rio. Os dois amigos trazem as valises de viajantes. Usam terno e gravata, dentro da moda atual e têm os cabelos curtos, também dentro da moda atual. Eles vieram tentar São Paulo, Raul traz sua máquina de escrever e um gravador para cassete:

138 Margarida – Vocês dois?!

Raul – Margarida, *darling*!

Eles se beijam e se abraçam.

Raul – Voltamos!

Margarida – De onde vocês estão vindo?

Raul – Do Rio, da casa de nossa família. Resolvemos tentar São Paulo mais uma vez. Podemos ficar no apartamento uns dias?

(Pausa)

Raul – Por uns dias... Você está morando sozinha, não está?

Margarida – Jorge voltou!

(Pausa)

Raul – Não podemos ficar aqui mais?

Margarida – Não sei se o Jorge vai gostar, sabe, Raul... Eu tenho de ser honesta com vocês dois. É ele que me sustenta!

Raul – E você atualmente não está fazendo nada?

139

Margarida – Nada! Estou parada! Paradona!

Raul – Eu estou meio perdido nos 80, mas uma coisa é certa: arrumar um emprego em escritório, ou seja lá onde for, eu não vou!

José Carlos – E como você vai sobreviver?

Raul – Lançando a Margarida no *underground* de São Paulo!

José Carlos – Você não sabe o que é ser anarquista! Ser anarquista é criar, em arte, a metáfora do real. Assim. Está vendo.

José Carlos toma um batom vermelho e passa nos lábios.

José Carlos – Exprime o terrível do Rio e da sua realidade... Fui eu que disse a você? Foi você que me disse? Misturou... Mas é isso. *O Rio, o Rio é a realidade da Terra!*

José Carlos mostra-se de batom a Raul.

José Carlos – Que tal?

Raul – Impressionante!

140 José Carlos – Eu poderia ser anarquista. Eu tenho o pé na realidade. Você não. Você foi corrompido pelas ideias estrangeiras.

Raul – E o que é que você faria como revolução?

José Carlos (teatral) – Daria vida à cultura verdadeira! Faria, no Brasil, a revolução que esse país precisa ver: a Revolução Cultural! E então, então o Rio seria a capital do mundo civilizado! A realidade da Terra!

A cena escurece.

Raul – Não temos outro lugar para ficar, Margarida! Você sabe, moramos no Rio e São Paulo é

para de vez em quando... Para ver você e para trabalhar!

Margarida – O Jorge tem ciúme até da minha sombra!

Raul – José Carlos e eu viemos para te ver, Margô!

Margarida – É claro que vocês podem ficar à vontade, imagina...

José Carlos – Vamos para o hotel, Raul!

Raul – Estamos com pouco dinheiro para ficar no hotel. Eu vou convencer a Margarida.

141

Eles se acomodam. José Carlos fica em pé, casmurro.

Raul – Margarida, presta atenção: o *rock* voltou à moda! Quer dizer, desde os 60 que não sai! O existencialismo e o comunismo sumiram, mas o *rock* continua, apesar de já ter durado muito e de ter passado por sua fase áurea que foi em 64, com os hippies.

Margarida – Ainda está na moda?!

Raul – Ainda! É claro que não tem aquela garra mais, virou outra coisa. No Rio não se fala de

outra coisa: é *rock*! O Mick Jagger, o David Bowie e o Lou Reed são mais famosos do que foram os Beatles. Todo mundo conhece eles. O corte do cabelo é esse que você está vendo em mim e no José Carlos. Curto.

Margarida – Agora é curto?

Raul – Agora é curto! E as roupas para homens são os ternos. Assim como você está vendo em nós dois.

142 Margarida – Para te ser bem sincera, eu nunca entendi direito o *rock*... Ah, Raul, é uma coisa tão distante de nós...

Raul – Escolhi você, Margarida!

Margarida – Para quê?...

Raul – Não sei se você leu nos jornais, mas estou bem cotado como autor de teatro. Escrevi uma peça explorando o homossexualismo, foi montada no Rio e fez sucesso. Então decidi voltar a São Paulo com José Carlos e tentar aqui uma peça alternativa para você...

Margarida – Alternativa?... Mas não é coisa *démodé*?!

Raul – Agora é o consumo da coisa, Margarida!
É o bom da coisa!

Margarida – Eu, Raul?

Raul – Você!

Margarida beija Raul.

Margarida – O *rock* então está na moda no Rio?
Mas eu nunca entendi direito o *rock*...

Raul – Vim a São Paulo para te lançar aqui imediatamente!

Margarida – O que quer dizer *Rock and Roll*?

143

Raul – Isso tudo que eu já te disse. Olha o que eu trouxe para a tua parede...

Raul mostra pequenos pôsteres que enquadrou de estrelas do Rock and Roll. Ídolos americanos e ingleses e a foto sua e de José Carlos.

Margarida – Que lindo!

Raul – A moda ainda é o pop. Depois que o Andy Warholl ditou o pop como moda nunca mais saiu!

José Carlos – O rock tem outro nome. Contra-cultura!

Raul – Vim para tirar você daquele clima de Partido Comunista e teatro de protesto e lançar você de uma vez por todas no universo do *Rock and Roll* !

Margarida – Quer dizer que os hippies voltaram?...

Raul – Claro que não. O rock evoluiu para uma outra coisa. Agora estamos tomando uma atitude de romantismo diante da vida.

144

Margarida – Bem, romântica eu sempre fui!

Raul – Foi por isso que eu pensei em você. Passam os anos, Margarida, e você continua de pé!

Margarida – Mas eu não tenho mais idade para ser uma do Rock and Roll. Existencialista eu ainda posso ser, comunista eu ainda posso ser, mas uma do rock!

Raul – José Carlos, o que eu estava falando para você lá fora, antes de entrar? Margarida sempre foi uma alternativa pela própria natureza... Margarida sempre foi *underground*!

Margarida – Não tenho mais idade, Raul!

Raul – Você ainda tem muito busto, Margarida!

Margarida – Não tenho mais não...

Raul – Eu vim do Rio para te lançar aqui em São Paulo!

Margarida – Faz tanto tempo que abandonei o teatro... Depois do CCC e de todas aquelas pancadarias eu desisti de ser comunista e de fazer teatro de protesto. E teatro de estrela eu não posso fazer porque não tenho dinheiro para isso. Depois, não sou mesmo uma estrela, sabe, Raul... Acho até que não tenho talento!

145

Raul – Imagina, claro que você tem talento! Eu vim do Rio para escrever uma peça moderna para você! Imagina se eu ia me dar a esse trabalho se não soubesse do teu talento! Chegou a nossa vez, Margô!

Margarida – Você não entendeu, Raul! O Jorge voltou! E é ele que está me sustentando... Ele me paga o apartamento e ainda me dá dinheiro para fazer as compras!

Raul – Mas ele dorme aqui também?

Margarida – Às vezes...

Raul – Então podemos ficar!

Margarida – Eu nunca entendi direito o *rock*!

Raul – Chegou nossa vez, Margarida!

Margarida – Eu não sei cantar!

Raul – Você não vai ter que cantar. Vamos fazer o *rock* no teatro!

Margarida – Você está com dinheiro?

Raul – Estou.

146 Margarida – Porque eu não tenho dinheiro! E José Carlos? Ele está fazendo o quê?

José Carlos – Escrevi meu livro de poesias e vim aqui procurar um editor.

Margarida – Não sei se vocês estão fazendo um bom negócio em sair do Rio... Aqui a barra está tão pesada!

Raul – O Rio não está com nada no momento. A moda agora é São Paulo.

Margarida – Ah, largar aquele mar todo por esta poluição...

Raul – Vim para te lançar! Como é, podemos ou não podemos ficar?

Silêncio

Margarida – Mas eu tenho 40 anos, Raul! Quarenta!

Raul – Eu já te disse: busto não te falta!

Margarida – Raul, Raul, não dá. Eu já pendurei as chuteiras!

Raul – Eu vou te ensinar tudo sobre o *rock*! E vou te contar sobre tudo o que já fizeram de *rock* no Brasil!

147

Margarida – Mas você acha mesmo que eu posso ser uma... uma...

Raul – Uma *rocken roller*? Claro que pode! Só pode!

Margarida – Com toda essa idade?

Raul – Com toda essa idade!

Margarida – Uma coisa eu tenho que te confessar. Minha vida tem sido um tédio só aqui em São Paulo. Depois que o existencialismo acabou, bem, sobrou o Partido Comunista. Mas partido...

Raul – Podemos ficar?

Margarida – Meu Deus, agora que eu estou indo tão bem com o Jorge... Ele me leva ao zoológico nos domingos, passeia comigo, me dá presente!

Raul – Se você não deixar eu e o José Carlos ficarmos no seu apartamento, nós vamos ter que voltar para o Rio!

Margarida (resoluta) – Podem ficar! Vamos fazer uma experiência, Raul. Mas eu não sei se vou cantar no *rock* não!

148 Raul (para José Carlos) – Margarida topou!

Margarida – Vocês ficam aqui na sala mesmo, não tem problema?

Raul – Está ótimo para nós.

Margarida – Quanto tempo vocês vão ficar?

José Carlos – Raul, é melhor a gente ir embora para o hotel. Ela não está a fim...

Margarida – Calma, José Carlos, eu só perguntei. Eu preciso organizar minha vida.

Raul – Dá um abraço, Margarida!

Margarida e Raul se abraçam.

Raul (para José Carlos) – Você sempre cheio de grilo! O que há com você agora?...

Margarida – Vou apanhar lençol e toalha para vocês.

Os dois abrem as malas.

José Carlos – Estou numa ótima. É eu pisar em São Paulo o grilo vem...

Raul – Que grilo?

149

José Carlos – Será que eu vou ter que voltar para o escritório? Trabalhar oito horas por dia?...

Raul – Eu já fiz minha opção. Já passei dos 40. Escritório, nunca!

José Carlos – E vamos sobreviver como?

Raul – Eu de teatro, você de poesia.

José Carlos – Ah!

Raul – É o que nós dois sabemos fazer. Já discutimos muito a esse respeito.

Margarida – Aqueles festivais de *rock* também voltaram?

Raul – Não, Margarida. Aquilo acabou. Nos 80 as roupas são outras, os personagens são outros...

Margarida – Estou tão excitada de ter sido lembrada. Será que vou sair de novo do anonimato?

Raul – Eu vou fazer São Paulo te aplaudir na rua! Em plena rua!

Margarida – Estou jogando minha última carta! E para isso estou passando por cima do Jorge!

150 Raul – *Rock and Roll* ?

(Há uma pausa)

Margarida – *Rock and Roll!*

Ouve-se um rock executado pelos Rolling Stones, enquanto a cena escurece.

CENA 2

Margarida está sozinha na cena. Raul e José Carlos saíram.

Margarida – E eu que já tinha saído da moda! Bem, nos Rolling Stones eu já tinha ouvido fa-

lar. Lou Reed e David Bowie já foram novidades para mim.

Margarida afixa os novos quadros na parede.

Margarida – Meu Deus, trocar Jorge por esses ídolos que nem brasileiros são! Mas moda é moda e eu não posso sair do gibi de São Paulo! O existencialismo já era e o comunismo nem se fala. Agora é a moda americana mesmo! Meu Deus, como sou fútil. Pensar que a moda americana pode me deixar tão feliz! É o mal da idade, mas tudo bem. Numa ótima!

Margarida acende um incenso indiano.

151

Margarida – Naquela época do existencialismo até que era triste... E levar porrada do CCC no teatro foi pior ainda. Agora falta ver qual é a do *rock*. Será que é a do amor livre? Se for a do amor livre, melhor. Com o fogo que eu tenho!

Margarida tira um pequeno espelho da bolsa e um batom vermelho. Ela passa teatralmente o batom vermelho.

Margarida – Eu tenho certeza que vou ser convidada para festas e reuniões. Raul conhece meio mundo em São Paulo e é de badalação... E roupa? Que roupa eu uso? Raul falou em volta do

tradicional. Deixa eu ver... Tenho aquele vestido preto, de seda, para noite... Mas é muito fatal para quem acabou de entrar para o mundo do *Rock and Roll*! Talvez eu devesse me vestir assim de senhora... Bem discreta. Porque eu não posso esquecer minha idade! Talvez eu devesse usar *tailleur*! Ah! Eu tinha me esquecido do jeans! É como a juventude inteira se veste! Jeans! Eu fico achando que estou velha demais para usar jeans, mas dessa vez eu embarco! Vou entrar num jeans agora mesmo! Tem aquele do Jorge que ficou aqui. Ótimo! E ponho uma blusa preta, eu adoro preto. Azul combina com preto!

152

Patchuli. E o meu boá, que na época do existencialismo já foi um sucesso!

Margarida abre um velho guarda-roupa e faz essas roupas improvisadas aparecerem, inclusive o boá. Ela se veste feliz.

Margarida – Pensar que vou conhecer gente nova, sair, entrar numa outra... Como eu precisava! De tão fora de moda, eu já estava ficando obscena. E de tão trancada nesse apartamento a palavra tédio já era o resumo da minha vida. Ah, meu boá! E se eu fizer sucesso e ganhar dinheiro com a peça que Raul vai escrever para mim, compro revistas internacionais e mando copiar modelos da última moda!

Margarida está vestida.

Margarida – Acho que fiquei bem. Em princípio essa vai ser minha nova roupa. Será que eles usam ainda cabelos encrespados? As hippies andavam de cabelos encrespados. Que eu me lembre, a moda era cabelos encrespados. Não vou encrespar os meus. Vou dar só um toque mais fatal... Assim!

Margarida substitui um retrato de Jorge por um quadro pop.

Margarida – Para que esconder? Sou romântica, não porque o romantismo voltou a ser moda, é uma coisa que eu trago na minha natureza. Sou uma romântica. Se fiquei com Jorge durante o tempo todo, foi porque não tive outra alternativa. Se não ficasse com ele ia morrer de fome!

153

Margarida liga o gravador de Raul. Ouve-se Lou Reed.

Margarida – Não gosto muito dessa música. Prefiro o jazz. Mas se é a nova música, então deixa tocar! Meu Deus, como o mundo dá voltas! Nunca pensei. Eu no *rock*! Eu! A chuva passou. São Paulo acendeu as luzes e voltou para a noite!

Chave na porta.

Margarida – Jorge! Não sei como ele vai receber minha decisão de ficar com Raul e José Carlos! Jorge!

Entra Jorge. Ele traz um jornal debaixo do braço.

Jorge – Que é isso? Que música é essa?

Margarida – Entrei para o *rock*! Raul e José Carlos vieram do Rio!

Jorge – O Raul e o José Carlos? Sei. Os dois apareceram de novo!

154 Margarida – Raul veio para me lançar de novo no teatro! E como o último grito nos meios artísticos é o rock, Raul vai escrever uma peça-rock especialmente para mim!

Jorge – E você recebeu eles aqui no apartamento?

Margarida – Recebi.

Jorge – Que cartazes são esses?

Margarida – O Raul trouxe para mim.

Jorge – Você não tem mais idade para isso!

Margarida – Eu também concordo. Mas mesmo assim estou mergulhando de cabeça!

Jorge – Isso é para a juventude! O Raul também já está meio velho para ficar na onda da juventude!

Margarida – Somos artistas. Os artistas não têm idade!

Jorge senta-se. (Pausa)

Jorge – Eles saíram?

Margarida – Saíram. Disseram que voltam logo.

Jorge (desconfiado) – Que perfume é esse?...

Margarida – É Patchuli!

155

Jorge – Eu te largo um minuto e você volta para o mau caminho, Margarida!

Margarida – Sou artista. Que posso fazer?

Jorge – Se eles derem maconha para você fumar, você vai fumar?...

Margarida – Maconha? Quem falou em maconha?

Jorge – O Raul e o José Carlos são disso, todo mundo sabe! Os hippies foram disso! Você vai fumar maconha com eles?

Margarida – Claro que não! Nunca!...

Jorge – Já sinto até o cheiro no ar...

Margarida – É incenso! Eu pus um incenso para queimar.

Jorge – Você vai fumar com eles?

Margarida – Eu sou uma artista, Jorge! Estou apodrecendo nesse apartamento sem fazer nada! E a arte? Onde é que fica?

Jorge – Não sei como você pode suportar esse casal de homossexuais!

Margarida – Quem te disse que eles são homossexuais?

156

Jorge – Eles!

Margarida – Eles disseram para você?

Jorge – Saiu uma entrevista com os dois juntos num jornal. Eu li. Os dois faziam declarações nesse sentido. Assim, abertamente. Você não sabia?

Margarida – Não sabia.

Jorge – Pois saiu no jornal! No fim eles voltavam meio atrás e diziam que eram bissexuais... Que iam também com mulher! Você deu a chave do apartamento para eles? Eu não ponho minha

mão no fogo por nenhum!

Margarida – Dei.

Jorge – Eu já sabia! Vão ficar?

Margarida – Vão.

Jorge – Então eu vou-me embora.

Jorge levanta-se para sair.

Margarida – Você vai me deixar sozinha?

Jorge – O dia que eles saírem você me avisa. Eles vão entrar com dinheiro? Eu sou da geração do uísque? Eles vão entrar com dinheiro?

157

Margarida – Claro! Você acha que eu ia aceitar os dois aqui sem dinheiro!

Jorge – Duvido que vocês consigam alguma coisa. Com a crise que está, duvido!

Margarida – Eu tenho que dar um jeito na minha vida!

Jorge (cínico) – Sabe por que não vou ter uma crise de ciúmes? Porque são bichas! Os dois são bichas! Se não fossem bichas eu dava um escândalo!

Tchau, Margarida.

Jorge ameaça sair.

Margarida – Que é isso! Espera, Jorge! Vem tomar o teu uísque primeiro!

Jorge – Já falamos o que tínhamos para falar!

Margarida – Você não me beija nem nada?

Jorge – Você está me traindo!

Margarida – Você acha que estou entrando numa fria?

158

Jorge – Você é adulta o suficiente para saber.

Margarida – Você me ama?

Jorge – Se não fosse eles terem vindo hoje, eu ia te levar no cinema.

Margarida – Não gosto de ser sustentada por você!

Jorge – Se eu não te der dinheiro como é que você vai viver?

Margarida – Eu vou vencer ainda no teatro, Jorge! Tenho que vencer!

Jorge – Teatro, teatro! Não sei como você não consegue esquecer uma coisa que não te deu a mínima segurança, o mínimo futuro. Nunca te deu nada!

Margarida – É a minha profissão. Amanhã mesmo eu vou ao sindicato regularizar meus papéis.

Porque você me despreza tanto?

Jorge – Quem falou que eu te desprezo?

Margarida – Como profissional, você me despreza! Só porque fracassei?

Jorge – Eu sempre te dei do bom e do melhor, Margarida. Pensa bem no que você está fazendo.

159

Porque foi você que escolheu o Raul, com o amiguinho dele. Numa hora dessas já devem estar dando a bandeira deles na cidade.

Margarida – Quer dizer que você não vai voltar?

Jorge – Como é que você pensa que ganho a vida? Eu trabalho 8 horas por dia no banco! Só tenho a noite para te ver!

Margarida – Sinto muito, Jorge! Eu não pude dizer não! É minha chance! Raul é o único amigo que eu tenho, o único que se lembrou de mim!

Jorge – Você gosta dele, eu sei. Já tiveram até um caso...

Margarida – Como é que você sabe?

Jorge – Você me contou.

Margarida – Isso já faz tempo. Faz muito tempo. Agora a coisa é profissional. E, dessa vez, Jorge, dessa vez é pra valer! Vou explodir em São Paulo!

Margarida prepara um uísque sem gelo para Jorge.

Margarida – Agora bebe teu uísque sem gelo!

160

Jorge bebe.

Jorge – Você não me ama. Nunca amou, Margarida. Você gosta de mim por causa do meu dinheiro. Só por isso. Para você eu não passo de um bancário vulgar e sem interesse. Que posso fazer? É só isso mesmo que eu sou. Como é que um bancário pode ter interesse para uma artista? Se é que você é artista, porque eu tenho as minhas dúvidas... Para mim, o banco é a realidade! Alma, filosofia, arte, isso é para quem nasceu rico! E eu nasci pobre! Não seja cínica! Não sou como aqueles que gritam porque tem um horário para cumprir. A vida é assim. Não

adianta nada você ser cínica! Porque eu tenho um futuro, se você quer saber! E você não tem futuro nenhum! Eu sou careta, não é?

Margarida – Nem tanto. Na cama não!

Jorge – Na cama não conta! É o meu forte!

Margarida – Você vai-se embora?...

Jorge – Aqui com o Raul? Nunca!

Margarida – Mas eu não sou amante do Raul, menino! Você não é tão careta assim. Tem uns que são mais caretas que você!

Jorge – Não seja cínica! Sou bom de cama, isso é uma coisa. Mas sou careta sim.

Margarida – Você vai arrumar outra?

Jorge – E se eu arrumar?... Tenho meu emprego e tenho dinheiro. Não me casei, mas faço sucesso com as mulheres. Elas todas gostam de segurança e eu sou um homem que dá isso para elas. Não sei como pude gostar de você, Margarida. Uma mulher que saiu em passeata! Eu não tenho nada para protestar. Nada. Sou um homem realizado.

Margarida – Realizado você é, mas para quem não é artista a vida é monótona. E eu gosto do

universo das artes. É por isso que você não gosta de mim...

Jorge – Você gosta dessa música dele?

Margarida – É a moda...

Jorge – Eu prefiro ouvir um clássico! Tenho horror dessa barulheira!

(Pausa)

Jorge – Quer dizer que você me acha bom de cama?

162

Margarida – Você anda tão *pig* ultimamente!

Jorge – *Pig*? Que quer dizer *pig*?

Jorge bebe o resto do uísque.

Margarida – Porco do sistema.

Jorge – Pena que você não gosta de mim! Você não sabe o que está perdendo!

Jorge levanta-se agora para sair.

Jorge – Quando é que vou ler teu nome nos jornais?

Margarida – Raul ainda não escreveu a peça. Não vai ficar esse tempo todo sem aparecer, Jorge...

Jorge – Raul não tem talento!

Margarida – Claro que tem!

Jorge – Hoje em dia ninguém mais tem talento. É tudo comércio. E depois, vocês não têm dinheiro...

Margarida – Vou ficar podre de rica, você vai ver! E vou ser tão estrelona que vou parar o trânsito na rua!

Jorge – Para mim, como você era já estava bom. Agora eu vou, antes que eles cheguem! Não vou te esquecer, Margarida. Eu até te amei!

Margarida – Jorge!

Jorge sai. A cena escurece.

CENA 3

Margarida está sozinha na cena, fumando, nervosa. Entram Raul e José Carlos.

Raul – Conseguimos!

Margarida – O quê?

Raul – Fumo!

Margarida – Maconha?!

Raul – Fumo do bom! Consegui o endereço de um traficante, José Carlos e eu já fomos, já fizemos a transa.

Margarida – Mas não é proibido?

Raul – Proibido é, *darling*, mas para ser do *rock*...

Margarida – Por essa eu não esperava!

164

(Pausa)

Margarida – Nós vamos fumar isso aqui no apartamento?

Raul – Você é contra?

Margarida – Mas é proibido! E se aparecer a polícia?!

Raul – É proibido. Mas o *rock* vive disso...

José Carlos – Se aparecer a polícia a gente dança!

Raul começa a fazer um cigarro.

Margarida – A gente dança?...

José Carlos – Se pintar sujeira, para a polícia não tem essa de *rock* não. É maconheiro mesmo!

Margarida (para José Carlos) – E você, fuma assim mesmo?

José Carlos – Estou nessa desde 64...

Raul – Que dança... que nada... Quem vai saber de nós?...

José Carlos – Não deixa o Raul te pôr nisso!

Margarida – Mas para ser do *rock* é preciso fumar?

165

Raul – É preciso!

José Carlos – Raul está por fora da realidade. Ele sacou essa do *rock* em revistas e discos importados, mas o *rock* é uma coisa só dos americanos e dos ingleses! Margarida, não vai fumar! Eu não vou deixar!

Raul – Isso quem tem que decidir é ela!

José Carlos – Ih, Margarida, o *rock* não é nosso. Você tem que ficar com o pé bem no chão.

Quem disse isso foi David Bowie. Ele disse que é uma coisa só dos americanos e dos ingleses. Não fuma não!

Margarida – Estou morrendo de medo!

O cigarro de maconha está pronto.

Raul – Essa é a do *rock*. Se você quer estar na moda, a moda é essa!

Raul acende o cigarro, fuma.

166 Margarida (pra José Carlos) – Você vai fumar também?

José Carlos – Eu fumo porque estou na merda! Você não devia entrar nessa! Você não! Continua careta, direitinho... Se você não precisa, para que entrar na barra? Eu estou sendo bem sincero, Margarida. Te quero muito para te pôr numa fria...

Raul passa o cigarro a José Carlos. José Carlos fuma.

Margarida – O que é que acontece quando a gente fuma?

José Carlos – Ah, aí é só você fumando para saber... Não dá para explicar!

Raul – Por que você não dá um tapa? Você não quer ser moderna?

Margarida – Eu sempre tive vontade de fumar isso. Para saber o que é. Falam tanto que eu preciso saber. Deixa eu fumar. Se aparecer a polícia, azar!

Raul – Quem disse que vai aparecer polícia?...

José Carlos passa o cigarro de volta a Raul. Raul segura o cigarro na mão.

167

Raul – É só você tragar e segurar a fumaça. Assim.

Margarida – Com 40 anos vou virar uma maconeira?...

Margarida toma o cigarro e fuma, nervosa.

Margarida – Estou pagando um preço caríssimo por isso!

José Carlos – A partir desse momento a sociedade estabelecida não te aceita mais! Eu estou te avisando isso, porque sou teu amigo.

Margarida – (fumando) Seja o que Deus quiser!

Eles revezam o cigarro. Quando está no fim... eles fumam ainda.

Margarida (com a pontinha do cigarro na mão)
– Mas queima a gente tudo? Não tem um jeito de fazer um cigarro mais confortável?

Raul – O que está achando?

Margarida – É o paraíso! E agora o que fazemos com o cheiro que está no ar?

Raul – Joga perfume!

168

Margarida joga perfume na cena.

Margarida – Entrei na tua, hein, Raul! Não vai me deixar na mão! Será que estou entrando numa fria? E drogas? Vocês tomam drogas também?

Raul – Nos 80, ninguém mais tem idade para a droga. É uma muito pesada. Só fumo!

Margarida – Estou com tanto medo da polícia! Aqui no centro da cidade fica assim de polícia. Aqui é boca!

Raul – Não entra em bode, *darling*! Não entra em bode! Curte!

Margarida – Agora eu entendo por que os hippies ficavam com aquelas caras santificadas... Era a droga!

Raul – Pelo o amor de Deus, Margarida, para de falar! Quando a gente fuma, a gente fica curtindo um som! Isso que eu te dei foi fumo. Ninguém diz maconha, diz fumo!

Raul liga o gravador, *Rock and Roll* como fundo musical.

Margarida – São Paulo é a capital... Para cá eles vêm todos, à procura de um futuro... Deixam terra, família, amigos, vêm para cá e aqui morrem! São enganados pela propaganda e perdem os valores que tiveram no passado. É inútil eu querer ficar alienada. Não sou alienada! Eu tive a formação do Partidão.

169

José Carlos – Eu também estou saindo dessa, Margarida. Estou nessa loucura há 18 anos, o Raul sempre me prometendo que o sonho do *rock* será nosso também, eu sacando o tempo inteiro que somos pobres e sem dinheiro e que a solução é arrumar um emprego...

Margarida – Depois que começou aquela história de *São Paulo não pode parar*, isso daqui nunca

mais parou! Aqui no centro é uma cidade dentro da cidade. Parece outro país! Sabe por que eu estou falando de São Paulo? Porque São Paulo é o orgulho dos meus pais. Para minha família, São Paulo significa dinheiro, posição social e poder. E era para eu ter vencido na vida. E não venci! Estou na rua, como tantos. Agora estou vendo. Eu estou tendo uma capacidade de percepção tão aguda. Estou sacando São Paulo! A fotografia mais aproximada que consigo fazer dessa cidade é a de um deserto perdido na noite americana, impiedoso e impiedoso. E vazio! De São Paulo eu não tive nada. Nada! Aqui os fracos morrem e eu já faço parte daqueles que foram vencidos. Fumei essa maconha, porque eu não tinha passado por esta fase. O *rock* eu pulei!

José Carlos – Você está entrando nessa e eu estou saindo...

Margarida – Mas não tem mais nada no ar, tem? Tem outra coisa?

Raul – Não tem mais nada!

José Carlos – Mas é de americano só!

Raul – Aqui ainda é zona franca, é trópico, vale tudo!

Margarida – Se não fosse a repressão, seria o paraíso! Mas e a repressão?

José Carlos – Sem essa *tropicana*! O Brasil já saiu dessa de *tropicana* faz tempo. Aqui ainda é o país do futuro. Nós temos esperança!

Raul – Desculpa, José Carlos, você é nacionalista e eu não sou tanto...

Margarida – Eu prefiro, como ritmo, o *fox*, por exemplo. O *tango*.

Raul – *Rock* é improvisação!

171

Margarida – Não é um ritmo para mim!

Raul – Vamos dançar? Eu e você. Vem! Vamos dançar!

Raul e Margarida dançam.

Margarida – Que gostoso! É ótimo! Eu me sinto moderníssima dançando!

Música (letra) – *Vê se me isola, vê se me isola!
De dia estou de pijama, de noite de camisola"*
(bis)

CENA 3A

Quando eles param de dançar e a música termina, corta imediatamente – de maneira teatral – para Margarida. Raul faz um novo cigarro de maconha e José Carlos está deitado no chão, elegantemente.

Margarida – Como o gato, eu como a câmera fotográfica.... É assim que São Paulo nos espiona... Por que São Paulo nos espiona? Já fomos poetas e vagabundos, em outros tempos... Nos 80 não! Agora somos controlados. Precisam saber o que fazemos, onde vamos, com que, por quê. Há uma conspiração contra nós, os poetas. Uma conspiração insistente, permanente, real. Como o gato, eu como a câmera fotográfica. Já não é mais aquele metropolitano da época do bonde... Agora é com música eletrônica de fundo e com o mito de 1984, de Orwell. Poder nu, tirania, leitura de pensamento. Polícia para o amor.

O cigarro chega até Margarida, que fuma.

Margarida – A droga não é solução! Abre minha mente e deixa os inimigos penetrarem. Tenho que comungar minha vida com São Paulo. É verdade, conseguiram... Tanto conspiraram contra os poetas, que roubaram a mente deles. 1984!

Raul, eu tenho tanto medo de São Paulo!

Margarida abraça Raul.

Raul – *1984* é o nome de uma música de David Bowie. Era o terror dos hippies ingleses.

Margarida – É porque você não vive a realidade. Já chegamos lá, aqui em São Paulo: no poder nu!

Raul se desfaz de Margarida.

Raul – Não acredito nessas coisas... Eu sou Aquário!

Margarida – É a realidade! Estamos vivendo *1984*. O Estado dominando tudo! Eu tenho medo!

173

Raul – São Paulo é ainda uma província...

Margarida – Província?... Já foi província! Agora é uma das maiores metrópoles do mundo! E é uma metrópole que se faz com sangue e violência. Mais uns anos e teremos bombas explodindo por toda a parte, como nas maiores cidades do mundo. Aqui não tem mais lugar para a revolução. Será o terrorismo, Raul!

Raul – Eu nem ligo para essas coisas. Me chamam de alienado. Eu detesto pensar nessas coisas. Totalitarismo, poder, democracia e o resto são palavras vazias para mim.

Margarida – Se você visse um pouquinho da realidade, essa cidade ia te meter medo.

Raul – Por isso que eu gosto do José Carlos. Ele é poeta. Procura sua poesia no silêncio e comunica no verbo. Está além do bem e do mal.

José Carlos – Você é que pensa. Estou pensando em como voltar para o Rio para procurar um emprego ou como encontrar esse emprego em São Paulo. Estou mais por dentro da realidade de que você pode supor.

174 Raul – Nós somos cínicos... É o que nós somos: cínicos! São Paulo vive sua vida lá fora e cá dentro dessa casquinha de concreto nós vivemos a nossa!

Margarida – Quem dera!

Eles terminam de fumar o cigarro de maconha.

Margarida – Lá no Rio eles fumam assim o dia inteiro e ficam ouvindo essa música sem parar?

Raul – No Rio nós fazemos assim.

Margarida – O Rio está evoluído, heim!

Raul – Só que nos 80, a realidade de todo o sistema e do Estado voltaram de maneira crua!

Margarida – Mas é o que eu estava dizendo!

Raul – Já não há mais saques a serem feitos. Tudo o que podíamos ter sacado, já sacamos. Vivemos mais do passado que o Estado ou sistema. Tem gente, o José Carlos, por exemplo, que é nacionalista, prefere o termo Estado. O *rock*, que foi um movimento político, como o Existencialismo, deixou de ser ingênuo para sempre. Quem está nele já se confunde com os outros, na rua e em casa. Nem a droga é mais novidade, se você quer saber. Mas não é muito o nosso caso, Margô. *Nós*, como você diz, *nós* somos cínicos. Já passamos por outras. No fundo somos incapazes de assumir qualquer uma.

175

Margarida – Quando eu fumo isso, eu esqueço o problema do dinheiro. Mas me dá tanta angústia! Agora veio esse grilo: São Paulo rouba a minha alma, se é que eu ainda tenho uma!

Raul – Tive uma ideia! Vou traduzir uma letra para você. Você quer?

Margarida – Ah, eu quero sim! Não entendo inglês.

Raul – Meu inglês, eu aprendi assim ouvindo. Mas dá para você entender o significado.

Raul põe *Love in Vain*, dos *Rolling Stones*, no gravador.

Raul – O nome da canção é *Love in Vain*, quer dizer *Amor em Vão*. Escuta!

Enquanto a música toca, Raul traduz o significado.

Raul – Eu a encontrei na estação com seu sobretudo. É muito difícil traduzir um amor em vão. Quando um trem chega à estação, eu olho nos olhos dela. Eu me senti tão triste e tão só! Quando o trem deixa a estação é tarde demais do lado de lá. A luz azul é meu *blues* e a vermelha é minha mente.

176

Margarida (no final da canção) – Exprime tudo o que eu queria dizer. Traduz mais uma!

Raul – Não tenho paciência. É um privilégio só meu. Eu gosto de entender em inglês. São verdadeiras poesias. O *rock* é um universo muito rico nesse sentido. Aqui no Brasil poucas pessoas entendem as letras. Elas dizem muito. Elas dizem praticamente tudo!

Margarida – Traduz *1984*, do David Bowie!

Raul – Você tem que entender em inglês, sabe,

Margarida... As canções não têm assim uma tradução exata para o português...

Margarida – Estou tão infeliz! Hoje eu fiquei infeliz... Detesto quando as pessoas me sacam e sinto que São Paulo está me sacando...

Raul – Esquece Margarida! Esquece. Esquece... O remédio em São Paulo ainda é esquecer.

Margarida – E olha que aqui é um lugar perdido na América do Sul!

A cena escurece.

Raul – Não é ótimo?

177

Margarida – *Rock and Roll! Rock and Roll!*

Eles dançam durante algum tempo enquanto José Carlos assiste. Depois a cena escurece.

CENA 4

A cena está vazia. Depois de algum tempo, eles abrem a porta e entram. Margarida, José Carlos e Raul. Os três voltam de uma festa paulistana. Margarida está de boá e dá o braço direito a Raul e o braço esquerdo a José Carlos.

Margarida – Voltei à noite paulista!

Raul – Eu não te falei que você ia fazer sucesso?

Margarida – Todo mundo ainda se lembra de mim. Engraçado, os artistas de São Paulo torcem por mim... Não me esqueceram! O Jorge nem me passou mais pela cabeça.

Raul – Você vai ser a nova bomba de São Paulo!

Margarida – Como a noite paulista continua agitada! Tantas ideias novas! E o *rock* é moda mesmo. Todo mundo pensou que somos caso ainda, como foi na época existencial.

178

Raul – Somos só amigos!

Margarida – Você não me ama?...

Raul – Só amigos!

Eles se acomodam.

Margarida – Que festa louca!

Raul – Vamos queimar um chá?

Margarida – Ainda não acabou?

Raul – Ainda tem. Vou fazer um *joint*. Nunca fiz um *joint* para você.

Margarida – O que é um *joint*?

Raul – É o *charo* à maneira inglesa. Aprendi no Rio, com os ingleses que estiveram lá para conhecer a macumba.

Raul faz aparecer um delicado estojo, onde guarda a maconha e começa a fazer o *joint*.

Raul – A gente faz assim: desmancha um cigarro, assim, pega um pouco de tabaco, mistura tabaco com fumo, enrola e põe um filtro de papelão improvisado – é o *joint*. Os hippies ingleses ensinaram essa no Rio. Economiza fumo e tira aquela impressão de marginalismo de cima da coisa.

179

José Carlos – Raul, vamos parar de queimar fumo! É proibido! Não querem que a gente queime, então a gente não queima!

Raul – Gosto de me sentir oriental e poderoso, tendo. Gosto mais de ter do que de fumar. Se eu vivesse nos países árabes, ia ter na minha casa *hash*, ópio e todos esses baratos. Para ter. Pelo prazer de ter!

José Carlos – Não vamos fumar!

Raul – Mas tá no fim! Aí, acabou! Como ficou a história da edição do seu livro de poesias?!

José Carlos – Não estão editando jovens em São Paulo. Vamos fumar? Mesmo?

Raul – Por que não?

Raul passa o *joint* pronto para Margarida. Margarida acende e fica fumando.

Raul – Esse a gente fuma como cigarro normal...

Eles fumam. José Carlos não resiste e fuma também. Os personagens devem adquirir posturas elegantes e charmosas.

180 Margarida (fumando) – Já foi bom! Hoje em dia é tudo comercial. Mudou tudo! Bons tempos aqueles do existencialismo: líamos Sartre, Camus, Simone de Beauvoir... Naquele tempo nós tínhamos mais convicção. O fumo não era moda. Era o álcool. E se falava muito em política. Mas o Sartre morreu e depois que o Sartre morreu o existencialismo também acabou.

Raul – O que será que foi feito da Simone de Beauvoir?

Margarida – Ninguém mais fala nela!

Raul – Ninguém mais fala nela?

Margarida – A Simone acabou! Ninguém fala mais nela!

Silêncio.

José Carlos – Não estou sozinho. Sabe que me disseram essa noite? Que o Brasil se transformou nos Estados Unidos da América do Sul. Pena que eu não consiga publicar meu livro...

Raul – Estou achando o teatro muito criativo... Depois que a censura parou de interferir no teatro, parece que veio um novo ânimo. Mas eu estou preocupado em flagrar o momento que está no ar e ganhar dinheiro.

181

Margarida – Ótimo, Raul!

Raul – A peça que vou escrever para você será sobre a cidade grande e o mito da cidade grande. Quero lançar você como uma mulher que vem de dentro do centro da cidade grande. Uma mulher que já superou a cidade grande e se transformou numa outra coisa!

Margarida – Adorei!

Raul – Quando morei no Rio descobri que o Rio não pode fazer teatro porque o Rio é a realidade da terra. Eu escrevi textualmente: *Aqui*

no Rio nós não podemos fazer teatro, porque aqui é a realidade. Mas São Paulo... São Paulo é Nova York!

Margarida – Estou entusiasmadíssima!

Raul – Vamos ouvir música?

Margarida – Vamos!

Raul liga o gravador. Ouve-se David Bowie.

Margarida – Nenhum brasileiro entrou ainda no rock?

182

Raul – Não.

Margarida – Então é uma coisa mesmo só dos americanos...

Raul – O José Carlos me diz isso todo dia!

José Carlos – Estou procurando minha autodeterminação! Estou chegando lá...

Margarida – Quanto tempo faz que vocês não vão para a cama?...

José Carlos – Pergunta para o Raul...

Raul – Andy Warholl cantou uma ótima. Ele diz que não faz sexo com mais ninguém, porque dá muita mão de obra...

Margarida – Eu estou perguntando isso porque me passou pela cabeça a ideia de fazermos o amor livre, nós três juntos...

Raul – Ai, Margarida, você e o atraso! O amor livre foi na década dos 60!

Margarida – Eu quero! Com vocês dois!

(Pausa)

Margarida – Eu quero!

183

Raul – Eu não quero! Se o José Carlos quiser vocês resolvem vocês dois...

José Carlos – Eu também não quero, você está louco, fazer amor com Margarida nessas alturas dos acontecimentos! Eu estou pensando é em como vai ficar a minha situação!

Margarida – Seria tão romântico...

Raul – De jeito nenhum!

José Carlos – Eu também não quero!

Raul – Por que você não dança? Já é bom você improvisar uns passos de rock, porque na peça você vai ter que dançar...

Margarida – Então eu vou dançar! Falei em sexo, desculpem, eu fiquei tão excitada com a vinda de vocês que voltou tudo de novo!

Raul – Dança e esquece!

Margarida – Pode improvisar?

Raul – É para improvisar!

Margarida começa a improvisar passos de *rock* moderno na cena.

184

Margarida (dançando) – Vou ser a mulher que nasceu na cidade grande?

Raul – A mulher cosmopolita de São Paulo!

Margarida (dançando) – Ah, estou tão louca!

José Carlos – Entre o Rio e São Paulo você escolhe qual das duas?

Raul – São Paulo!

José Carlos – Eu escolho o Rio!

Raul – Aqui está ótimo!

José Carlos – Não estou gostando nada de ficar nesse apartamento queimando fumo dia e noite!

Raul – Você não gosta da Margarida?

José Carlos – Ela é ótima e tudo, mas não dá! Não dá, Raul! E a idade?

Margarida (dançando cada vez mais frenética) – Estou louca! Estou loucona!

Raul – Dá mais, Margarida! É para derrubar!

Margarida (dançando) – Estou muito louca!

Raul – Você é o mito da cidade grande, que de noite sobe ao palco para dar o show! Imagine-se de cetim! Coberta de joias antigas e cheirando a mofo. Mas, muito, muito esquentada!

185

Margarida (dançando) – Estou muito louca! Estou muito louca!

A cena cresce, Margarida dançando.

Intervalo

Músicas de *Rock and Roll* continuam tocando durante o intervalo, para não cortar o clima que a peça deve comunicar ao público.

ATO II

Abertura

No proscênio, com a cortina fechada, estão Raul e José Carlos. Ambos estão de terno e gravata, muito modernos. Foram ao metrô da Praça da Sé. Ouve-se o ruído do metrô.

Raul – A Praça da Sé é o centro tradicional para os paulistas...

José Carlos – Mas o centro não é onde a Margarida mora?

186 Raul – Ali é o submundo... Vou criar o cenário da minha peça baseado na Praça da Sé. Você gosta da ideia?

José Carlos – Gosto.

Raul – Ponho a Margarida de meias de náilon pretas, como aquelas dançarinas de cabaré, e usando uma piteira dourada. O que você acha?

José Carlos – A ideia é boa.

Raul – E vou situar a peça no centro tradicional de São Paulo. Aqui na Praça da Sé. Posso falar da catedral, das lojas antigas, das pessoas que

frequentam a praça e da catedral. Talvez haja uma cena no interior da catedral.

José Carlos – Você já viu o que tinha que ver. Agora vamos embora.

Raul – Espera mais um minuto. Deixa eu curtir mais um pouco...Posso dizer que achei o metrô muito bonito, posso falar da arquitetura antiga ou lado da arquitetura moderna da praça...Talvez eu coloque uma personagem que use terno de casimira inglesa. É pop.

José Carlos – Vamos voltar?

Raul – Vamos.

187

José Carlos – Você notou uma coisa?...

Raul – O quê?

José Carlos – Eu estou tendo a impressão de que estamos sendo seguidos aqui em São Paulo...

Raul – Seguidos?...

José Carlos – É. A cidade está espionando nós dois... Você não notou?

Raul – Ah, você sabe que eu sou alienado para essas coisas!

José Carlos – A cidade está observando nós dois.
Você e eu!

Raul – Você está brincando!

José Carlos – Está. São Paulo está seguindo nós dois!

Passa um trem. A cena escurece. Abre-se a cortina. Estão na cena Margarida e Jorge.

Margarida – Foi o Raul que sacou essa. O *rock* tem um peso internacional para nós, além de ser uma moda.

188

Jorge – Peso internacional?...

Margarida – Se conseguirmos fazer a nossa peça benfeita pode ser uma revolução!

Jorge – Mas já não fizeram isso na música aqui no Brasil?

Margarida – Fizeram. Mas isso no teatro tem outro peso!

Jorge (mudando o som) – O que eu tinha para te propor era isso, Margarida. Tire férias e você vem viajar comigo. O Raul e o José Carlos ficam no apartamento, mas sozinhos...

Margarida – Não quero!

Jorge – Por que não!?

Margarida – Não posso perder a chance de fazer minha *rentrée*...

Jorge – *Rentrée*?...

Margarida – É melhor você ir embora, Jorge. Eu já optei. Vou voltar ao teatro!

Jorge – Então você não vem comigo?...

Margarida – Não!

189

Jorge – Você sabe que eu tenho ciúmes de você!

Margarida – Na noite da estreia você vai e me leva flores...

Jorge – Me beija!

Margarida – Não quero!

Jorge – Você voltou com o Raul!

Margarida – Sexo não é mais moda. O Andy Warholl, um artista americano que você nem conhece, declarou que dá muita mão de obra...

Jorge – Você vive aprendendo essas filosofiazinhas com o Raul!

Margarida – Não quero Jorge! Não quero. Agora eu vou vencer na vida. Foi tudo o que eu sonhei: vencer na vida! E aqui em São Paulo, onde a barra é fogo, como você está cansado de saber!

Jorge – Então você não quer?...

Margarida – Você não quer ver o Raul, então é melhor você ir saindo porque ele está para chegar...

190 Jorge – Um dia você vai precisar ainda de mim! Como dois e dois são quatro! Um dia você vai precisar ainda de mim! Passar bem!

Jorge sai. Margarida cantarola uma canção de *rock*, feliz.

ATO II

CENA 1

Raul datilografa sua peça. Ele está sem o paletó. José Carlos, vencido e casmurro como sempre, assiste Raul. Os dois queimaram o resto do fumo. Entra Margarida.

Margarida – Vocês queimaram fumo?

Raul – O resto!

Margarida – Foi rápido, hein! Também queimando todo dia sem parar, toda hora!

Raul – Eu só consigo escrever com o fumo.

Margarida – Fiquei chocada com vocês dois!

Raul – Para escrever eu preciso de fumo. Só assim tenho inspiração.

Margarida – Essa peça não vai sair!

191

Raul – Calma Margarida...

Margarida – Não vai sair!

Raul – Dá pra dar um tapa. Quer? Vamos criar aquela corrente pra frente...

Margarida – Não quero! Você fumando desse jeito essa peça não sai!

Raul – Se você não quer eu vou matar.

Raul acaba de fumar o resto.

Margarida – Essa peça não saindo eu vou ter que recorrer ao Jorge outra vez!

Raul – O fumo acabou!

Margarida – Não quero atrapalhar. Vou até sair de casa para te deixar escrever... Quantas páginas você já escreveu?

Raul – Duas.

Margarida – Duas páginas?! Só duas?!...

Raul – Não temos pressa. Não quero fazer aquela coisa amadora e sem garra.

192

Margarida – Já fui ao sindicato, já regularizei minha situação. Estou pronta para voltar ao palco.

José Carlos – Eu fico pensando: será que o Raul vai conseguir mesmo introduzir o *rock* no teatro? Introduzir e traduzir. Porque o *rock* é uma linguagem musical.

Raul – Quero mostrar a ideologia, as roupagens e tudo o mais que o *rock* tirou do teatro. Porque se você quer saber o que a música eletrônica fez foi teatralizar o palco dos concertos musicais. É claro que pretendo traduzir o *rock* em termos brasileiros. Preciso da cidade grande para isso.

Foi por isso que escolhi São Paulo – aqui é o cenário ideal, mais que o Rio. Aqui eu posso encontrar o mito da *downtown* e a ideologia cosmopolita.

Margarida – Quando você fala eu sinto um novo ânimo...

Raul – Quero fazer um teatro urbano e universal. E que mobilize a cidade inteira!

Margarida – Quanto tempo demora para essa peça ficar pronta?

Raul – Já tenho tudo na cabeça. Só falta realizar.

Margarida – Então me conta. Amanhã eu já vou atrás de produtor. Preciso saber.

Raul – Ainda é muito cedo pra produtor!

Margarida – E dinheiro, Raul? Não tenho mais o Jorge! E depois, fico pensando que vocês vieram aqui pra curtir só. Vocês não vieram só pra curtir, vieram? Porque da última vez que vocês estiveram aqui ficou claro que vocês vieram só pra curtir. Eu até tomei a resolução de cortar vocês por causa daquela última vez...

Raul – Ainda não estamos precisando de dinheiro. Já te dei para você fazer compras, não dei?

Margarida – E o aluguel?

Raul – Uma coisa por vez, *darling*.

Margarida – Se ganharmos o dinheiro que eu estou pensando que vamos ganhar, ponho tudo na caderneta de poupança! Com os juros eu posso ficar livre do Jorge para sempre! Porque é triste ter que depender do Jorge. Eu é que sei quanto é triste. O Jorge não vê o mundo como nós vemos. O Jorge é careta mesmo! Eu só estou com ele por causa do dinheiro que ele me dá. Se ganharmos com essa peça eu ganho também a minha independência!

194

(Pausa)

E o sucesso que posso fazer! Eu sempre fui considerada boa atriz pela crítica!

Raul – Não consigo escrever uma linha com você falando! E quando você fala do Jorge eu perco a inspiração de São Paulo, mito cosmopolita, e fico pensando naquela São Paulo quatrocentona, cheia de titica na cabeça, cafona e repressiva! Para de falar, Margô! Se você quer ser útil, então vai fazer um chá para nós! Pronto, perdi o fio da meada! Vou até pôr uma música para fazer uma pausa.

Margarida – Desculpa, Raul. Desculpa. Não precisa ficar de mau humor. Eu vou fazer o chá.

Margarida sai de cena.

Raul põe um *rock* na vitrola. Lou Reed.

Raul – Não tenho inspiração! Não consigo escrever uma linha... O que é que está acontecendo comigo? Fali, José Carlos! Não tenho inspiração! Não vou conseguir realizar minha peça!

Raul abraça José Carlos.

Raul – Só tenho você na vida! Só você.

195

São Paulo está lá fora, me chamando... Mas eu não vou conseguir. Eu não vou conseguir José Carlos! Eu não vou conseguir...

José Carlos – Não podemos continuar mais. Dezoito anos um acompanhando o outro, atrás desse sonho. Você no teatro, eu na poesia. Já deciframos o Rio e São Paulo e não conseguimos realizar nada. Já enfrentamos todas as barras do Brasil e não conseguimos! Sabe qual é a verdade? Não é mais uma questão de talento. É uma questão de ter o poder. E nós não temos o poder!

Raul – O que você vai fazer?

José Carlos – Já decidi. Vou arrumar emprego num escritório. Pago todos os *lapês* que existem e faço o que minha família quer. Nós não tivemos sorte juntos, Raul!

Raul – E acabou?...

José Carlos – E acabou!

Raul – Depois de sofrer tanto, você vai aceitar a mediocridade?

196 José Carlos – Tua pele não vai sair. Isso não vai dar em nada. Margarida não é uma estrela. Está pendurada como nós dois. E não tem nenhum sentido ficarmos no apartamento dela. Ela mal se sustenta. Margarida não tem nenhum poder. Nenhum! Não passa de uma pobre. Ela não pode fazer nada por nós. Como nós não podemos fazer nada por ela.

Raul – Você vai voltar para o Rio?...

José Carlos – Eu vou! Lá pelo menos tenho minha família.

Raul – Eu não quero voltar para a família!

José Carlos – Não tem outra solução! Somos filhos de família!

Entra Margarida, trazendo chá para os dois.

Margarida – Chá e simpatia!

Eles bebem.

Raul – Só que o fumo acabou! É preciso alguém ir lá no traficante buscar...

Margarida – Que traficante?

Raul – Onde eu fui. Não posso sair de casa agora. Comecei o trabalho.

197

Margarida – Eu nem sei onde é isso...

Raul – Ou você ou José Carlos vão ter que ir lá fazer a transa. Eu não posso sair!

José Carlos – Eu também não posso. Primeiro porque já decidi abandonar o fumo e depois porque acho até que já estou de volta para o Rio!

Raul – Eu não vou lá fazer a transa porque estou trabalhando na peça. Vocês dois não estão fazendo nada!

Margarida – Eu ir lá?...

Raul – Você não queria sair?...

Margarida – Você está louco!

Raul – Você é a pessoa certa para ir lá fazer a transa. Você conhece bem São Paulo e é mulher.

Margarida (segurando-se) – Ai!

Raul – O que foi?

Margarida – Fiz xixi nas calças!

198

Margarida sai correndo de cena.

Raul – Que estrela mais medrosa!

Margarida – Em dia de estreia, eu me molho toda!

Margarida volta à cena.

Raul – Você já é muito curtida para ter esse medo todo!

Margarida – E a polícia?

Raul – Você é mulher!

José Carlos – Por que você não tenta escrever sem fumo?

Raul – Careta?

José Carlos – Vai pelas vias normais, Raul... vai sair maravilhoso!

Raul – Não consigo!

José Carlos – Você não consegue?...

Raul – Não consigo!

Margarida – E que tal se curtíssemos hoje com uma cervejinha?...

199

Raul – De jeito nenhum!

Margarida – Eu desço e trago uma cerveja para nós...

Raul – Eu detesto cerveja! Não ponho álcool na minha boca de jeito nenhum! Faz mal para a saúde!

(Pausa)

Raul – Margarida, você vai buscar o fumo para mim.

Margarida – Mas, meu Deus, e a minha reputação?

Raul – Eu pago o táxi para você e te dou o dinheiro.

Margarida – E onde é?

Raul – Eu tenho o endereço comigo.

Raul tira o dinheiro para fora e acha o endereço.

Raul – Está aí.

200 Margarida – Tenho medo, Raul! Eu nunca fiz isso. Morro de medo da polícia. Eu sou kafkiana, tenho mania de perseguição...

Raul – Você vai!

Margarida – Ai, o *rock* é bem mais complicado do que eu pensava!

Raul – Estou te livrando do Jorge e você não coopera comigo! Você não quer ser uma estrela? Para ser uma estrela hoje é preciso enfrentar a barra!

Margarida – Fiz xixi de novo!

Margarida sai correndo.

Raul – Vocês querem tudo na mão! Querem que as coisas aconteçam por conta própria, *sem meter a mão!* Em que mundo vocês pensam que estamos? Para ser estrela hoje é preciso rebolar! O público não está engolindo qualquer uma assim não! O teatro já é quase uma arte científica! Científica, minha filha!

Margarida volta à cena.

Raul – Você vai...

Margarida toma um lenço de papel e tira teatralmente o batom vermelho.

Margarida – Eu sou da geração do uísque. Mas eu vou! 201

Raul – Não precisa ter medo. José Carlos e eu nunca dançamos!

Já dançamos por parecer suspeitos, dançamos duas vezes, uma vez no Rio e outra vez em São Paulo, assim sem ter feito nada. Mas por causa de fumo nunca! E olha que curtimos de fumo há 18 anos. Desde que começou o *Flower Power*.

Margarida – Por que o José Carlos não vai comigo?

José Carlos – Eu já curti muito essa. Saí do *rock*, Margarida!

Margarida – O Jorge não me obriga a fazer nada disso.

Raul – Em compensação que vida que você tem?

Margarida – Eu gosto da moda, mas no fundo é só para curtir assim *en passant*...

Raul – Foi por isso que você não conseguiu nada na vida! A gente tem que levar as coisas a sério!

Margarida (assustada e cômica) – Meu Deus, os cassetetes que eles usam!

202 (Pausa) Raul estende o dinheiro e o endereço para Margarida.

Margarida – Quero te deixar bem claro que estou fazendo isso por você... Já saí de todas! O Jorge, bem ou mal, ele me ama. Ele gosta de mim. Com o tempo nós até casaríamos um com o outro. Mas vocês apareceram de novo e volta... e volta toda aquela loucura de eu achar que não tenho outros amigos no mundo e de que eu amo vocês. As pessoas ainda riem de mim. Quando eu cito vocês dois eu falo *nós*. Esse *nós* faz as pessoas rirem de mim. Isso foi porque já fomos felizes, os três juntos, em tempos passados. Dessa vez vocês voltaram e me trazendo para

a sociedade que vocês chamam de alternativa. Entro na de vocês. Estou fazendo isso por vocês, Raul! Por vocês!

José Carlos – Se você não quer ir não vá. Ninguém está interessado em fazer você de otária. Nosso jogo sempre foi aberto!

Margarida – Eu vou!

Margarida toma o dinheiro e o endereço.

Raul – Você não vai se arrepender!

203

Margarida – Tenho mais medo de São Paulo do que de qualquer outro lugar do mundo. Desde o tempo em que para ganhar a vida tive que apanhar do CCC. São Paulo é uma cidade perdida na noite da América do Sul, mas é o que tem realidade para mim! Ficou tão ligada à minha vida que no mundo passou a ser a minha realidade!

Raul – Quanto tempo você demora?

Margarida – Uma hora!

Margarida sai.

CENA 2

Raul e José Carlos continuam na cena.

Raul – Você vai me deixar?

José Carlos – Não há mais condições de ficar com você. Fomos felizes juntos, andando pelas estradas do Brasil e descobrindo esta terra. Sinto já saudade de tudo. Mas agora não podemos mais. Estamos fora da realidade!

Raul – Eu vou ficar sozinho?...

204 José Carlos – Eu volto para o Rio hoje! Sabe, Raul, você tem que saber de uma coisa que os poetas sabem e os dramaturgos não. Estamos vivendo num século sem novidade... As grandes teses espirituais e filosóficas desse século já acabaram. E os grandes sonhos também. Não há mais novidade. Foi por isso que os artistas todos deixaram de ser estigmatizados. Tudo já aconteceu!

Raul – Quer dizer que você volta hoje e me abandona para sempre?

José Carlos – Eu já fiz minha opção.

Raul – Eu continuo! Quero ir até o fim!

(Pausa)

José Carlos – Nos 60 foi bonito todo esse movimento de sair pelas estradas e para a rua, cruzar a fronteira e conhecer o outro lado. Nos 70 foi a revelação e o confronto com a realidade. Nos 80 é só o consumo disso. Acabou!

Raul – Ainda há tanta pedraria na rua!

José Carlos – Mas já morreu!

José Carlos junta sua valise e rapidamente se prepara para voltar pro Rio.

Raul – Você nem vai esperar a Margarida chegar?

José Carlos – Não, vou sair sem me despedir dela.

Raul – Você não pode me abandonar, estamos comendo o mesmo pão! E juntos fomos testemunhas da nossa geração!

José Carlos – Vai ficar nossa amizade. E um dia...

Raul – Meu Deus, você não pode!

(Pausa)

Raul – Como é que vou conseguir viver sem você? Você foi o meu confidente, o meu parceiro, o meu irmão!

José Carlos – Você ainda pode ter seus pôsteres, suas músicas, suas revistas e sua última moda. Mas a realidade é despojada disso tudo. Eu estou optando pela realidade. Tudo o que era pra acontecer já aconteceu. O fim do século vem aí. E moda também. Curta. Tem a *new wave*, a *new music*, tem a continuação do *rock*. Você tem com quem ficar. Eu vou para a realidade.

Raul começa a preparar a sua valise para voltar também ao Rio.

José Carlos – Você volta comigo?

Raul – Claro! Vou para a casa de minha família...

206

José Carlos – E Margarida?

Raul – A Margarida que espere. Se você ficasse teria graça. Mas, sem você, José Carlos, aí não tem graça nenhuma.

José Carlos – Você está num caminho tão bom. Você está no caminho certo: o mito da cidade grande!

Raul – Sem você eu não quero!

José Carlos – Uma coisa, hein, Raul: curtimos essa de homossexuais só em termos de imagem para a imprensa. Na vida real...

Raul – Na vida real não!

José Carlos – Porque eu tenho preconceito!

Raul – Você insistiu tanto para vir para São Paulo!

José Carlos – Não é barra pra mim...

Raul – Então não é para mim também!

Raul termina de preparar a valise para voltar ao Rio.

Raul – Será que a Margarida transou?

207

José Carlos – Coitada! Você foi envolver a Margarida no nosso fim de sonho...

Raul – A Margarida é ótima. Mas ela precisava de um banho de modernismo.

José Carlos – Ouvi dizer que ela não é boa atriz no teatro... Se eu arrumar um emprego no Rio, depois que esquecer a tortura que foi esse tempo todo na estrada, vou escrever um romance.

Raul – Margarida vai ficar louca comigo porque eu não vou fazer mais a peça para ela...

José Carlos – Você escreve no Rio e manda...

Raul – Os paulistas estão tão por fora... Imagina!
Nós dois somos o underground de salão!

José Carlos – Você não acha essa música nostálgica?... Eu ainda sou mais por aquela brasileira:
Se você disser que eu desafino, amor...

Raul – É nostálgica?...

José Carlos – Já é nostálgica...

Raul – O sucesso que ainda faz!

208 José Carlos – Já é nostálgica! (Pausa)

Raul – O que eu vou fazer no Rio, José Carlos?...

José Carlos – Não sei...

Raul – Trabalhar eu não vou... (Pausa) Os pôsteres eu deixo para a Margarida... Se desse para continuar... Eu me sinto tão infeliz com a realidade! A realidade me deixa tão perdido! Eu sempre fui isso mesmo: um hippie de salão! E agora a realidade está na rua, viva! Eu detesto a rua! E você! Você vai me abandonar! Você vai me abandonar!

A música continua tocando. A cena escurece.

CENA 3

Raul e José Carlos estão na cena, esperando Margarida. Já passou muito tempo e Margarida não voltou. Já é noite.

José Carlos (lendo um poema de seu livro não publicado) – *E será o país onde se reunirão um dia, sobre a lama e o lixo das cidades, as nações da terra. Todas! Nas nuvens coloridas de vermelho e fogo todas as nações da terra, sim, todas as nações da terra se reunirão. Todas as nações da terra. E da prata da sua noite nascerá a paz"! Essa é a síntese da minha poesia. Rimbaud no Brasil.*

Raul – Margarida falou que ia demorar uma hora... Será que ela dançou?...

209

José Carlos – E se ela dançou?

Raul – Mas ela não dançou, será que dançou?

Eles esperam.

Raul – E o Peru? E a Bolívia?

José Carlos – Não quero nem lembrar.

Raul – Você escreveu a respeito?

José Carlos – Escrevi, mas ninguém quis publicar... E os que morreram loucos por causa do

LSD?... O que você acha da gente sair e ir atrás da Margarida?...

Raul – Deve estar tudo bem com ela. Daqui a pouco ela está aí.

Eles esperam.

Raul – José Carlos, já pensou você agora num escritório, tendo que trabalhar 8 horas por dia, de manhã e de tarde?

José Carlos – Se eu pensar muito a respeito fico louco!

210 Raul – Nós que provamos o que é a liberdade... Para nós significa o inferno.

José Carlos – Você não, você sempre dá um jeito, mas eu vou ter que voltar! Como eu posso viver de poesia?...

Raul – Eu sinto uma coisa tão ruim!

José Carlos – São só 30 anos de trabalho. Depois aposenta...

Raul – Nem me fala, menino... Sabe quem ganhou com essa de *rock* e contracultura? As estrelas da música. Devem ter ganhado tanto

dinheiro que não sabem onde enfiar. E podem ainda se dar ao luxo de continuar aparecendo...

José Carlos – Você continua sonhando, Raul: agora é a realidade!

Raul – Você vai ser muito careta na sua vida nova?

José Carlos – Não muito...

Raul – E a minha família que é mais careta que a sua?...

(Pausa) eles esperam.

211

Raul – Sabe de tudo o que sobrou mesmo? Só isso: eu nunca vou conseguir te esquecer!

A porta abre-se e entram Margarida e Jorge. Margarida está descomposta e Jorge arrasta-a pela cena.

CENA FINAL

Jorge – Eles!

Raul – Que foi que aconteceu?

Margarida (patética) – Dancei!

José Carlos – Eu te avisei!

Raul – *Darling!*

Margarida – Olha como estou. Olha o meu estado! Sujei nas calças!

Jorge – Pensei que já tinham ido embora!

Raul – Mas estamos com as malas prontas.

Jorge – Ótimo! Porque eu não quero saber mais de maconheiro aqui no apartamento que eu pago! E envolver a Margarida, a minha Margarida...

212

Margarida – Que horror, Raul! Sujei na frente do delegado!

Jorge – Envolver a Margarida, que sempre foi uma pessoa séria! Se não fosse eu punha em cana!

Raul – Não precisa gritar nem comigo nem com o José Carlos. Já estamos de partida!

Margarida – E a peça, Raul? Você me prometeu! Você falou que ia me lançar de novo. Eu saí para buscar fumo para você porque você falou que ia me lançar de novo! E você estava fazendo as malas para ir embora? Eu dando o duro na rua

por você e você me traindo? Eu já me imaginava toda vestida de peles velhas sobre Patchuli e batom vermelho, meio salto e joias antigas, subindo o palco e ficando debaixo dos refletores! Eu já me imaginava saindo da insignificância da minha vida para ser um mito da cidade grande no teatro! Foi você que me convenceu! Eu já estava de novo recebendo rosas na estreia e sendo aplaudida em cena aberta! Eu já era uma estrela! Estava num palco novo onde vestia as roupas de São Paulo do passado! Eu já era uma estrela! Eu já era uma estrela!

Raul – Não seja tão patética, Margarida!

213

Margarida está descomposta na cena, sentada no chão.

José Carlos – Adeus, Margarida. Nossa amizade não vai acabar por isso. Porque foi só o que ficou de tudo: uma nova amizade!

José Carlos toma a sua valise e sai de cena, sem beijar Margarida.

Jorge – (para José Carlos) – E não volte mais! Eu te conheço também: há qualquer coisa de vulgar em você!

Raul – Não fala dele não porque ele é um santo!

Jorge – Santo? Pra cima de mim?

Raul – Tchau, Margô. Se aparecer uma nova no ar eu te procuro! O *rock* está sendo um desastre nos 80!

Raul sai, levando suas coisas. Depois Raul volta.

Raul – Uma coisa eu preciso te dizer: o que te aconteceu tem acontecido nas melhores famílias, assim, textualmente!

Margarida – Eu tive tanto medo que sujei tudo!

214 Raul – Tchau, Margarida. Numa próxima eu te encontro...

Raul vai-se embora.

Ficam na cena Margarida e Jorge. Ouve-se um blues.

Jorge – Vem, vamos lavar...

Margarida – Raul e José Carlos foram embora?

Jorge – O desplante desses dois! O desplante! Vem, vamos lavar, você está toda suja! Meu Deus, que desplante!

Margarida – Ainda são hippies... E no mundo atual eles já não cabem mais!

Jorge – São dois viciados, isso sim! Vem, você esta toda suja!

Margarida – Ainda estou gelada de medo. Como foi que aconteceu?

Jorge – Eles te seguiram daqui do centro...

Margarida – Eles me seguiram daqui do centro?

Jorge – E quando você chegou lá no tal endereço te botaram a mão!

215

Margarida – É arrepiante!

Jorge – Se não fosse eu você estaria perdida!

Margarida – Pensar que eu já ia voltar à noite paulista! Eu ia cantar esta cidade melhor do que ninguém! Perdi a chance da minha vida!

Jorge – Agora você depende só de mim. Agora você tem que me obedecer.

Jorge toma Margarida nos braços para levá-la fora da cena.

Jorge – Agora você é só minha!

Margarida – Eu senti tanto medo!

Jorge (com Margarida nos braços) – São Paulo já controla as pessoas, Margarida... Você não foi seguida pela polícia daqui do centro até a casa do traficante. Desde o início vocês estavam sendo observados! Vocês três!

Margarida – O Raul sempre me põe na última moda, sempre! Se não fosse ele eu nem sonhava mais...

216

Jorge – Nada de sonhos, menina... Nada de sonhos! A máquina, o trabalho, a ordem – eis a vida! Nada de sonhos! São Paulo marcha para a sua grandeza! Aprendeu com os computadores! São Paulo caminha para o futuro!

Margarida – Ainda sou poeta... Um dia ainda vamos vencer! Um dia nós é que vamos controlar a cidade... Nós! Depois da nossa revolução! Agora que já passou o pior posso voltar outra vez para a insignificância... Para estar bem no centro de São Paulo. Mas agora eu também observo...

Jorge – De poesia só tem os boêmios! Foi na boêmia que eu te encontrei! Vou te levar para a noite para lembrarmos aqueles velhos tempos...

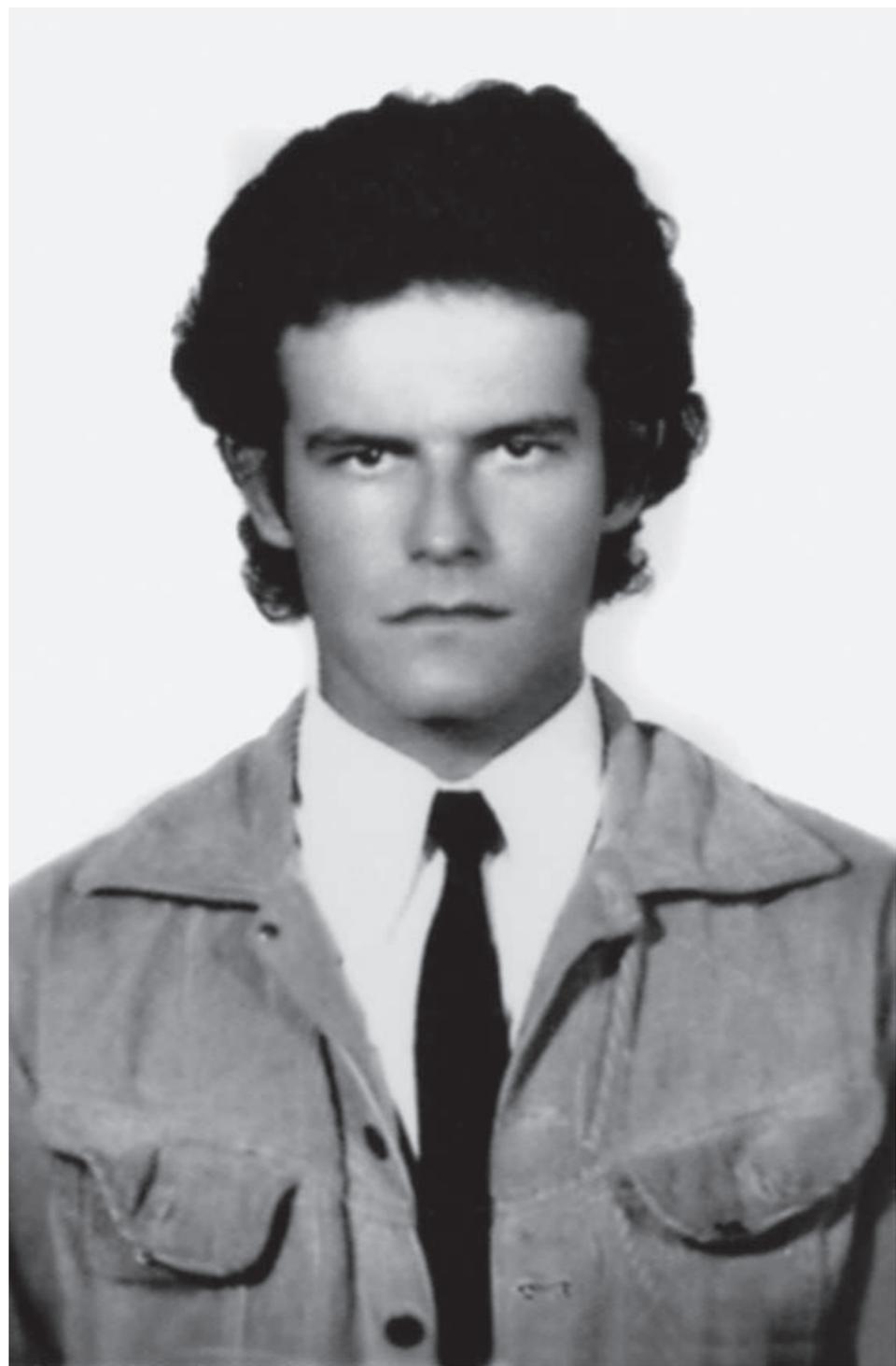
Margarida – A boêmia já é uma coisa fora de moda!

Jorge – Fora de moda? ... Como fora de moda?...
Agora é *rock*?

Margarida – *Vê se me isola, vê se me isola, de dia
estou de pijama, de noite de camisola!* (Música)

Rock and Roll frenético encerra o espetáculo,
enquanto cai o pano.

José Vicente



Diário Íntimo

Diário Íntimo

José Vicente
dois atos

ATO I

Personagens

Gerard – Esnobe francês da classe média dominante. Nada realizou como criador. Vive no universo das artes sabendo que nada realizaria, porque é medíocre e porque não tem talento. Ele é do tipo obeso, sem luz própria, com qualquer coisa de azedo, e mundano. Numa outra situação teria o desprezo do seu hóspede. Mas Gerard é do tipo de gente que *está na moda* quando já não há mais esperança. Faz jornalismo e vive de aluguel de seu apartamento em Paris.

221

É preciso dizer que como jornalista ele é *free-lance*.

Veste-se à francesa, sempre com um terno xadrez de lã e boné de tecido do mesmo pano. Gerard traz invariavelmente um jornal na mão. Ele se interessa por teatro.

Luiz – O hóspede de Gerard. Um requintado suicida de formação burguesa, da burguesia católica tradicional brasileira. Teve todas as chances para ser um esnobe genuíno e viver na

classe social que reflete seu verdadeiro espírito. Mas tornou-se uma exceção por causa do subdesenvolvimento do seu país. Como exceção, e no Brasil, e mais precisamente, no Rio, Luiz acabou sendo vencido por seus inimigos. Gerard é, disfarçado, um deles.

Luiz nasceu para viver como um rei. Na verdade vive pobre, é quase sujo, embora seja feminino e branco, muito branco, sem ser pálido, e é espontâneo em sua elegância.

Veste-se com um terno marrom e camisa de linho – com abotoaduras, no estilo clássico.

222

Embora tenha tido terras aventurou-se também pelo caminho das artes: é um cineasta vencido. Ele jogou tudo nisso e perdeu.

Lu – Uma espécie de pequeno lobo, que traz a realidade do mundo exterior: a vulgaridade e a violência.

É da mesma classe social de Gerard (a classe média dominante), com uma diferença: já pertenceu à ralé. Foi ela quem perverteu Luiz. Tendo conseguido, passou a persegui-lo, até vê-lo destruído. Faz estilo *hippie antropofágico* brasileiro, com idas a Londres e passagens por Paris.

Cena

A cena desta peça desenvolve-se em dois planos:

No primeiro plano uma arena vazia revela o *diário íntimo* de Luiz. Sua história é narrada ao público por meio de uma volta ao passado.

No segundo plano acontece o exílio voluntário de Luiz em Paris. A cena é o apartamento de Gerard. É um apartamento estilo classe média. Há uma biblioteca mofando, uma mesa com máquina de escrever, poltronas antigas. Há um porta-chapéus. Há uma porta sempre trancada do quarto de dormir.

223

A ação tem um tom sempre *realista*, embora seja lenta e pausada até levar o público a sentir uma sensação de paroxismo de tédio. Esse plano *realista* no apartamento de Gerard é descrito por um *flash fotográfico* no final de cada cena, como se os personagens estivessem sendo observados por uma implacável máquina.

Época

A época em que esta peça se passa coincide com o frenesi hippie dos anos 60.

Diário Íntimo

A cena está escura, no escuro ouve-se a voz de Luiz narrando seu diário íntimo. Ouve-se o ruído de máquina de escrever durante a narrativa

Voz de Luiz – Acordei com vozes na rua onde morava, no Rio. Era domingo. Abri a janela e vi as pessoas passando, ao sol da cidade. Vesti-me e desci. Tinha decidido tomar um trem e ir almoçar num restaurante de subúrbio, onde fora uma vez com conhecidos. Tomei um táxi e pedi ao motorista que me levasse à estação.

Recordo-me que o motorista de táxi olhou-me o tempo todo através do espelho. Não respondeu a uma pergunta que eu fiz e simulou aquele mau humor característico da ralé. Quando chegamos à estação e desci, notei que ele me assistia de dentro do táxi, como se aguardasse um acontecimento do qual ele também seria cúmplice. Desconfiei que alguma coisa estava acontecendo comigo nesse domingo, quando paguei ao motorista e ele não me devolveu o troco.

Entrei na estação, comprei o bilhete e me dirigi à plataforma. Havia muita gente esperando o trem. Todos conversavam. Quando cheguei houve um silêncio geral na plataforma e ao longo da estação. Todos olharam para mim e no olhar de todos havia ressentimento e provocação.

Possuído subitamente por uma sensação de pavor caí, feri a testa, depois corri ao longo da plataforma, passando por entre aquela gente e conseguindo sair da estação. Sangrando, na rua, tentei tomar um táxi. Mas todos buzinavam muito alto e todos me recusaram. As pessoas na rua paravam para me assistir e no rosto de todas havia o mesmo ar maligno e cúmplice de algo parecido com um famigerado acerto de contas.

Por um momento pensei que ia ser linchado pela multidão e sem saber exatamente o porquê.

226 Corri e corri, entre os carros, cruzando sinais, voltando ao passeio e com muita dificuldade e sangrando entrei num ônibus e consegui voltar para o meu apartamento, onde o sol de domingo já não era mais o mesmo sol da manhã.

As luzes acendem, a arena está vazia, ouve-se um telefone tocando várias vezes. Ninguém atende.

Voz de Luiz – O ódio contra mim cresce dia a dia. Não posso mais sair à rua. Ouço insultos e recebo agressões até no bar onde vou comprar cigarros. Sinto o Rio impedindo minha vida e violentando os mínimos detalhes da minha consciência e da minha intimidade. Em todos os lugares, em todas as situações, em todos os rostos.

Voz de Luiz – Mas hoje esse ódio inexplicável atingiu seu apogeu e se transformou em febre coletiva. Estão querendo me matar. Me transformei no mártir inexplicável e público e no espelho monstruoso de rancor de toda a cidade.

Pausa, a luz cresce mais ainda e ilumina a arena o máximo possível. Ouve-se o telefone tocar novamente, várias vezes. Ninguém atende.

Voz de Luiz – Trancado no meu apartamento como um animal acuado, no Rio, ouço o telefone tocar e tocar. Quando atendo não é ninguém ou então é engano.

Preparo às pressas meu passaporte e deixo às escondidas esta cidade barulhenta e vazia, onde no final da minha vida vivi... à sombra do inferno!

227

Vou encontrar meu exílio voluntário em Paris. Vendi tudo o que tenho e não pretendo voltar nunca mais ao Rio.

As luzes apagam-se.

FLASH Nº 1

Luiz está sentado numa das poltronas, vestido e calçado. A gravata frouxa, os olhos perdidos no horizonte. Depois de uma pausa ouve-se o

ruído de chaves abrindo a porta, entra Gerard, com flores.

Gerard – Acabou o inverno do nosso descontentamento!

Luiz continua imóvel.

É primavera. Trouxe para você!

Luiz continua imóvel.

Gerard (tocando-o) – Acorda... Acorda...

Você está em Paris...

228

Luiz levanta-se.

Luiz – Posso pagar o aluguel do apartamento...

Gerard – Falo de primavera e flores e você vem me falar de aluguel?

Luiz – Eu sei que você vive de aluguel do apartamento. A *concierge* me disse.

Gerard – Vivi aqui com minha mãe a vida inteira, até ela morrer. Depois que mamãe morreu decidi me mudar. Para mim era muito triste. Conservo todas as lembranças daquele tempo nesse apartamento. Agora está mofando. Mudei os móveis,

transformei num estúdio. A *concierge* vem uma vez por semana.

Luiz – Esteve aqui um casal procurando por você. Queria alugar um apartamento...

Gerard – Fica tranquilo. O apartamento é seu. Até você organizar sua vida em Paris. Por enquanto você é meu hóspede.

Luiz – Sempre fui independente. Não estou acostumado a viver à custa dos outros.

Gerard – É uma honra ter você como hóspede. Você é o assunto. Você é a moda em Paris nesta primavera... A cidade inteira fala de você! Onde você aprendeu a falar francês?

229

Luiz – No Rio!

Gerard – Seu francês é ótimo! É fluente!

Luiz – No Rio é muito comum as pessoas passarem temporadas em Paris. Tem muitos brasileiros que vivem aqui. Os brasileiros gostam muito da França.

Gerard está fazendo o arranjo das flores num vaso. Luiz vai até a janela, abre-a e fica olhando a rua. Ouve-se ruído de carro.

Você é gentil comigo...

Gerard – Preciso deixar o apartamento em férias durante algum tempo.

Luiz – Então melhor para mim. Mas quero que você saiba que posso pagar o aluguel.

Gerard terminou de fazer o arranjo de flores.

Gerard – Paris ainda tem tempo para cultivar monstros sagrados...

Luiz – Não sou um monstro sagrado!

230 Gerard – Você é. Um monstro sagrado é sempre um monstro sagrado.

Luiz – Como você me descobriu?

Gerard – Vendo você perdido e sozinho no Flore.

Luiz – Eu estava mesmo sozinho e perdido.

Gerard – Então resolvi me interessar por você e cuidar do seu caso. É claro que você não vai poder ter a corte desta cidade no velho estilo. Não mais. Mas há outro tipo de corte em Paris que não perde para o velho estilo...

Luiz – E qual é?

Gerard – A outra! A do outro lado da fronteira!

Luiz – Não entendo o que quer dizer!

Gerard – Você gosta de Sartre, acompanha a trajetória dele?

Luiz – Ah, sim! Foi mesmo por causa dele que fui até Flore, onde você me encontrou.

Gerard – Pois é. Em Paris, Sartre vive do outro lado da fronteira.

Luiz – Agora entendo o que você quer dizer!

Gerard – Qual sua opinião sobre Sartre e o existencialismo?

231

Luiz – Na minha cabeça, quando saí do Rio e decidi me mudar para cá, Paris agora vive do espírito dele. É a moda ainda.

Gerard – A maioria dos artistas e intelectuais pensa como você.

Pausa, longa pausa.

Gerard – Eu sei que você não aprova!

Luiz – O quê?

Gerard – As flores!

Luiz – Para mim não quer dizer nada.

Gerard – Arrisquei pensando na primavera.

Luiz – Pensei que ainda era inverno. Veja você.

Gerard – Muita gente tem prevenção contra flores. Pode parecer.... Bem, você entende.

Luiz – Gosta de flores. É verdade.

Gerard – Porque há quem deteste!

232 Luiz – É fora de moda. Só isso.

Gerard – Você leva a moda a sério?

Luiz – Às vezes.

Gerard – Quando você descobrir qual é a última, aqui do outro lado da fronteira, você vai ficar muito assustado.

Luiz – De qualquer forma aqui é Paris. Temporariamente estarei em paz.

Pausa, Gerard estava sentado à mesa. Levantase e prepara-se para sair. Vai ao porta-chapéus

onde deixou seu casaco quando chegou. Retira-o e começa a vesti-lo.

Gerard – Bem, *au revoir!*

Luiz – *Au revoir!*

Gerard – Almoçamos juntos amanhã. Eu convido.

Luiz – Ótimo.

Gerard – Vamos a um restaurante discreto.

Luiz – Perfeito!

Gerard – Por que você não vai hoje a um café?

233

Luiz – Mais tarde eu desço. As pessoas ainda me dão pânico!

Gerard – Ainda?

Luiz – Ainda!

Gerard – Agora você está em Paris!

Luiz – Mesmo assim. Quem passou pelo que eu passei talvez não se levante nunca mais!

Gerard – Faça como lhe agradar.

Luiz – Mas não seja maternal comigo, por favor, já estou me sentindo salvo.

Gerard – Esse ar de exílio combina pouco com seu rosto verdadeiro! Paris está acostumada a receber estudantes de esquerda, terroristas e outros exilados políticos de gênero. Mas você! Um católico! E da burguesia tradicional! Um homem de elite da direita! Um democrata... Tratando-se de um radical assim em exílio na Cidade das Luzes pode parecer que para o capitalismo já é o pesadelo...

Luiz – Já é. A vulgaridade venceu!

234 Gerard – Por que você chama de vulgaridade?

Luiz – Porque é a vulgaridade! É a ralé no poder! Mas me consola saber que desde que nasci já eram eles que mandavam, que detinham o poder!

Gerard – Oh!...

Luiz – O que chamavam de burguesia sempre foram eles! Talvez em outros tempos mais remotos o sonho da minha classe tenha existido...

Gerard – Você está seguro disso?

Luiz – De qualquer forma houve um tempo em que eu pude viver sem a interferência deles.

Gerard – Você ainda tem importância...

Luiz – Tenho?

Gerard – Como não? Você é um homem que tem inimigos!

Há um flash fotográfico de uma grande câmera imaginária sobre a cena. Depois a cena escurece.

Na arena iluminada e vazia a cena volta a revelar o diário íntimo de Luiz.

Voz de Luiz – Tenho pensado nas várias formas de suicídio. Já pensei em tomar comprimidos, mas o sono me dá mais medo do que a morte real. Às vezes tenho o impulso de abrir a janela e me atirar no asfalto.

235

Um corte com navalha poderia ser a fórmula. Um corte incisivo, exato. É a morte que sugere o marquês em mim. O animal incomum, raro, que se recusa a morrer em algum lugar do meu corpo, acuado não pelo ódio, mas possuído por uma selvagem vontade de liberdade encontraria no corte da navalha a realização íntima de seu orgulho. E se projetaria no espaço imponderável da sua solidão.

A cena apaga-se novamente. As luzes voltam a mostrar a cena real, no apartamento em Paris.

FLASH Nº 2

Luiz examina *takes* num rolo de filme que rodou no Rio sobre o latifúndio de sua família. É preciso que haja muita angústia e muito sofrimento nessa revisão que agora ele faz de sua *obra fracassada*. Ouve-se então o ruído de chaves na porta e entra Gerard, agora trazendo seu jornal constante.

Gerard – Voltei do jornal e resolvi passar para ver como você estava...

Luiz – Estou revendo minha carreira de cineasta...

236

Gerard – Para encerrar ou para continuar?

Luiz – Ainda não sei.

Gerard – O que você fez até agora satisfaz em algum aspecto?

Luiz – Rodei esse filme que qualquer dia desses vou mostrar a você, logo que encontrarmos um projetor e uma sala.

Gerard senta-se à mesa com o jornal.

Gerard – Trata-se?...

Luiz – É a respeito de minha família e do latifúndio que teve no Brasil.

Gerard – Muito bem. E como é a história?

Luiz – Conta a conquista e a formação de um clã em pleno Sertão de Minas. Bem, você não sabe o que é Sertão nem o que é Minas. Não tem tradução em francês.

Gerard (abrindo o jornal e lendo) – O que é sertão?

Luiz – Terra ruim. Não deve ter o equivalente em francês.

237

Gerard – Estou certo que não. E que mais?

Luiz – Minha família teve tanta terra no Sertão de Minas – Minas é uma região do Brasil. Minha família teve tanta terra lá que chegava a ser um mar. Um mar de terra ruim, com algum vale fértil, onde a vida aconteceu. Meu filme conta essa história e a da inimizade que esse latifúndio ruim gerou.

Gerard – A sua história é mais interessante que a história do seu filme... E quanto a isso não tenho a menor dúvida. Vamos a um filme hoje. Eu tenho uma sala de projeção.

Luiz – O filme conseguiu algum êxito no Rio.

Gerard – Muito bem.

Gerard fecha o jornal. Luiz guarda o rolo do filme.

Luiz – E à parte isso organizo meu suicídio.

Gerard (voltando a ler o jornal, com tédio) – Para quando?

Luiz – Ainda não sei o dia.

Gerard (sempre lendo o jornal) – E onde será?

238

Luiz – Pensei em me suicidar na neve... caminhando na neve, até me perder, no branco, e me transformar numa estátua de gelo...

Gerard – A ideia não é má.

Luiz – Para isso eu teria que esperar o próximo inverno ou então viajar para os países de gelo eterno.

Gerard – E então? Como será?

Luiz – No Rio!

Gerard – Que macabro!

Luiz – Sabe quem se suicidou no Rio? Um prêmio Nobel da literatura, Stephen Zweig.

Gerard – Nunca ouvi falar.

Luiz – Estou brincando. O Rio não entra mais nos meus planos de morrer...

Longa pausa. Gerard continua lendo o jornal, impassível.

Gerard – E por que não se suicidar em Paris?

Luiz – Não mereço.

Gerard – O suicídio não é novidade em Paris!

Luiz – Não mereço! Meus inimigos zombariam mais ainda de mim!

Gerard – Eles saberiam?

Luiz – E como!

Gerard – Achariam muito pretensioso o teu ato?

Luiz – Para eles seria o cúmulo!

Luiz tira de dentro da gaveta um pequeno revólver.

Não estou mentindo. Tenho pensado mesmo a respeito.

Gerard – Mas você é católico tradicional, de uma burguesia que até por aqui é conhecida pelo rigor nesse sentido...

Luiz – Como você sabe?

Gerard – No meu meio, tudo se sabe a respeito dos países subdesenvolvidos. Para os católicos o suicídio é pecado mortal. Não é?

Luiz – É verdade. E a violência contra os outros, no mesmo sentido, também é.

240

Gerard – Então por que o revólver?

Luiz – Um dia bateu na minha cabeça e não resisti à tentação.

Gerard (agora parando de ler o jornal) – E então?...

Luiz – Estou sem saída... Fugi e vim para cá tentar esquecer minha terra para sempre! Mas meu dinheiro vai acabar. E depois, depois tenho os mortos da minha família e os que continuam vivos, perdidos no Sertão de Minas... Eu tenho um compromisso com eles... Eles nem sabem o que me aconteceu. E é provável que o mesmo esteja acontecendo com eles.

Gerard (brusco) – Como seu suicídio não vai ser hoje me ofereça um café. Você é filho da burguesia do café. É muito chique!

Luiz – Não sou filho da burguesia do café. Sou filho de fazendeiros arruinados.

Luiz põe o revólver sobre a mesa e prepara-se para fazer o café.

Gerard – Como se explica que você sendo de um país pobre como é o Brasil tenha fundado lá, logo lá, com sua família, uma burguesia de esnobes? De extrema direita?

241

Luiz – Minha família teve terras, muitas terras, um mar de terras e optou por não fazer nada com elas. Se foi por esnobismo não sei. O que eu sei é que causou tanto mal, mas tanto, que ultrapassou o que a história nos contou a respeito de suseranos e vassalos.

Gerard – A sua história chocou a França. Ela não conheceu até hoje um orgulho tão maligno.

Luiz – Alguém dos meus antepassados deve ter sofrido muita humilhação no Brasil. E decidi vingar essa humilhação criando um clã e um latifúndio que perturbou para sempre a mente do

povo brasileiro. Herdei em meu sangue a mesma tirania. E a vaidade. Não o orgulho, que é uma virtude, mas a vaidade, que é um vício.

Luiz sai de cena. Gerard toma o revólver que Luiz deixou sobre a mesa e desmonta-o, com certo medo. Há uma bala dentro.

Gerard – A verdade é que seu esnobismo criou em sua terra uma burguesia de extrema direita. Num país pobre como o seu, onde a população tem que se moldar por um comportamento uniforme, você se tornou uma exceção monstruosa. Tão monstruosa que até para mim, que sou classe média, aqui em Paris você é um caso chocante! Não tinha conhecido ainda alguém vindo de lá com tanto orgulho e com tanta pretensão!

242

Luiz (de fora) – Você acha mesmo?

Gerard – E olha que a França é rica!

Luiz (de fora) – Eles tiveram todos os motivos para me odiarem! Todos!

Gerard – Eles?

Luiz (de fora) – No Brasil nossa família sempre equacionava assim: *nós, eles, eles, nós.*

Gerard – Quem são eles?

Luiz – A ralé! A classe média, a pequena burguesia, a sub-raça que se molda por padrões americanos, assiste televisão, é uniforme em qualquer situação e se comporta com aquela pretensão característica de quem nunca conheceu o que é a liberdade e o poder absoluto. O povo. A gentalha. Minha mãe dizia: *a corja*. Eles. Não sei sociologia. Eles desprezam qualquer caracterização. Na cabeça deles nós que éramos a ralé e eles a aristocracia, ou burguesia ou sabe-se lá que termo do palavreado intelectual que nós também desprezamos. A verdade é que em minha terra essas duas classes, uma nascida e criada no Sertão de Minas, a outra vinda do ventre americano, essas duas classes criaram uma guerra mental tão impiedosa, tão cruel, tão sem limite em sua perversidade subliminar que eu fui escolhido para ser a vítima. Não por ser o mais forte da minha família. Mas por ser o mais frágil.

243

Gerard – Examinando sob o ponto de vista da Cidade das Luzes, você não acha que o ato do seu Sertão de Minas não é fanatismo?

Luiz (de fora) – Deus sabe que o deles é pior!

Gerard – Não sou um intelectual. Tudo o que eu sei é o resumo habitual: esquerda, direita, bur-

guesia, capitalismo, pequena burguesia, classe média... Essas classificações estudantis.

Luiz (de fora) – Não sei onde nem como nem por que começou a diferença e a guerra que acontece todo dia em minha terra e dentro da qual eu sou uma peça-chave. A verdade é que ela transcendeu e chegou até aqui. Lá por lá já aconteceu terrorismo, tortura, mil barbaridades. Divisões, partidos, uma linguagem própria, um povo que é cúmplice numa linguagem que só ele conhece e que para traduzir para o francês seria impossível.

244

Gerard – Seu filme trata disso?

Luiz (de fora) – É o tema.

Gerard – Preciso confessar a você que nós aqui em Paris decidimos optar pelo comportamento dos seus inimigos e escolher o partido deles. Entre sua poesia e seu rigor e seu sertão, preferimos escolher você e continuar o martírio!

Luiz (de fora) – A menos que eu passe para o lado deles?

Gerard – Não é quem está ajudando você no momento? Você não está do outro lado da fronteira?

Luiz (de fora) – Não estou motivando seu tédio? Não pus você num trono que você jamais conheceria se não fosse por mim? Por que então deixar que só você desempenhe esse teatro? Por que não dividirmos entre nós dois o mesmo cinismo, o mesmo sarcasmo e o mesmo ódio que ainda não tivemos chance de revelar, entre nós dois?

Gerard – Com o tempo você vai aprender as regras do nosso jogo. Você vai ver!

Luiz (de fora) – É uma chance?

Gerard – É uma chance!

245

Luiz (de fora) – Eu criei o mundo e você é o senhor. Estamos na idade média, eu sou a suserano, você o vassalo, mas o feudo, quem tem o poder sobre ele é você.

Gerard – Sou vulgar. Não tenho culpa.

Luiz – Um dia você vai entender por que é que eu tenho razão. Eu e os que ainda estão comigo.

Gerard – Não sabia que você era um rei. Pensava que você fosse um monstro sagrado. Mas trata-se de um rei brasileiro em Paris!

Há uma pausa, Luiz começa a cantar uma canção.

Luiz (cantando) – *Los argentinos rodan, rodan, rodan, los brasileños lloran, lloran, lloran...*

Los brasileños lloran, lloran, lloran, los argentinos rodan, rodan, rodan...

Los brasileños lloran, lloran, lloran, los argentinos rodan, rodan, rodan...

Los argentinos rodan, rodan, rodan, los brasileños lloran, lloran, lloran...

Luiz volta à cena trazendo café que fez.

246

Luiz – Nem com o tempo, Gerard. Nós, eles, eles, nós. Coincide, assim como um ato matemático. Na minha cabeça passa que até as ciências exatas existiram no passado para me pôr no Café Flore e você ir lá para me encontrar e trazer para ser seu hóspede nesse apartamento em Paris. A diferença entre nós faz parte do nosso destino. Nem com o tempo!

Nós, eles, eles, nós. Tudo coincide. É um ato exato!

Luiz volta a cantar a canção anterior até um frenesi, dançando com o café que trouxe. Há um *blackout* rápido.

Diário Íntimo

Ilumina-se a arena. Lu está na arena. Ela usa roupas que exprimem a decadência da civilização ocidental chegada ao seu requinte. Algo como roupas finas esfarrapadas, cabelos finos despen-teados de propósito, pérolas, batom excessivo. Talvez Lu deva estar descalça o tempo inteiro, mesmo quando aparecer em Paris. Ela é o contraste vivo entre a civilização real, ocidental e a rígida, a do sonho do Sertão de Minas, descrita a seguir por Luiz.

Resta dizer ainda que Lu joga aquele jogo de setas ao alvo, comum dos pubs ingleses, e cujo nome me falha a memória.

247

Voz de Luiz – Eu sei o que é a terra de Minas. Foi lá que eu nasci. Andei descalço nela durante toda a minha infância. Para mim ela não tem nenhum segredo. Nenhum. Foi ela que me ensinou sobre o requinte da simplicidade, que parte do meu povo transformou em elegância e esnobismo. Minto. Quando digo meu povo estou me referindo ainda a e/es. Preciso ir por partes. As imagens que eu tenho no meu filme não bastam. A palavra tem que registrar o que foi, como aconteceu e por que aconteceu.

(Pausa) ouve-se o ruído de máquina de escrever.

Conheço muito pouco sobre os meus antepassados. Lembro-me que as terras no Sertão de Minas eram de uma avó minha, descendente de portugueses. Tudo ainda é muito equívoco e não sei se um dia vou decifrar todo o mistério que me envolve e que envolve minha origem. A gente do povo sabe mais a meu respeito que eu mesmo. Mas ninguém me revela a verdade. Das terras eu me lembro. Para mim era o sertão real e sua imagem já está gravada no meu filme. Era um abismo de verde ruim. O verde ruim no seu apogeu. No centro das terras de vegetação rala e com algum vale fértil, uma pequena fruta chamada gabioba, verde e toda cheia de uns bichinhos brancos, denunciava a ironia daquele lugar onde eu julguei que um dia, em tempos talvez ainda mais remotos, tivesse sido o inferno. O nome da fruta esverdeada era gabioba. Não cheguei a conhecer minha misteriosa avó, dona das terras. Para mim ela se tornou uma lenda que até hoje não consigo apagar da minha cabeça.

Do meu avô, conta-se que foi quem inventou o aeroplano.

Não sei quem foi que comprou aquelas terras.

Meus pais eu conheci e também meus irmãos. Meu pai está morto, minha mãe está morta e

tenho vivos um irmão e duas irmãs. Não sei onde vivem atualmente. Para mim foi o exílio. Convi-vi sozinho e livre entre tios e tias, enigmáticos sempre, e tive uma vida tão familiar com eles que não posso ter de nenhum qualquer espécie de rancor. Só saudade e ternura. Talvez tenham sido bons demais para mim.

Até os 10 anos eu não sabia da existência de nenhuma cidade no Brasil. Ouvia vez por outra alguém mencionando o nome de Rio de Janeiro, mas era algo longínquo, sem nada a ver comigo. Onde eu vivia, no sertão, não havia luz elétrica: era luz de lampião ou lamparina de querosene. Não me lembro de vela nem de candeia.

249

Andava descalço e pegava andorinhas nos cupins do campo.

Havia cobras venenosas e pássaros estranhos. Ainda hoje eles me são familiares. Urubu, nham-bu, jararaca, pintassilgo, cascavel também.

Aos domingos minha mãe me dava banho numa bacia, aparava meus cabelos e fazia eu ir com meus irmãos, a cavalo, assistir à missa na cidadezinha próxima das nossas terras. Mas era uma cidade tão pequena que não chegou a me marcar com qualquer vestígio da civilização deles.

Eu não sabia da existência deles. Mas o fantasma deles deve ter passado por lá e marcado de maneira tão forte aquele sertão que a palavra inimizade é pouca para exprimir o que eu um dia vi no ar daquelas terras: a presença do inferno. A vida, o selvagem, a liberdade, a ternura, o amor, a fantasia, o sonho, o paraíso, tudo foi só para mim e para minha infância. Para os da minha família sempre foi o pesadelo. As ruínas de um engenho coberto de fuligem diziam que meu avô havia sido um burguês falido da cana-de-açúcar. Os cavalos magros que minha família usava para suas visitas a outras casas de parentes nossos no sertão, revelavam que aquela terra era uma ilha que recebeu todos os malefícios do Brasil na tentativa em vão de não se misturar com eles nem com o azar que os acompanha. Sorte e fortuna são máscaras ambíguas e a paisagem exata da minha terra nem o sol sabe. Tentei captar a imagem que um dia eu vi, quando era inocente. É atrás dela que ainda vivo procurando a linguagem que possa exprimir o que foi o sertão, eles, nós, a ave do azar, o destino, a tristeza, o latifúndio, a descoberta do Rio.

Aos 10 anos minha família me enviou ao Rio para estudar e trabalhar lá e viver por lá minha vida. O pecado que eu cometi, eu não sei. Talvez tenha sido o do privilégio excessivo e o da abundância sobre um chão que era ruim. O anjo que fechou

as portas daquele paraíso, que na verdade era o inferno, foi meu pai. Ele me deu dinheiro suficiente para viver e organizar minha vida no Rio de Janeiro. Parti sozinho. Nem a viagem nem o encontro com a capital me assustaram. Lá fazia parte do meu destino. O que me assustou foi saber que nunca mais eu voltaria ao sertão e nunca mais saberia sobre a verdade dos meus antepassados ou da verdade sobre minha família. Então aconteceu a revelação: alguém um dia acenderia as luzes reais do Rio. Alguém um dia faria aquela cidade ser real no mundo. Secreto e cifrado descobri que esse predestinado era eu! Para isso minha família me destinou ao exílio!

251

Na arena iluminada, Lu acerta uma seta no alvo.

Voz de Luiz – Já não me lembro quando nem como Lu apareceu na minha vida. Sei que foi muito tempo depois de ter conquistado o Rio, e depois de ter vencido aparentemente a hedionda ave do azar que havia assassinado meus avós, meus pais e tudo o que haviam criado!

(Blackout).

A cena realista no apartamento em Paris é iluminada por um momento. Está vazia, ouve-se então a voz de Lu.

Voz de Lu – Foram todos! Até o cardeal da cidade me informou: *Ele é o homem!*

Comecei a investigar sua vida. É um labirinto de onde nenhum homem pode sair. Alguns disseram que você é o cidadão do Rio. Cidadão ou não, o que gostamos de dizer é: *Luiz é o nosso gentleman...* Você sabe o que eu quero dizer. Qual é a minha intenção. A nossa intenção, Luiz.

Seu mito é tão grande que não é possível destruí-lo. Nunca mais. Podemos destruir você, seu mito não.

252

De qualquer forma, o que eu pensei quando me contaram a seu respeito foi isso: *Se ele é a glória, eu então sou divina!*

Depois, examinando bem seu olhar, vi a verdade: existe um que nasceu para estar lá... Lá! Desde o início. Faz parte do destino. É inútil querer salvá-lo. Esse nasceu marcado para estar lá, condenado e só!

E é você!

A luz escurece o plano realista, o do apartamento em Paris. A arena volta a introduzir a cena no Rio. Lu e Luiz estão juntos num bar. Há uma mesa e os dois bebem algo como suco de laranja.

Lu – Cinema?

Luiz – Cinema.

Lu – Quando entra em cartaz?

Luiz – Daqui duas semanas.

Lu – Quero assistir seu filme.

Luiz – Não é lá grande coisa.

Lu – Pode ser um clássico! É o quê? É sobre o quê?

Luiz – Não é um clássico! Eu errei!

Lu – Onde foi que você errou?

253

Luiz – Não fiz para o povo!

Lu – Elite?

Luiz – Elite...

Lu – Ih!... Arte, qualquer arte tem que ser apaixonada e tem que ser para o povo.

Luiz – Eu sei disso. Foi onde eu errei. Mas não tenho também a linguagem. Não sei como me comunicar.

Lu – De quem você gosta?

Luiz – Godard.

Lu – Eu gosto de Antonioni.

Luiz – Ele parece ser o cineasta da burguesia, não é?

Lu – Brasileiro, de quem você gosta?

Luiz – Nelson Pereira dos Santos. *Vidas Secas*.

Lu – Seu filme é sobre o quê? Qual é o tema?

Luiz – Burguesia.

254 Lu – Burguesia?

Luiz – Burguesia.

Lu – Você sabia que a palavra burguesia vem de *burgueses podres*. Esses burgos eram povoados imundos que existiam na Idade Média, ao lado da aristocracia. Você sabia? Esses burgueses, de tanto viverem como parasitas da aristocracia, venceram!

Luiz – Eu sabia.

Lu – Aqui no Rio não adianta fazer nada sobre burguesia. As pessoas já conhecem tudo. E no seu caso – você veio do campo – pode parecer caipira... Cuidado, hein!

Luiz – Pois eu não tenho nenhum medo! Nenhum mesmo!

Lu – De que então você tem medo?

Luiz – Agora?

Lu – Por que você está tão angustiado com seu filme?

Luiz – Estou com raiva de mim mesmo. É que poderia ter sido, não sei se você me entende. Poderia ter sido.

Lu (pondo-lhe a mão na mão) – Meu querido!

255

(Há uma pausa).

Luiz – Você é do Rio?

Lu – Eu sou.

Luiz – Eu sou de Minas Gerais.

Lu – Mineiro?

Luiz – Mineiro.

(Há uma pausa).

Lu (tirando a mão) – Quero assistir ao seu filme.

Luiz – Minha intenção era fazer uma obra imortal. Que virasse história. Um clássico. Eu tinha mesmo essa pretensão. Era ambição demais. Não consegui. Azar, sorte, sei lá. Não consegui.

Que foi que você viu comigo?

(*Blackout*).

No *blackout* ouve-se um ruído constante de trânsito. Depois as luzes voltam, depois de muito tempo, e na arena Lu e Luiz caminham como se andassem pela cidade.

Durante toda a cena o ruído de trânsito continua.

256

Lu (agora de xale) – Sua história é fascinante!

Luiz – É a primeira vez que falo sobre mim para alguém do Rio.

Lu – É fascinante!

Luiz – Qual a sua previsão para o futuro?

Lu – Qualquer vestígio de aristocracia e nobreza de espírito vai sumir da face da terra.

Luiz – Será a vulgaridade?

Lu – É. A vulgaridade!

Luiz – Nem a religião católica?

Lu – A religião católica está morta!

Luiz – O índio?

Lu – O índio está morto!

Luiz – O operariado?

Lu – O operariado está morto! Qualquer vestígio de aristocracia e nobreza de espírito daqueles tempos vai morrer. Vai sumir da face da terra.

Luiz – E quem se opor?

O ruído do trânsito continua durante muito tempo, enquanto as luzes se apagam na arena.

O ruído do trânsito funde-se com uma música dos Beatles. A arena agora tem uma cama luxuosa, para a noite da perversão de Luiz. Depois que a música cessa os dois entram em cena. Estão voltando da noite de estreia do filme de Luiz.

Lu – Você perdeu a chance de converter tudo o que se fez de cinema no Rio em cinzas!

Luiz – Os críticos optaram ainda pelas chanchadas da Atlântida. Ainda são as obras-primas do *écran* no Brasil, na opinião deles.

Lu – Não achei seu filme dos piores. Não tenho espírito crítico, mas como dizem os franceses *c'est pas mal du tout*, o que traduzido em português quer dizer: *Não é tão ruim assim*.

Luiz – Mas aplaudiram de pé assim mesmo!

Lu – Sabe por que eu trouxe você até minha casa?

Luiz – Não.

Lu – Adivinha!

Luiz – Não sei.

258

Lu – Você tem que adivinhar.

Luiz – Não sei.

Lu – Você já fumou maconha alguma vez?

Luiz – Nunca!

Lu – Você não sabe o que está perdendo!

Lu toma uma pequena caixa, algo como um sofisticado cofrezinho, onde ela guarda maconha. Lu faz um cigarro à inglesa, isto é, misturado com tabaco e com filtro de caixa de cigarro. Pronto o cigarro ela oferece a Luiz.

Luiz – Não quero!

Lu – Por que não?

Luiz – Não preciso disso.

Lu – Você é um artista. Os artistas todos têm esse privilégio.

Luiz – Não preciso.

Lu – Nem na sua noite de estreia?

Luiz – Fuma você. Eu fico assistindo. Você é mulher, é diferente...

Lu – Se você não fuma eu também não fumo!

259

Lu destrói o cigarro e joga fora.

Lu – É proibido pela polícia.

Luiz – Você fuma assim mesmo?

Lu – De vez em quando. Me dá relax. E depois...

Luiz – O quê?

Lu – Se eles pegassem você fumando, você seria preso. Eu não.

Luiz – Qual a diferença?

Lu – Aquela diferença política de que já falamos várias vezes. Você era um aristocrata, eu uma plebeia. Isso em outra encarnação. Nessa, você é classe média e eu sou burguesia.

Luiz – Para ser burguesia é preciso ter muito dinheiro. Você tem?

Lu – E os belos olhos? Então, no Rio não existe a história dos belos olhos?

Lu sai de cena. Luiz, meio sem jeito, volta a cantar a canção los argentinos rodan, rodan, rodan, los brasileños lloran, lloran, lloran. Ele senta-se na cama.

260

Lu (de fora) – Você é egoísta!

Luiz – Não sei o que estou fazendo aqui na sua casa!

Lu (de fora) – Você é egoísta!

Luiz – Quer dizer que você é burguesia e eu não?

Lu (de fora) – Você é egoísta!

Luiz – Não vejo a razão por que a polícia me prenderá e a você não, no caso de um flagrante, qualquer flagrante!

Lu volta trazendo uma garrafa de vinho e dois copos de cristal.

Lu – Você é egoísta!

Luiz – Sou egoísta. Sou intimamente egoísta!

Lu – E se for uma armadilha?

Luiz – Era só o que faltava: ser uma armadilha!

Lu – Aqui é do outro lado da fronteira...

Você não tem medo?

Luiz – Por quê...?

261

Lu – Tenho má fama para os teus.

Luiz – Quem são os meus?

Lu – Sua família, Luiz. Só sua família. Mais ninguém no mundo!

Luiz – Estou sozinho no Rio?

Lu – Sozinho!

Luiz – Minha família não mandou ninguém para a estreia do filme porque... porque...

Lu – Não precisa explicar!

Luiz – Não estou com medo!

Lu serve vinho a Luiz.

Lu – Se seus pais vissem você aqui, nesse lugar e comigo, iam chorar de tristeza... Mas ninguém vai ficar sabendo, ninguém!

Luiz – Não sei a respeito do que você está falando!

Lu – Faz de conta que nós dois nos conhecemos agora, hoje, esta noite e viemos para esse lugar juntos...

262

Luiz – O que você está querendo?

Lu – Faz de conta que não somos amigos... nem conhecidos...

Luiz – Sobre o que você está falando?

Lu – Você não gosta da ideia de anonimato absoluto?

Luiz – Anonimato?

Lu – À sombra antes, durante e depois!

Luiz – Não sei sobre o que você está falando...

Lu – Você me acha doentia?

Luiz – Não.

Lu – Você me acha feia?

Luiz – Por que haveria de achar você feia, Lu?

Lu – Não me chama de Lu, me chama de Rose.

Luiz – Para mim você é Lu.

Lu – Você não é maçom?

Luiz – Eu não.

Lu – Eu sou.

263

Lu toma o copo de vinho de Luiz, levanta-o.

Lu – Tira a minha roupa!

Você é quem vai tirar!

Luiz – Desculpa, Lu, não sei o que você quer, somos só amigos...

Lu – Eu sou maçom!

Luiz – Não posso!

Lu – Eu sou maçom!

Luiz – Não posso!

Lu (gritando) – Eu sou da maçonaria, porra! Eu sou da maçonaria!

Eu sou da maçonaria! Eu sou da maçonaria!

Lu está histérica. Luiz abraça-a.

Lu (quase chorando) – Eu sou da maçonaria! Eu sou da maçonaria...

Luiz – Está bem. Você é. Eu também sou. Estamos juntos.

Lu – Por que você não me quer?

Luiz – Eu tenho uma formação diferente da sua...
264 Para mim é preciso casar primeiro...

Lu – Casar?!

Luiz – Minha religião ensinou assim.

Lu, com ódio, desfaz-se de Luiz, despe-se e joga-se na cama. É preciso dizer que nudez de Lu deve ser disfarçada com uma malha da cor da pele para que a personagem não seja identificada com a pornografia degradante da cena atual. A nudez de Luiz é também revestida com uma malha da cor da pele e a intenção é a mesma: não identificar o personagem com vulgaridade nenhuma.

Lu (na cama) – Vem amar...

Luiz (de pé, junto à cama) – Você foi a primeira... a primeira pessoa que eu encontrei na vida e que falou comigo.... A primeira...

Lu (na cama) – Vem... eu vou ensinar tudo sobre o Rio para você esta noite...

Luiz (acendendo um cigarro) – Você foi... você foi a primeira mulher que eu vi!

Lu (na cama) – Vem...

Luiz (fumando) – Foi você que acendeu o Rio para mim...

Eu nem feliz era...

Eu não sei...

Eu não era feliz...

Foi você...

Alguma coisa mudou em mim depois que eu conheci você...

Depois que ouvi você...

Depois que aprendi com você, sem poder fazer igual...

(Pausa) Luiz fuma mais uma vez.

Luiz – Não foi você que me fez ser o estrangeiro do Rio...

Talvez tenha sido o sertão...

Era terra ruim...

(Pausa) A fumaça fica no ar e permanece até que se desfaça.

Luiz – Foi você que rompeu minha solidão...

266 Minha criança perdida, nascida num campo de Minas, diferente de todas as que o Rio viu e conheceu...

Foi você, Lu.

Foi você.

(Pausa)

Luiz – Eu nem feliz era...

Só estrangeiro... Aquele que cometeu o pecado e condenaram ao exílio.

Eu nem feliz era... o pecado foi ter tido demais!
O segredo da minha família é esse.

Luiz despe-se, ficando só com a malha da cor da pele. Deita-se com a Lu na cama. Eles fazem amor.

Luiz (enquanto fazem o amor) – Troquei minha inocência por você...

Troquei o sertão pelo Rio...

E olha que eu amei minha terra onde nasci...

Eu esqueci a imagem da minha terra pela imagem do Rio...

Como amei!

E foi por você!

267

(Pausa)

Luiz (enquanto fazem amor) – Tem uma coisa que você precisa saber ainda: eu e o sonho de Minas vamos morrer. Passarei a viver o sonho do Rio ou o sonho do Rio vai morrer e viver o sonho de Minas. Tem outra coisa que você precisa saber: quando eu vi essa cidade pela primeira vez, e foi no dia que cheguei, eu senti o desprezo. Tem mais um segredo ainda: como você já chorou por mim eu também já chorei por você.

(Pausa) Eles continuam fazendo amor.

Luiz (enquanto fazem o amor) – Eu estou só! Como eu estou só! Como eu posso fazer você me compreender? Como posso descobrir a linguagem? E o dia que eu for embora? E o dia que eu não puder ver mais você? O dia que acabar?

(Pausa) Eles continuam fazendo amor com requinte e sofreguidão.

Luiz (enquanto fazem amor) – Confiei em você, acreditei em você, jamais pude suspeitar de seu amor por mim. Nunca!

Você é o Rio! Você é o Rio! Você é o Rio!

268 Lu (encerrando o ato de amor) – Como você é gentil!

Como você é gentil...

Você é o homem mais gentil que eu jamais conheci em toda a minha vida...

Lu levanta-se e deixa Luiz sozinho na cama. Luiz volta a fumar. Lu saiu de cena. De repente as luzes todas se acendem e Luiz é pego em flagrante. Vários rapazes e homens e mulheres estavam assistindo ao ato de amor entre Lu e Luiz. Ele, sem suspeitar, estava sendo traído por Lu.

Lu (de fora) – Mas mandaram eu fazer assim!

Luiz (na cama, com o cigarro aceso) – Quem são eles?!

Lu (de fora) – Me mandaram fazer assim!

Luiz (na cama, apagando o cigarro) – Estavam aí esse tempo todo?

Lu (de fora) – Me mandaram fazer assim! Me mandaram!

Ninguém vai fotografar! Ninguém vai tirar nenhuma fotografia!

Fiz porque me mandaram fazer!

269

Luiz – O que é que eles querem?

Lu (de fora) – Você é testemunha!

Luiz (na cama) – Eu sou a testemunha?!

Lu (de fora) – E a denúncia!

Luiz (cobrindo-se, na cama) – Então era uma armadilha?

Lu (de fora) – Ninguém vai tirar nenhuma fotografia! Ninguém vai ficar sabendo!

Luiz – Você sabe que eu não tenho dinheiro!

Lu (de fora) – Não se trata de dinheiro!

Luiz – O que é que vocês querem de mim? O que é que vocês querem de mim?!

Lu (de fora) – Foi muito importante, Luiz!

Luiz – Foi muito importante?...

Lu – Fiz porque me mandaram fazer!

Luiz – O que é que foi muito importante?!

270

Lu (de fora) – O crime! Você cometeu o crime!

Luiz – Crime? Que crime?

Lu (de fora) – Você cometeu o crime que não podia cometer!

Luiz – Era chantagem então?

Lu (de fora) – Fiz porque me mandaram fazer!

Fiz porque me mandaram fazer!

(Final do primeiro ato)

ATO II

FLASH Nº 3

Luiz ensaboa abundantemente o rosto para fazer a barba. Tem uma toalha no pescoço. Gerard tem um jornal sobre a mesa. Ele mostra a Luiz um artigo que escreveu para o jornal a respeito do moderno teatro francês. É sábado.

Gerard (apontando o jornal) – É só aos sábados que sai algum artigo meu no jornal. Esse eu escrevi para mostrar a você. É a respeito do moderno teatro francês.

Luiz – Como anda o teatro?

Gerard (apontando o jornal) – Por esse artigo que escrevi dá para você ter uma ideia.

Luiz (olhando o jornal) – Interessante. É muito interessante mesmo. E as fotos são muito bonitas. Quem é Ionesco?

Gerard – Um dos autores mais importantes do teatro de vanguarda francês, o teatro de pós-guerra.

Luiz (olhando o jornal) – Estou vendo escrito aí: teatro de absurdo.

Gerard – O jornal me paga uma ninharia, mas me dá o privilégio de assistir aos espetáculos da cidade de graça. Um pouco antes de eu encontrar você assisti à remontagem de todas as peças importantes de Brecht, feita aqui em Paris pelo Berliner Ensemble...

Luiz – Por que você não realizou, não criou nada até hoje?

Gerard – Não há mais chance!

Luiz – Como não?

O autor de teatro morreu?

272 Gerard – Ah, sim! Não tem mais chance!

Luiz – O teatro está morto?

Gerard – Pode ser que aconteça um milagre. Mas só se for milagre. Hoje já não é uma questão de talento, gênio ou importância. É uma questão de poder. De ter o poder. Tendo o poder você poderia realizar um teatro. Mas só tendo o poder.

(Pausa)

Luiz – Você já tentou alguma vez?

Gerard – Tentei.

(Pausa)

Luiz – E...?

Gerard – Sou medíocre como criador.

Luiz – Não seja modesto.

Gerard – Que esforço você faz para ser gentil!

Luiz – Por que não deu certo?

Gerard – Não tenho sua obsessão! Nem sua juventude! Sou europeu! Aqui já não se respira nenhuma esperança...

Luiz – Continuo acreditando no gênio e no talento e até na importância de alguma obra nova que, porventura, venha a surgir em qualquer área das artes. Há ainda alguma coisa vivendo...

273

Em algum lugar da minha terra há... Ainda agora... Ainda hoje, nesse sábado...

Gerard – O quê? Sua família? Seu sertão?

Luiz – Não sei o que é. Há alguma coisa vivendo lá...

Não aqui. Aqui morreu!

Gerard fecha o jornal. Há uma pausa. Luiz sai de cena para fazer a barba, abrindo a porta que estava fechada até então.

Gerard – E você tem a linguagem? Quem são os personagens? Qual o estilo?

Há um flash fotográfico sobre a cena, da câmera invisível que desempenha a máquina.

Gerard – Além disso, para quem você vai se dirigir, se já não há mais esperança?

Luiz (de fora) – Sabe o que acontece aqui em Paris? Não leio mais. Não vou ao cinema. Não ouço música. Não sei o que aconteceu comigo.

Gerard – Vá a um museu de arte!

274

Luiz (de fora) – Perdi o interesse...

Gerard – Vá a um espetáculo pornográfico!

Luiz (de fora) – Qual a sua opinião sobre pornografia?

Gerard – Não tenho nenhuma! Rende dinheiro, só isso!

Luiz (de fora) – Não tenho mais vontade de sair de casa. Gosto de ficar trancado aqui no apartamento.

(Longa pausa)

Luiz (de fora) – Estive pensando em procurar um emprego...

Gerard – Por exemplo?

Luiz – Por exemplo? Tradução.

(Longa pausa).

Gerard (lendo o jornal) – Você leu no jornal sobre o final da Guerra do Vietnã?

Luiz – Não acompanho mais a política...

Gerard – Você não sabe em que mundo está vivendo...

275

Luiz – Ah!... Tinha me esquecido. Tem uma coisa viva acontecendo: os hippies!

Luiz, barbeado, volta à cena.

Luiz – O que acha dos hippies?

Gerard – São simpáticos...

(Longa pausa) Gerard levanta-se.

Luiz – Teatro de Vanguarda... Não vou esquecer o nome... Ionesco.

(Longa pausa).

Gerard – Bem, meu caro amigo, vejo você amanhã.

Au revoir!

Luiz – *Au revoir!*

Há um flash fotográfico.

FLASH Nº 4

276

Gerard, sentado como de costume à mesa, traz seu jornal. (Pausa). Ele está só. Fica só em cena durante muito tempo. De vez em quando olha o bico do sapato. Depois Luiz entra. Ele traz uma *antique* que comprou para o apartamento: um relógio de parede.

Luiz (indiferente por ver Gerard) – A primavera chegou ao limite!

Gerard (espionando Luiz com a antique) – A luz do inverno é menos mortífera!

Luiz – Deixa eu sentir a primavera. É a primeira vez que vejo em minha vida...

Gerard – Sinto falta do inverno. Árvores secas, sem folhas. O cinza e a ausência da flor.

Luiz coloca o relógio antigo em algum lugar, expondo-o.

Luiz – Consegui encontrar numa loja de antiguidades.

Gerard – A vida está na árvore seca do inverno. A flor da primavera lembra a morte e por isso é hedionda.

Luiz – Porque o ódio contra a vida? A primavera não é tão de mau gosto assim!

Gerard – O estéril... Bem, não quero falar sobre isso. Foi onde você encontrou sua tábua de salvação!

277

Luiz – Quem contou a você? Tenho por opinião que a corrosão deve continuar sendo um prazer só de tempo!

Gerard – O êxtase... O êxtase está no vazio. Na ausência.

Luiz – No fundo você deseja também a abundância, junto com o senso comum.

Gerard – Você acha?

Luiz – Eu tenho certeza!

(Pausa)

Comprei para o apartamento.

Gerard – Não posso aceitar.

Luiz – Por que não?

Gerard – Não é o meu estilo.

Luiz – E qual é o seu estilo?

Gerard – Continuo fiel à minha origem. Não sou camponês e não faço parte da burguesia.

278 Luiz – Classe média?

Gerard – Classe média.

(Pausa)

Luiz – Estava ansioso para pôr o relógio na parede do apartamento.

Gerard – Mas você pode pôr o relógio na parede, por que não?

Enquanto você estiver aqui o apartamento é seu.

Luiz – Pensei que meu presente fosse ser um acontecimento.

Gerard – Não posso aceitá-lo.

Luiz – Não temos nada em comum. Não sei por que você foi se interessar por mim. Logo por mim. Não temos nada em comum. Nada. Não temos nada a ver um com o outro. Não é nem por um problema político. Não temos nada que ver um com o outro. Não temos nada em comum. Você não precisa de mim, eu não preciso de você. Somos dois mundos que se bastam e que não precisam nem da disputa, nem do ódio, nem do amor, nem do desprezo.

Não temos nada em comum. Não entendi ainda por que o destino nos pôs juntos.

279

Gerard – Eu sou mais velho que você.

Luiz – Nem isso.

Não temos nada em comum.

(Longa pausa)

Gerard abre o jornal e indiferente volta a ler. Luiz procura na parede um lugar para afixar o relógio.

Luiz – Fica bem aqui?

Gerard (lendo o jornal) – Não sei.

Luiz – Vou pôr aqui.

Gerard (sempre lendo o jornal) – Como você quiser.

Luiz – Assim fica batendo as horas.

Gerard (lendo o jornal) – Extraordinário.

Luiz – E assim você lembra de mim, quando eu for embora.

(Pausa) Gerard para de ler o jornal.

Gerard – Você vai embora?

280 Luiz – Um dia vai ter que acontecer.

Gerard – Para onde?

Luiz – Para onde: por exemplo, para Portugal!

Gerard – Em Portugal fazer o quê?

Luiz – Cinema.

Gerard – Mas não tem nada a ver. Portugal? Não tem nada a ver!

Luiz – Não tem importância se estragar a parede?

Gerard – Enfim!...

Luiz sai de cena.

Luiz (de fora) – Sabe, Gerard, estive pensando, você devia me cobrar o aluguel do apartamento!

Gerard – Estou fazendo isso por motivos políticos!

Luiz (de fora) – A tradição de Paris continua existindo?

Gerard – Como não?

Luiz volta à cena trazendo uma escada para afixar o relógio na parede.

281

Luiz – Decepcionei você em algum ponto?

Gerard – Por que a pergunta?

Luiz – É um problema pessoal. Tenho medo de decepcionar os outros. Qualquer um.

Gerard (sempre lendo o jornal e às vezes bocejando) – Como cineasta.

Luiz – Você não gostou do meu filme!

Gerard – Sou francês!

Luiz – Você não entendeu?

Gerard – Não é isso. Para mim não quer dizer nada. As imagens têm qualquer coisa de atraente.

Exercem um misterioso fascínio. Mas sou francês.

Luiz – Se você fosse um cineasta moderno quais seriam seus personagens?

Gerard – Mulheres.

Mulheres e o medo da solidão. O medo da não intensidade. O medo que leva à loucura.

Luiz – A mulher sem vaidade!

282 Gerard – A mulher proibida de exercer sua vaidade!

Luiz sobe na escada e começa a afixar o relógio na parede.

Gerard – Mas eu não sou artista. Nunca serei. Admiro sua coragem por ter feito um filme. Bem, você é um apaixonado por sua terra.

Já não há mais nada para ser criado. A cena já foi decifrada. Em qualquer área das artes.

Luiz – Quem é o seu preferido?

Gerard – No cinema?

Luiz – No cinema.

Gerard – Não tenho nenhum.

(Pausa) Longa pausa.

Você foi muito querido lá?

Luiz – No Rio?

Muito! Fui muito querido, no começo. Eu era um mito na cidade. Fui muito amado. No começo eu era uma espécie de santo. Um modelo para a gente de bem da cidade.

Gerard – Agora me lembro do Café Flore... Estou me lembrando... foi numa quinta-feira?

283

Luiz – Foi o único bar que me passou pela cabeça. Me lembrei que no Rio haviam me citado Sartre e esse Café Flore, onde ele escrevia e passava o tempo. Então fui direto para lá.

Gerard – No Café Flore ninguém sabia quem era!

Luiz – É verdade?

Gerard – É verdade. Todo mundo perguntava: quem é aquele estranho? Não era um árabe. Falava um francês fluente, mas não era um árabe. Ninguém sabia quem era.

Luiz – Já não me lembro. Sei que estava possuído por aquilo que eu jamais poderia suspeitar que existisse no mundo: o mal da cidade!

Gerard – Ninguém no Café Flore podia compreender. Era uma figura deslocada naquele lugar. E com um estranho, um raro poder de sedução. Fiquei curioso e resolvi sentar na mesa vizinha. Consegui ver dentro de você uma mulher. Era uma mulher extremamente orgulhosa. E cruel... Sim, era uma mulher.

Luiz – Era uma mulher? Mas eu estava barbudo, sujo e solitário!

284 Gerard – Só alguém que estivesse do lado de fora, e limpo, alguém bom, alguém que pudesse, que conseguisse separar o mal projetado naquela mulher extremamente fina, extremamente requintada, só alguém bom poderia chegar até lá e despertar aquele animal humilhado no sono... sono do mal!

Luiz – Estava em mim?!

Gerard – Só alguém bom!

O mal estava lá. Algo como o rancor íntimo dos outros, a frustração, não sei traduzir, o mal. A perversidade que fizeram com ele a vida inteira, o desprezo que tiveram por ele a vida inteira.

A vida!

Estava lá. Refletido no seu rosto...

Que horror! Como eu senti horror! E pena! Como eu senti pena!

Luiz acaba de afixar o relógio na parede e desce da escada.

Luiz – Tiveram os motivos deles!

Gerard – Não estou falando disso. Estou falando do que conseguiram realizar em você. Estava lá, Luiz, no seu rosto, e até no seu olhar!

285

Luiz – Não sei... Não vi no espelho... Nunca tive certeza disso...

Gerard – Estava lá. Em você!

Por um momento eu vi em você. Por um momento não. Durante todo o tempo em que você estava sentado sozinho no Flore. Estava realizado em você.

Mas agora acabou!

Há um flash e as luzes apagam-se.

FLASH Nº 5

Com a cena ainda escura ouve-se a voz de Lu cantando uma música em inglês. Essa música pode ser a mesma rodada em playback numa das cenas anteriores, dos Beatles. A cena mostra Lu chegando de Londres e passando por Paris para visitar Luiz. Usa o mesmo excesso em tudo, a mesma sofisticação revelando decadência e agora está descalça. Descalça!

Luiz (à porta, surpresa) – Lu!

286

Lu – Quem é vivo sempre aparece!

Não estou vindo do Rio. Estou vindo de Londres, onde fui passar uma temporada. Detesto Paris, mas quando soube que você estava vivendo aqui descobri o endereço e vim fazer uma visita rápida.

Luiz – Como você me descobriu?

Lu – Eu sou maçom!

(Pausa) Lu investiga o apartamento, depois senta-se no chão. Abre a bolsa, tira um cigarro de haxixe feito ao estilo londrino e fuma.

Lu – Não precisa ficar preocupado. Paris para mim só *en passant*. Meu namorado está me esperando no aeroporto.

Luiz – Porque Gerard, o dono do apartamento, não quer ninguém aqui. Ninguém!

Lu – Me disseram que é uma bichana...

Luiz – É um jornalista. Ele me emprestou o apartamento até eu encontrar um lugar definitivo para morar.

Lu – Foi o que me disseram. Que é uma bichana. Fiquei muito assustada quando soube que você estava vivendo com uma bichana. Minha conclusão foi: *Nunca dei certo com o Luiz porque no fundo ele sempre quis viver com uma bichana...*

287

Luiz – Estou aqui em exílio voluntário. Você sabe por que saí do Rio!

Lu – Que que você acha de me ver em Paris passeando pela cidade descalça?

Luiz – Tudo o que você podia me mostrar de chocante você já mostrou. Se você estivesse nua eu continuaria pensando, acreditando que você soube se vestir alguma vez na vida...

Lu – Não sei a respeito do que você está falando!

Luiz – Depois de investigar bem, cheguei à conclusão que o *people* brasileiro de formação anglo, além de se vestir errado, dá a impressão de que está pelado.

Luiz vai e abre a janela.

É uma teoria que eu formei na minha cabeça. Seria preciso comprovar.

288 Lu – Sua vida continua perturbando a classe média. Sabemos tudo a seu respeito. Estive com os hippies, vivendo com eles, o *beautiful people*, e todos eles conhecem sua vida. Você – nos anos 70 – ainda é o mito favorito da classe média.

Luiz – Essa história ainda não acabou?

Lu – Não vai acabar tão cedo.

Luiz – O que foi que vocês viram comigo?

Lu – Você é diferente de nós. Não tem o mesmo *savoir-faire*. É como você já disse uma vez: *Nós, eles, eles, nós*.

Só que agora sabemos tudo a seu respeito. Tudo!

Há uma pausa.

Lu – Para você dá a impressão que estou pelada?

Luiz – Dá. Na minha cabeça está.

Lu – Vou contar essa pra turma.

(Pausa) Lu tira um recorte de jornal inglês da frasqueira.

Lu – Estou de volta ao Rio hoje, com escala na África.

Luiz – Você vem à Europa e volta como quem sai do Rio e vai para o interior?

Lu – Para mim já não tem mais fronteiras. Ficou tudo pequeno.

Luiz – Descalça para mim foi *too much!*

Lu – Sou internacional.

Luiz – A lei permite?

Lu – O mundo já é um terreiro para mim.

(Há uma pausa)

Luiz – Descalça, Lu! Você... você não tem mais respeito?

Lu – Você envelheceu!

Já tem cabelos brancos e algumas rugas no rosto...

Luiz – Eu sei.

Lu – E alguns fios de cabelos brancos. Ou estou enganada?

Luiz – Acho melhor você descer. Gerard pode chegar a qualquer momento.

290

Lu – Naquele tempo você era jovem, bonito. Muito bonito. Até eu tinha inveja da sua beleza. No Rio diziam que você era o homem mais bonito da cidade. Eu também concordava.

Luiz – Paguei um preço caro demais pelo que fiz no Rio. Pelo que fiz não, por ter acreditado. Você sabe a respeito do que estou falando.

Lu – Agora já não é mais a mesma coisa!

Já não é mais...

Já não é...

(Pausa)

Luiz – Por que você veio me procurar?

Lu – Acho que temos alguma coisa para resolver entre nós dois.

Luiz – O quê?

Lu – Acho que você pensa que fui eu que fiz mal para você. Eu não fiz mal nenhum. Nem eu, nem meus amigos, nem meus conhecidos.

Luiz – Você disse que é maçom.

Lu – Eu sou maçom!

Lu passa o recorte do jornal a Luiz, toma o recorte do jornal, senta-se, põe óculos para fazer a tradução.

291

Lu – Dei uma entrevista a um jornal de Londres contando minha vida com as drogas. Minhas experiências. Fez tanto sucesso em Londres que depois saiu numa revista. Atualmente sou contra as drogas. Acho que ela matou a juventude do mundo moderno. Foi a droga. Eles não podiam ter permitido. Afinal, somos o mundo ocidental ainda. Deviam proibir de uma vez por todas.

Não sei inglês. Traduz para mim.

Luiz (traduzindo) – *Comecei com a maconha brasileira, conhecida no underground internacional por brazilian grass. É considerada das melhores.*

Eu cuidava do meu pai no Rio. Ele era maçom. Antes era pobre, mas enriqueceu no Rio e depois que enriqueceu virou maçom. Então eu aproveitei para fazer minha primeira experiência. No começo odiei, mas em pouco tempo comecei a gostar – eles me ensinaram, os meus amigos – e então viciiei!

Lu – Continua.

292

Luiz (continuando) – Depois, com a vinda dos hippies, experimentei o LSD. Não gostei. Foi muito forte para mim. Experimentei também a mescalina. Dizem que Van Gogh tomou. Eu odiei! Pensei que não ia escapar com vida.

Luiz interrompe a tradução.

Luiz – Tenho medo.

Lu – Perturba você?

Luiz – Muito!

Lu – Lê mais um pouco.

Luiz (traduzindo) – Então fui a Londres pela primeira vez na vida para assistir um festival hippie. Um festival de música pop. Foi a temporada definitiva na minha vida.

Luiz interrompe mais uma vez a tradução.

Luiz – Não me interessa. Sua vida com as drogas e com os hippies não me interessa. Aliás, sua vida, os hippies e as drogas não estão na ordem do dia para mim.

Lu – É medíocre?

Luiz – É obsceno.

Lu – Não sou católica.

Continua.

Luiz – Não posso.

293

Lu – Só mais um trecho.

Luiz (continuando, depois de relutar) – *Foi a temporada definitiva na minha vida. Experimentei o haxixe, que os ingleses chamam de hash ou shit, ou merda, ou cocô de camelo. O do Afeganistão é o melhor. Experimentei o ópio, fumando em narguilé genuíno. Em matéria de marijuana eu conheci a do México, a da Jamaica e a da África do Sul. Em Londres havia uma permissividade nesse sentido. Gostaria de falar dos traficantes que conheci, mas tenho medo de envolver ou comprometer qualquer um deles. Bem, não*

quero tocar nesse assunto. Me arrependi de ter falado nesse assunto. Dá azar!.

Luiz interrompe a tradução em voz alta e lê a entrevista sozinho.

Lu – Que mais que diz?

Luiz – Sobre o peyote o repórter faz uma observação. Que você não viu Deus porque Deus deve ter tido suas razões.

Lu – E que mais?

Luiz – Sabe o que eles dizem no final da entrevista?

294

Lu – Não li. Não sei inglês.

Luiz – Dizem que você é uma *funny*. Sabe o que quer dizer uma *funny*?

Lu – O que quer dizer?

Luiz – Engraçada. Para os ingleses você é uma engraçada!

Lu – Engraçada?!

Luiz – Tem partes do artigo e das observações que eu tive pena de traduzir para você. Me deu dó.

Luiz devolve o artigo a Lu. Ela guarda na frás-queira.

Lu – O apartamento é *jolie* e o lugar é *tranquille*, mas não faz seu estilo...

Luiz – Qual é o estilo?

Lu – O camponês.

Luiz – Estou aprendendo tudo sobre a classe média para não cair onde você caiu.

Lu – Estou mais em pé do que você pode pensar.

(Pausa)

295

Lu – E o cinema?

Luiz – Não vou continuar mais.

Lu – Desistiu?

Luiz – Desisti.

Lu – Acabou para você? Você falava tanto em imagem nova, em sei lá o quê, alguma coisa tão sôfrega, tão importante para você...

Luiz – Pode ser que um dia eu volte. Por enquanto, acabou. Estou pensando estritamente em termos de sobrevivência.

Lu – Você mostrou seu filme para os franceses?

Luiz – Mostrei.

Lu – Passou?

Luiz – Até que passou.

Lu – Deve ser um saco viver em Paris. Em Londres, todo mundo tem prevenção.

Luiz – Não é o inferno...

296 Lu – Soube que o francês encontrou você apodrecendo num café do Quartier e trouxe você para cá... Coração eles têm!

Luiz – Não sei como vocês podem ficar sabendo de tudo a meu respeito!

Lu – E soube que ele foi ao hotel onde você estava hospedado e fez sua mudança. Ele!

Luiz – Você é espiã dos americanos? Eles pagam você para investigar a vida da gente do povo no Brasil?

Lu – Me contaram que você estava barbudo, bêbado, sujo e até cheirando mal...

E solitário!

Luiz – Sempre vivi só. Não tenho amigos. Nunca tive amigos.

Lu – Você é egoísta!

Luiz – Por que você continua me perseguindo ainda? Você trabalha para os americanos?

Lu – Você é egoísta!

Luiz – Quem financia você?

Luiz – No fundo quem é que tem o dinheiro?

Lu – Você é egoísta!

297

Luiz – A ideia de ter alguém me perseguindo a vida inteira me dá tristeza. Tanta tristeza que vou morrendo, ela vai me matando dia a dia... Eu você já sabe quem eu sou. Mas e eles?

Quem são eles?

Lu – Você é egoísta!

Luiz – Sou egoísta! Sou intimamente egoísta!

Lu – Você nunca vai saber na sua vida, Luiz!

Lu se levanta do chão. Olha a janela, investiga mais uma vez o apartamento.

Lu – Com você não vai ter nenhum problema. Começou como caso político. Depois, por causa do seu lado esnobe, muita cultura, arte, cinema, essas coisas, virou pinimba...

Luiz vai ao porta-chapéus. Retira o paletó que está dependurado ali e se prepara para sair.

Luiz – Tenho que descer!

Lu – Ninguém mais gosta do Luiz...

É o que todos estão dizendo agora: *Ninguém mais gosta do Luiz... Em nenhum lugar... Nem em Paris ninguém mais gosta do Luiz...*

298

Luiz – Vamos!

Lu – Ninguém mais gosta do Luiz...

Luiz – Não sou filho da madame!

Lu – Quem não sabe?...

Luiz – Vamos. Gerard pode chegar e não quer ninguém aqui no apartamento dele.

Lu – Ninguém mais gosta do Luiz...

Luiz – O que tínhamos para decidir entre nós dois já está decidido. A vulgaridade venceu, é verdade, mas é verdade também que eu continuo vivo!

Vem, vamos descer, está na hora... Sua visita foi muito agradável!

Luiz – Só porque li no seu olhar que o Rio me perdoou e me quer de volta?

Lu – Eu fui contra! Você era uma criança! Tinha até qualquer coisa de santo. Há um tipo de gente com quem não se pode fazer essas coisas.

Luiz – Diga ao Rio que eu não perdoei!

Lu – Quem foi que disse que acabou?

Luiz – Pode ficar tranquila. Não vou fazer política não. É o que eles estão esperando. Pode dizer à sua gangue que não darei esse prazer a eles. Já não sei quem são. Sei que não somos nem seremos jamais do mesmo time.

299

Lu – Fiz porque me mandaram fazer! Vim aqui para dizer isso a você!

Luiz – Foi muita bondade da sua parte. Arruinou minha vida, minha intimidade, minha saúde, minha família, tudo o que eu tinha de bom e puro na vida! E ainda conseguiu levar junto as imagens da minha carreira de cineasta!

Lu – Vim aqui só para dizer a você que fiz porque me mandaram fazer.

Lu dá uma fotografia sua a Luiz e uma rosa de prata.

Lu – Para você não se esquecer de mim!

Luiz guarda no bolso do paletó sem sequer olhar.

Lu – E agora ninguém mais gosta de você...

Luiz – É uma pena porque eu também não gosto de mais ninguém!

300 Luiz sai de cena, deixando Lu no apartamento e a porta aberta.

Lu (gritando) – Fiz porque me mandaram fazer!

Luiz (gritando de fora) – Vá para o inferno!

Lu (gritando) – Estão enjoados de você! Até eu! Enjoamos de você, Luiz! Enjoamos!

Entra Gerard. Lu vomita longamente em cena. Ela sente náusea do mundo.

Gerard – O que aconteceu?

Lu (vomitando) – Continua! Continua! Nunca mais vai acabar! Nem a cultura! Nunca mais

vai haver uma nova era na Terra! Continua!
Continua!

Enquanto ela vomita, há um flash e um *blackout*.

FLASH Nº 6

Gerard lê o jornal, como de costume. Imóvel, sentado à mesa. Luiz está diante da janela. Imóvel e mudo, olhando a rua. Está sem sapatos, só de meias. O relógio que Luiz comprou trabalha regularmente. Deve-se ouvir a batida das horas e, sofregamente, o tique-taque do pêndulo.

De repente, Luiz tem o impulso suicida: o de se jogar pela janela. Gerard levanta-se e detém Luiz, suspeitando do ato.

Gerard (detendo Luiz) – É idiota!

Luiz – Falta o céu!

Gerard – É idiota!

Luiz – As nuvens brancas!

Gerard – É idiota!

Luiz – E terra!

Gerard – É idiota!

Luiz – Falta a minha terra! E até o calor!

Gerard – É em vão!

Luiz se desfaz de Gerard.

Com o tempo!

Luiz – Não vou conseguir!

Gerard – Com o tempo...

Luiz – Nem com o tempo...

302

Gerard – Sim, com o tempo! Com o tempo, sim!

(Pausa)

Mas o que há Luiz? O que há?

Luiz olha Gerard. Agora ele compreende que Gerard também faz parte do jogo.

Luiz (tentando a salvação em Gerard) – Ainda tenho minha família...

Gerard – Eles desprezam você agora...

Luiz – Há o coração...

Gerard – Devem também ter passado para o nosso lado. Porque você compreende como são as coisas, seriam só eles...

E nós somos a maioria absoluta...

Luiz – Tenho amigos!

Gerard – Amigos?

(Pausa)

Gerard – No verão vamos juntos para o campo!

Luiz – Não quero! E eu que pensei ter encontrado a salvação em você! Gerard é a náusea!

303

Gerard – E enquanto isso você aperfeiçoa seu francês...

Luiz – Pensei que você estivesse torcendo por mim! Que ao menos você estivesse do meu lado!

Gerard – Não vai ser difícil adaptar-se à nova vida...

Luiz – Escuta, Gerard, eu estou sendo sincero agora! Estou abrindo meu jogo!

Gerard – Voltar para lá? Você ficou louco? Seu lugar é aqui! Não ficou decidido assim?

Luiz – Ainda sou livre! Eu tenho minha própria vida!

Gerard – É claro que você é livre! É claro!

Luiz anda pela cena, gesticulando, desempenhando a liberdade.

Luiz – Está vendo? É como quando eu vivia no campo, em Minas. É assim que eu quero. Do jeito que era quando eu vivia no sertão. É assim que tem de ser. Por que modificar alguma coisa?

Gerard ri.

304 Gerard – Escuta, Luiz, você ainda não viu tudo. Você ainda não compreendeu.

Luiz – Tenho meu passado, minha terra, minha gente. É impossível que eles não estejam à minha espera!

Gerard – Estão dormindo agora... Agora eles estão dormindo... Deixa eles dormindo... Já tiveram muito...

Luiz – Precisam de mim! Precisam saber!

Gerard – Aqui você tem o apartamento!

(Flash)

O respeito!

(Flash)

Sua obra cinematográfica!

(Flash)

E aqui você é limpo.

(Pausa).

Com o tempo, Luiz... Com o tempo!

(Pausa)

E de qualquer forma... de qualquer forma você não tem outra alternativa...

Não foram eles, aqueles por quem você lutou, não foram eles, no final das contas não foram eles que escolheram assim?

(Pausa)

Por que chorar por um passado e por quem você amou? Eles também usaram você e estão usando você... Estão também dentro de você... Vivendo com você... Indo com você para onde você vai... De dia e de noite... Dormindo, acordando, no sono, no sonho... Para onde você vai...

Você pode perguntar que somos abutres devorando o que você tem e a sua fragilidade, e que o jogo é uma violência contra a natureza humana que você tem. Mas lavamos as mãos quando vemos você no alto...

(Pausa)

306

Não posso falar em termos de amizade, Luiz... eu também sou dirigido.... Seu pesadelo já faz parte do nosso cotidiano. Não conseguimos mais viver sem ele. Foi um ato matemático. Esse brinquedo que você pode chamar de monstruoso ainda nos deixa trabalhar, divertir... e até morrer... Sabe... Até as crianças sabem dele... Algumas choram quando sabem que seu sol estava lá, escondido nos escombros das terras de seus avós. Mas as crianças inundam-se de felicidade quando descobrem que podem ser mais adultas que você. E sem mim alguma coisa parecida com remorso machuca meu coração ao saber que até aquelas ruínas que você revelou no seu filme – seu único muro de proteção –, até elas foram também descobertas e roubadas pelo jogo...

Não posso falar em termos de amizade. Não mais. Faça o que posso por você. Escondo que você é a vítima. Camufla que você é o homem que todo dia, todo santo dia, está em questão! Por mim, as pessoas fingem que não está se tratando de você. Já não é muito?

E para que o choro? Para que o ódio? Para que a inimizade? Se não fôssemos nós a ter tudo, não seria você? Se não estivéssemos conduzindo o jogo, não seria você? Alguém está condenado a ser a vítima. Ou nós todos, ou você sozinho.

Então por que o remorso?

Luiz está perplexo.

Luiz (perplexo) – Só agora estou vendo: escureceu! É a noite!

Há um *blackout* lento.

FLASH FINAL

307

A cena anterior funde-se com esta através do riso dos dois amigos. Ouve-se a voz de Gerard cantando a canção que Luiz cantou durante a peça.

Voz de Gerard (cantando) – *Los argentinos rodan, rodan, rodan. Los brasileños lloran, lloran, lloran...*

Los brasileños lloran, lloran, lloran. Los argentinos rodan, rodan, rodan...

Então a cena ilumina-se, está vazia. A porta se abre e os dois amigos estão voltando de um

Cabaret. Luiz traz o paletó nas costas e tem as mangas da camisa de linho arregaçadas. Gerard está elegantemente vestido. Eles entram, Gerard se dirige à biblioteca e folheia feliz os livros. Luiz serve uísque e depois acomoda-se elegantemente numa das poltronas.

Gerard – Gostou do Cabaret?

Luiz – Para a minha formação é decadente e podre, mas matei minha curiosidade.

Gerard – É decadente!

308 Luiz – Tem qualidade! Uma qualidade também equívoca...

Gerard – Tem quem se choca com as travestis.

Luiz – No começo chega a ser insuportável. Aquela coisa existindo no palco como se fosse mulher. Depois acostuma...

Gerard – São perfeitos, não são perfeitos?

Luiz – Para você aquilo é teatro?

Gerard – É uma forma já sofisticada e cara de uma arte *démodé*.

Luiz – É arrepiante!

Gerard (cantando, enquanto folheia os livros)
– *Los argentinos rodan, rodan, rodan. Los brasileños lloran, lloran, lloran...*

Gostei dessa canção. Onde você aprendeu? *Los brasileños lloran, lloran, lloran. Los argentinos rodan, rodan, rodan...*

Luiz – Um argentino ensinou para a Lu, aquela minha amiga do Rio.

Gerard – Quem é ela?

Luiz – Lu? Ah, é uma longa história. Lu é um pequeno lobo. É ralé, é americanófila, é londoner e é uma criança perdida no mundo das ilusões e das fantasias. Com um caráter maléfico: ela é a gabirola, a fruta que existia nas terras da minha avó. O nome da fruta é gabirola!

309

Gerard – Não gostei dela. Achei vulgar.

Gerard volta a cantar a canção, feliz.

Gerard – Gosto do teatro! É verdade! Sempre gostei do teatro!

Luiz – O jantar no Cabaret foi muito interessante. Aquele abacate servido como entrada me pareceu... me pareceu provocante!

Gerard – Eu notei que você se perturbou com o abacate.

Luiz – Eles são todos bichas?

Gerard – Seria preciso perguntar para eles!

(Há uma pausa)

310 Luiz – Às vezes sinto que sou o responsável pela noite em que estamos. Sem as luzes que só vi acesas em sonho. Hoje, por exemplo, era para eu estar voltando de um grande espetáculo, o das imagens que deveriam ter realizado, onde estariam presentes e orgulhosos aqueles que esperavam de mim a arte verdadeira. E estou voltando de um Cabaret!

Gerard – Estamos numa viagem fantástica! Sobre uma civilização encerrada, finalmente de portas fechadas, e conduzidas pela máquina! Não há outra arte!

Luiz – É o assassino! A máquina é o assassino!

Gerard – E não agrada você?

Luiz – Eu sou a última testemunha! Nasci no campo para isso!

Gerard – Você já faz parte do privilégio da máquina!

Luiz – Não desse privilégio... Você sabe o que estou querendo dizer!

Gerard – Fui criado para você, Luiz! Você é a última testemunha! Fizeram com muito carinho! Com muito! Agora você está no alto como deve ser... No topo do mundo civilizado, de onde você pode assistir à Terra vivendo. E eles também estão assistindo você esta noite...

Luiz – Eles ainda?

Gerard – Nós!

Gerard olha Luiz sentado na poltrona, acuado.

311

Mas você não está ridículo!

Luiz – E os que são conduzidos para a destruição?

Gerard – Não sei quem são!

Luiz – São os que lutaram por mim e por um mundo justo, que esperaram de mim a vitória sobre essa ave sinistra e podre sobre nossas cabeças. Aqueles que eu traí!

Gerard – Não quiseram pagar o preço!

Luiz – E qual é o preço?

Gerard – A humilhação!

Há uma pausa. Gerard serve-se de mais uísque. De repente, ele fica sério e grave.

Gerard – Toda a tradição do mundo civilizado está viva esta noite! A cultura, a arte que se fez, os mistérios, a História, a Filosofia, toda a tradição do mundo civilizado está viva esta noite! Sabe quem realizou esse milagre no mundo moderno? Você!

(Pausa) Gerard sopra os livros da biblioteca, uma camada espessa de pó inunda a cena.

312 Gerard (beijando os livros) – Parecia morta e como por um milagre voltou!

Ah, como nós te amamos agora, Luiz! Você trouxe a esperança para nós! Nem ela já existia mais...

Você fez sucesso esta noite! Você nem pode imaginar! Os burgueses que estavam no Cabaret olharam o tempo todo para você!

Os travestis ficaram tão entusiasmadas que representaram especialmente para você!

Luiz – Você chama aquela gente descarada e com mau cheiro de burguesia?

Gerard – Eles têm o poder! São os que mandam!

Luiz – Para mim são vermes! Para mim é o museu de cera!

Gerard – Quem são os burgueses então?

Luiz – Os que ainda sabem o que é o desprezo!

Gerard liga a vitrola e põe uma canção francesa.

Gerard – Para mim você é igual a qualquer um!

Luiz – Eu sou igual a qualquer um!

Gerard – Eu quis dizer: a partir desta noite!

Luiz – Você não é igual a qualquer um!

313

Gerard – Sim. Sou como qualquer um. Sem a diferença. Sem o privilégio!

Luiz – Disse aquilo porque não havia conhecido ainda o rosto de quem me usou para humilhar meu povo, minha família e minha cidade. Vi esta noite e, pusilânime, desempenhando o papel que era meu. Não posso deixar de manifestar meu nojo!

Gerard – Você teve o privilégio. Eu conquistei o privilégio. Você perdeu o seu e eu estou fazendo você participante do meu. Fui criado numa sociedade em que todos – todos sem

exceção de nenhum! Todos têm de conhecer a humilhação!

Quem me fez conhecer a humilhação me deu em troca da minha disciplina e esforço pessoal o privilégio que tenho dentro destas paredes.

Por que haveria de chamá-los de vermes? Para eles custou um preço mais elevado ainda!

Todo mundo sabe, Luiz!

Luiz – Todo mundo sabe?!

Gerard (cínico) – Quem ainda não sabe?...

314

Luiz – Lá no Cabaret eles sabiam?

Gerard – O tempo inteiro!

Luiz – Você sente prazer com isso?

Gerard – Vivo desse tipo de migalha. No mundo em que estamos vivendo já não podia acontecer mais nenhum. Todos estão mais do que informados. Você apareceu, caiu do céu, foi Deus que enviou. Vivo também desse tipo de migalha. Faço chantagem com ela e ganho assim a vida que invejei nos outros!

Luiz – Você não precisa disso!

Gerard – Quem não precisa?

(Há uma pausa)

Luiz – Mas você não é!

Gerard – O quê?

Luiz – Você não é!

Gerard – Não sou?...

Luiz – Um aristocrata! Um nobre!

Gerard – E é preciso ser um aristocrata? Um nobre?

Luiz – E nem um burguês você não é! Nem isso! 315
Você gosta da palavra e do papel! Mas nem isso
você não é!

(Pausa) Longo silêncio.

Luiz – Yussef!

Yussef...

O nome é Yussef... José!

Vulgarizado dá Zé. Luiz José é meu sobrenome.

Yussef... Decifrei o enigma!

(Longa pausa)

Luiz – Você é um palhaço! Um ator! Quando vejo você no seu uniforme, na rua ou na TV, ou no carro, junto com eles, desempenhando seu papel, acho uma gracinha!

(Longa pausa)

Luiz – É só isso que você é: um atorzinho! Uma boneca!

(Longa pausa)

316

Isso eu falava para Lu, no Rio. Ela mudou de nome por causa disso: mudou para Rose. Piorou. Eu dizia: você está de uniforme, bem! Exceção sou eu! Sou eu que não sei me adaptar. Até que um dia eu disse pra ela: você é a minha gabiroba! E deu azar!

(Longa pausa)

Luiz levanta-se e caminha até a gaveta onde guardou o revólver. Toma o revólver e caminha até a porta fechada.

Luiz (diante da porta) – Lá... só lá.... Só lá terei a linguagem!

Só lá... Terei os personagens, a imagem correta e a luz!

O casarão colonial dos meus avós... Os dias longos do verão... O engenho e o cheiro da cana-de-açúcar...

Como foi um dia...

O verde e os rostos silentes de quem me amou sem traição...

Estarão lá. Como foi um dia. Despertarei seus nomes e despertarei de novo o sonho que não viram realizado em mim... nem no Rio!

Gerard toma violentamente o revólver da mão de Luiz.

317

Gerard – Nem suas terras, nem seus mortos, nem seu Rio!

Você está no exílio e sem nenhum encontro marcado no exílio!

Então você não sabe que morreu?

Então você não sabe que acabou?

Sou seu único amigo agora!

Luiz dá um chute violento na porta e a porta se abre, Gerard continua com o revólver na mão. Luiz entra no quarto trancado e começa a atirar

suas coisas na cena: valise de viagem, roupas, filme, tudo o que tem, debochadamente. Ele vai partir novamente.

Gerard – Você não pode ir embora agora e me deixar sozinho aqui!

Não tenha tanto medo de mim... Nosso encontro... Nosso encontro foi a salvação também para mim!

318 Eu só tentei comunicar a você a realidade: sonharam muito alto para você. No mundo do passado ninguém via. No mundo de hoje já não há mais o lugar que prepararam para você! Nem no Rio, nem em Paris, nem em qualquer cidade luz da Terra!

Luiz – Sou só isso: um cineasta e um oprimido!

Luiz volta à cena e começa a preparar sua valise para a viagem. Ele vai partir.

Gerard – Você vai enfrentar o mundo de novo e sozinho?

Luiz – O estilo dele não é o meu, mas aprendi as regras do jogo!

Gerard – Que foi que não dei a você?

Ainda deve existir alguém escondido chamando-me de rato, mas quem pode ser a esta hora?

Cumpri meu dever. Fui elegante. Salvei você do pesadelo e devolvi você à realidade.

Dei a você meu apartamento e foi por mim que você conheceu Paris do alto.

Luiz – Não era dessa torre que eu quis ver Paris!

Gerard – Quem perdeu uma tem a outra! Qual a diferença?

Luiz – Não tenho nada que ver com o Flore nem com o Quartier Latin! Sou da geração do Pigalle, o bairro do vício! É para onde vou voltar!

319

Gerard ri.

Gerard – Tudo saiu perfeito, Luiz, menos isso: não conseguimos viver sem você!

Lutamos contra você até o último sopro do nosso ódio. Cobrimos você da sujeira que quisemos até montar sua imagem à nossa semelhança. E para ser você. Mas aconteceu: não conseguimos mais viver sem você!

A viagem... A viagem é maligna também para nós!

Luiz (terminando de arrumar sua bagagem) – Por que você não atira?...

Gerard – Você trouxe a esperança para nós! Em troca nós queremos lhe permitir... viver!

Agora você vai poder viver!

Luiz – Fica para você. Eu sei que esse presente você quer. Para mim ele é proibido. Minha religião – a católica tradicional – é contra esse objeto. E eu sei que você gosta dele.

320 Gerard dá vários tiros no apartamento e depois atira várias vezes em Luiz com o revólver descarregado..

Luiz – Agora temos a noite inteira para falar de nós,... Contar sobre nossas pessoas, contar nossas histórias, falar de nós. Você me permitiu viver e eu quero pagar em dobro esse privilégio. Conta de você. Depois eu conto de mim. Depois contamos dos outros. Temos a noite inteira para nossas histórias.

Gerard – Antigamente eles ficavam lá e nós aqui...

Agora estou me lembrando...

Eles lá e nós aqui...

Continua igual!

Luiz – Eu também estou me lembrando: eles, eles ficavam lá! E nós... nós ficávamos... ali!

Era assim!

A bagagem de Luiz está preparada. Ele senta sobre a valise e Gerard volta a sentar elegantemente à mesa. Tamborila elegantemente na mesa. Tornam a criar uma distância entre eles.

Gerard – Você esqueceu o relógio!

Luiz levanta-se e tira o relógio da parede, pondo-o junto à sua bagagem.

321

(Pausa)

Entreolham-se. Silêncio entre os dois.

Luiz – É verdade! Acabou! A vulgaridade venceu! Falávamos também assim. Desde que nasci que ouço essa frase.

É como antigamente: Nós, eles, eles, nós... Eles, nós, nós, eles...

Canção-tema para *Diário Íntimo* (Início e fim do espetáculo).

Paris Cabaret

Paris Cabaret

Paris Cabaret

Travesti e jazz. Blues.

Tão decadente

Tão decadente

Paris Cabaret

Paris Cabaret

O outro lado da cultura

322

O outro lado da literatura

Paris Cabaret

O outro lado do sexo

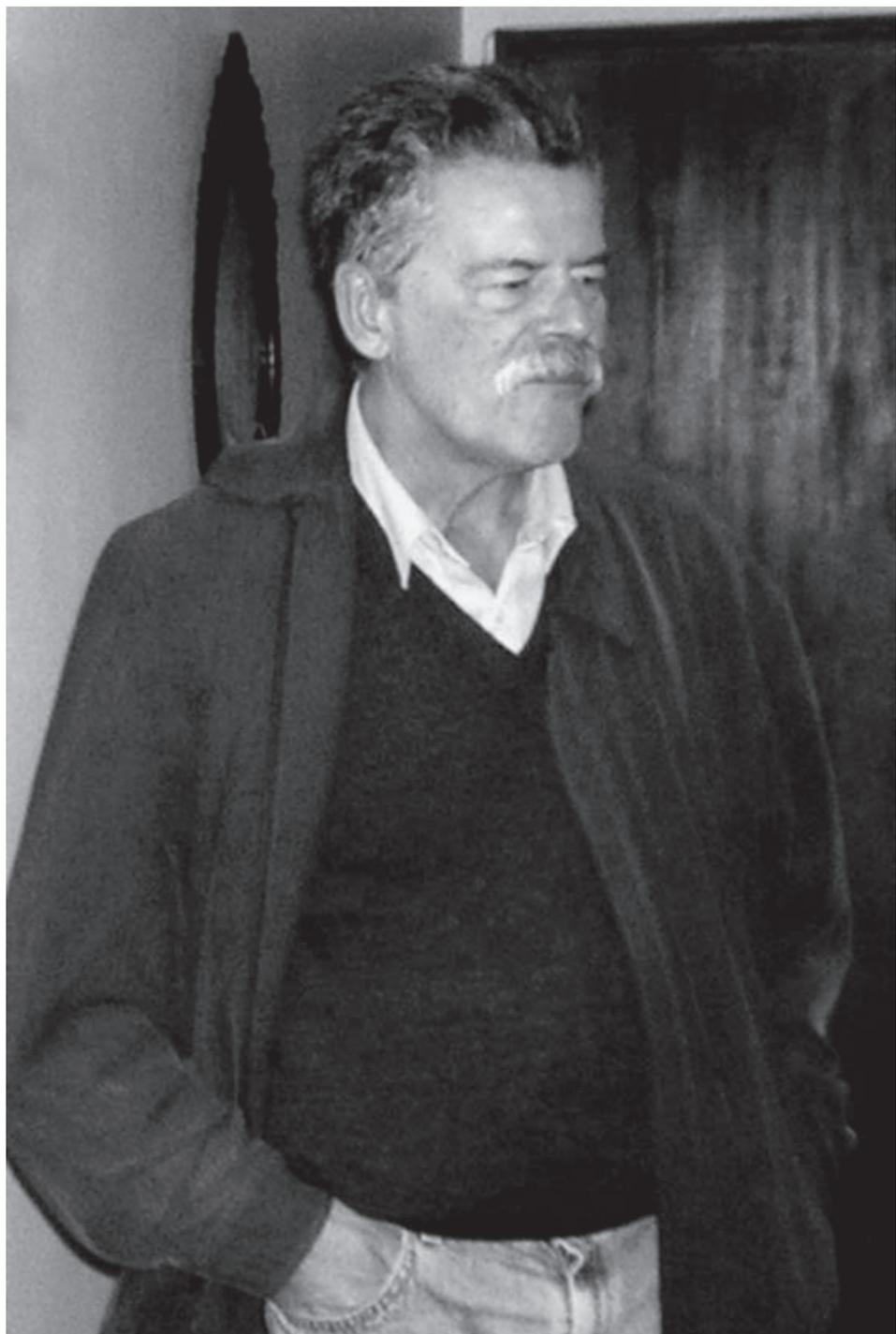
Paris Cabaret

O outro lado do sexo

Paris Cabaret

O outro lado do nexo!

José Vicente



José Vicente, retrato

Virtuose

Virtuose

Dois Atos

Personagens

César – Autor de teatro que leva consigo a pedra azul-turquesa, símbolo da liderança social e da arte. Judeu.

Ana – Contato político de César e judia como ele. O Rosa.

Felipe – Contato político de César, namorado de Ana e também judeu.

327

Personagens não judeus

Ângela – Madame da aristocracia de São Paulo e responsável pelos outros personagens, isto é, a líder deles.

Sr. Johanness – Professor de alemão no Brasil. Mais especificamente, em São Paulo, capital. Gigolô. Homossexual.

Maurício – Gigolô. Trabalha como auxiliar de obras e faz viração na rua onde César vive em São Paulo, capital.

Jorginho – Gigolô. Como Maurício, vende cigarros tipo exportação (mais barato e contrabandeado) numa banca de marreteiro e faz viração nas horas vagas, no mesmo ponto de seus colegas.

Lucas – Gigolô nas horas vagas, tal qual seus colegas, trabalha como segurança de banco no mesmo bairro onde César vive com os seus colegas e usa farda.

Mendiga Negra – Imunda, ela vive de prostituição, como todos os personagens não judeus da peça.

328

Mendigo Negro – Ele é o apresentador da peça e porta um grande relógio que na hora certa bate as horas, criando um efeito mágico no espetáculo. Pede esmola na porta dos carros que param no sinal de trânsito na esquina. Mesmo bairro.

Servo – Trabalha no Lanches Colombo, onde César faz os contatos políticos e transmite as informações. No caso específico serve Ângela, que o dominou e lançou mão dele.

Serva – Trabalha também no Lanches Colombo e passou a servir Ângela por força das circunstâncias a que se viu envolvida com o aparecimento de César.

Cena: O teatro vazio, onde ocorre o confronto de César, dramaturgo e escritor de teatro, com seus personagens, na vida real e na vida da cena.

O espetáculo tem sua força na interpretação dos atores e nos efeitos de luz. Não há cenário. A peça se passa no palco vazio e no teatro.

José Vicente/ Virtuose/ Obra Póstuma

As circunstâncias políticas às quais me vi envolvido nos idos do final deste século me inspiraram esta peça de maturidade do meu teatro e pretende ser meu testamento sobre a literatura e a arte, que ocuparam grande parte da minha vida.

José Vicente/ Virtuose se passa em São Paulo, capital, num bairro da periferia. Época moderna, tempos atuais, roupa moderna.

329

No cinema, Fellini expressou sua própria concepção daquela arte no filme clássico de sua autoria, *8½*. Esta peça pretende ser no teatro minha própria visão dessa arte e minha concepção da mesma. Ela representa meu ponto de vista sobre essa arte imemorial, que desempenhei ao longo de grande parte da minha vida.

Sua ideologia é a cristã. A Igreja de Jesus Cristo é seu dogma.

José Vicente

ATO 1

CENA 1

César no palco vazio e iluminado.

César – O crime perfeito!

O homossexual milionário da sociedade foi encontrado morto com mais de 50 tesouradas no corpo!

Eu, César, acompanhei e desvendei o crime.

O assassino foi a bicha que morava na zona sul da cidade e praticou o ato na zona norte, do outro lado da cidade, sem deixar suspeitas. A bicha cometeu o crime por vingança e concorrência social, porque era rejeitada pela sociedade como ralé.

331

A polícia não encontrou vestígios.

O crime perfeito!

Iluminam-se os personagens não judeus – os brasileiros – na cena.

Ângela – A turquesa!

Servo – A turquesa!

Serva – A turquesa!

Mendiga Negra – A turquesa!

Todos – A turquesa!

Ângela – A bicha ralé cultivava a turquesa nossa e praticou o crime para ter crédito social. Essa foi a razão.

César – Só eu descobri o crime e sozinho, sem ajuda da polícia.

(Pausa)

332 Maurício – Cria-nos, César! Nós queremos a imortalidade!

Jorginho – Cria-nos! Nós queremos decifrar o segredo da cena!

Lucas – Por que você se recusa em nos criar como personagens seus?

César – Eu abandonei o teatro há muito tempo!

Sr. Johannes – Cria-nos, César! Reinventa-nos no teatro!

César – Não escrevo mais para o teatro! Abandonei a profissão!

Ângela – A turquesa era sua! Você teve a prata da arte!... No teatro!

Todos – A turquesa!

César – Eu sou judeu!

Todos – Judeu!

O Mendigo Negro ocupa a cena com o relógio que badala as horas.

Mendigo Negro – Eu sou bicha! Sou mendigo! Aqui eles me chamam de bicha porque eu requebro e mostro a bunda pros outros! É fome! Eu ganho meu dinheiro pedindo na porta dos carros, quando o sinal do trânsito fecha! É fome! Este relógio é a única coisa que eu tenho! Ele badala as horas, seguindo o ritmo da minha fome e... da fome dela! (Aponta a Mendiga Negra, imunda, sua colega). Ela é suja assim de fome! Não tem nem lugar para fazer! E nós dormimos na calçada das ruas!

Ângela – Onde você arrumou esse relógio?

Mendigo Negro – O relógio! Já foi dito que o primeiro dever do revolucionário é continuar vivo! Eu não sou revolucionário, sou mendigo!

E esse relógio que marca as horas certas segue o ritmo da fome! Da minha fome!

E da fome dela! (Aponta a Mendiga Negra).

O tempo é um aliado ou um inimigo?

O relógio bate 8 horas da manhã de sábado.

Mendigo Negro – Sábado, 8 horas da manhã!

CENA 2

Entram Felipe e Ana.

334

Felipe – Fizemos os últimos contatos!

Ana – E temos todas as informações!

César – Vocês vieram!

Ana – Temos todas as chances de vencer! A vitória nesta guerra já é nossa!

Felipe – A vitória já é nossa!

Ângela (interferindo) – São judeus como você?

Felipe – Felipe! Judeu!

Ângela – E você?

Ana – Ana! Judia! Sou o rosa de César! O rosa!
A vitória já é nossa!

Ângela – Você não conhece bem meu povo e do
que somos capazes. Ainda não mostramos todas
as nossas estratégias!

Ana – A vitória já é nossa!

Ângela – Você tem certeza?

Ana – Já somos invencíveis!

Ângela – Nós conhecemos o outro lado. Se você
é judia eu posso dizer que somos árabes. Ainda
há muito para ser definido nesta guerra!

335

Ela foi tão longa e levou embora minha juven-
tude! Será que serei derrotada por uma judia?

Ana – A vitória já é dos judeus!

(Pausa)

Felipe – Quem são?

César – Personagens do bairro que conheci por
acaso...

Ângela – Estão sob o meu controle! Eu conheci
César em outros tempos, quando ele escreveu
para o teatro! Ângela!

Sr. Johannes – Johannes! Chamam-me de Sr. Johannes! Professor de alemão! Negro!

Jorginho – Jorginho! Vendedor de cigarros tipo exportação em banca de marreteiro! E entendido! Gigolô nas horas vagas! Negro!

Maurício – Maurício! Auxiliar de obras e gigolô com muita honra! Negro!

Lucas – Lucas! Segurança de banco e gigolô! Negro! Nós somos todos negros! Negros!

336 Servo – Servo! Como estou sem Madame, obedeço à senhora Ângela, que me dá ordens no caso do Sr. César!

Trabalho como vendedor e balconista no Lanches Colombo, onde o Sr. César faz contatos e dá as informações!

Serva – Serva! Também trabalho no Lanches Colombo!

César – É onde dou as informações e tenho os contatos!

Mendiga Negra – Mendiga! Obedeço à Senhora Ângela!

Ângela – Todos estão sob meu controle e você não pode fazer nada com nenhum deles sem a minha autorização!

César – Desistam! Eu não os farei personagens meus! Não os levarei ao teatro e à cena!

Eles – A turquesa!

César – Esqueçam a turquesa! Eu talvez já não a possua!

(Pausa)

Ângela – Vamos ficar na realidade. E a realidade é uma e sinistra. O Brasil terá este ano a pena de morte! A pena capital! O cadafalso!

337

Todos – O cadafalso!

Ana – A pena de morte?...

Ângela – Que farão vocês judeus quando o decreto for promulgado? Vocês seguem Jesus Cristo e Jesus Cristo é condenado pelo nosso código!

Todos – A pena de morte! O cadafalso!

Ângela – A pena de morte!

O Mendigo Negro volta com o relógio para anunciar a cena seguinte.

Mendigo Negro – O tempo! Um aliado ou um inimigo? Sábado, meio-dia!

O relógio bate as horas.

CENA 3

338

César – Eles me perseguiram de dia com seu faro e sua capacidade infinita de dar prazer, e de noite, no sonho, me possuíam e faziam comigo todos os atos do amor ilícito. Todos os atos! Em sonho me possuíam e me pervertiam! E eu me deixava seduzir por eles, porque era fraco!

Jorginho – Por que você não me procurou aquela noite?

César – Eu não posso!

Jorginho – Eu não te dou prazer?

César – O que aconteceu entre nós dois foi só um equívoco. Eu não estou interessado em você! Minha religião condena!

Jorginho – A religião!

Eu já mostrei a tatuagem que tenho no braço?

César – Não.

Jorginho – Olha! É uma âncora! Eu queria ser um marinheiro americano! Marinheiro não! Americano! Trabalho de marreteiro e vendo cigarro de exportação! Mas tenho dólares no bolso! Olha!

Jorginho enfia a mão no bolso e tira dólares que exhibe a César.

César – Não precisa mostrar! Eu não quero nada com você!

Jorginho – E aquela vez?...

339

César – Nem aconteceu!

Jorginho – Eu conheço tudo sobre o prazer! E posso dar o prazer a você!

César – Você é o Jorginho. Eu não farei de você um personagem com honra!

Jorginho – Ah! Gigolô! Vivendo no subúrbio é que não vai dar! Eu preciso ir para o centro, onde a gente rica frequenta! O soçaite! A sociedade!

César – Todos eles me achavam divino e me desejavam, com a condição de que eu renunciasse

à religião e a Jesus Cristo. E então me levariam para a cama com eles, onde praticaríamos todos os atos do amor proibido!

E como eu desejava aquele pecado mais que a qualquer outra coisa na terra!

Maurício – Sou Maurício, o auxiliar de obras. Por que você não quer mais?

César – Nunca fizemos nada juntos!

Maurício – Eu ainda estou lá, nas obras! É só me procurar! Mas você tem que abandonar aquelas coisas da religião!

340

Me diz. Entre a religião e eu, eu não sou muito mais interessante? E posso realizar todas as fantasias que você tem na cabeça, César!

César – Nunca te procurei! Nós nos conhecemos por acaso!

Maurício – Mas você quer! Aquele dia você quis! Abandona a religião!

César – Eu fui tentado por você!

Maurício – E os meus olhos verdes? Você esqueceu que eu tenho os olhos verdes?

Não há quem não me olhe! Onde eu chego eu sou notado, por causa dos meus olhos verdes!

(Pausa)

César – Eu poderia escrever a *Balada dos Prostitutos do Ocidente*, que conhecem a arte do pecado e a praticam, de tanto que os vi e convivi com eles!

A Balada dos Prostitutos do Ocidente! Onde foi que não cruzei com um deles? E esses agora são só de subúrbio! De bairro! Não podem me ver! Todos eles ficam seduzidos por mim e me desejam! Mais a mim do que ao meu dinheiro!

341

Maurício – Eu te darei tudo o que um homem pode dar de prazer, não se arrependerá de ter ido comigo! E não se esqueça! Os meus olhos verdes! Os meus olhos verdes!

(Pausa)

César – Lucas é segurança do banco, por onde eu passo. Ele me viu e me convidou.

Lucas – Seiscentos!

César – Você está louco! Nem de graça!

Lucas – Você não é entendido, a gente vê!

E você é inocente!

César – O que foi que você viu comigo?

Lucas – Eu te dou o prazer que você está buscando! Mas eu sou profissional e tenho que honrar a minha farda! Seiscentos e nos encontramos depois do expediente!

César – Não posso!

Lucas – A minha farda! Ela não te seduz? Não existe outro prazer para um homem!

César – É claro que não vou te procurar!

342

Lucas – E você tem a turquesa! No sexo também!

Eu faço com você por dinheiro! Mas tem que entrar dinheiro!

César – São todos prostitutas! São todos!

Lucas – Você é inocente! Você é inocente!

(Pausa) Ouve-se a voz da Mendiga Negra, como num lamento.

Mendiga Negra – Os dias são longos!

Os dias são longos!

E hoje eu ainda não comi nada! Já é meio-dia e ninguém me deu nada!

Como os dias são longos!

(Pausa)

César – E todos eram. E todos tinham a arte. E eu era seduzido pela perversidade dos prostitutas do Ocidente e de São Paulo, capital, e chorava porque estava pecando contra o meu Deus. E me sentia fraco e não os venciam a nenhum. Eles me dominavam. E me perseguiram firmemente, para que eu pecasse com eles e esquecesse Jesus Cristo!

343

E todos possuíam a arte do prazer! Todos possuíam a arte!

Mendiga Negra – Hoje eu ainda não comi nada! Estou com fome! Ninguém me deu nada!

Mendigo Negro – Ninguém quer saber dos teus problemas, mendiga!

Mendiga Negra – Os dias são longos! Os dias são tão longos!

César – E todos possuíam a arte! E todos possuíam a arte!

O Mendigo Negro volta a anunciar a próxima
cena com o relógio que badala as horas.

Mendigo Negro – Sábado, 1995, janeiro, duas
horas da tarde!

O relógio badala as horas.

CENA 4

Sr. Johannes – Deus criou a mulher e o diabo criou
a buceta! Sr. Johannes! Professor de alemão!

Buceta!

344

César – Havia o outro lado da moeda. Homens
que me seduziam para que eu os possuísse,
profissionais da prostituição que conheciam o
segredo de fazer um homem...

Eram muitos. Mas eu me lembro do Sr. Johan-
nes, que se apaixonou por mim e quis que eu
o possuísse a qualquer preço. Ele não era bem
um homossexual, mas estava no bairro onde eu
fazia os contatos e também me seduzia, porque
me transformava num homem que seduz outro
homem.

Eu era então um garanhão selvagem, perdia a
cabeça e... não! Nenhuma mulher conseguiria ser

mais sedutora que aqueles homens pervertidos que tinham por profissão e passatempo favorito desvendar os mínimos mistérios da prostituição de homens.

E como conheciam essa arte!

E com que coragem desafiavam qualquer código para o pecado!

Pois conheciam tudo o que a luxúria de homens com homens pode oferecer nos dias quentes de verão!

Sr. Johannes – Buceta!

345

César – Eu não quero, Sr. Johannes!

Sr. Johannes – Eu uso sunga de Paris... De seda...

Eu te mostro, olha!

Sunga de Paris, de seda!

César – Estão olhando para nós!

Sr. Johannes – Nunca vi um homem como você!
Tão tesudo!

César – Para mim é pecado!

Sr. Johannes – A religião! Jesus Cristo!

A realidade é a buceta!

César – O pecado de homens com homens!

Quem os pintaria melhor do que eu?

Sr. Johannes – Eu me apaixonei por você desde a primeira vez que o vi no Lanches Colombo...

Nunca vi um pau tão lindo!

Você é cristão?

346

César – Sigo os mandamentos e a Lei de Jesus Cristo e sou perseguido por isso, eu e meu povo!

Sr. Johannes – Você não quer ir a uma sauna, a um hotel?

Eu te ensino tudo como deve ser!

César – É pecado!

Sr. Johannes – E a minha sunga de seda de Paris?...

César – O senhor é alemão?

Johannes – Nascido no Brasil. E sou professor. Tenho servos que me servem, não sou um homem vulgar!

César – Eu sei. Eu já vi seus servos.

Sr. Johannes – E tenho família. Mulher e filhos. Mas me apaixonei por você, porque você me pareceu incomum e raro...

(Pausa)

César – Havia outros e todos eles conheciam os mistérios da prostituição, quando o assunto é homem com homem. Exerciam sua arte comigo e eu pecava com eles, como pecava com os outros, para quem eu era mulher.

Sr. Johannes – Você não gosta de buceta?

César – Me deixa, Sr. Johannes. Eu tenho que ir.

Sr. Johannes – Deus criou a mulher e o diabo a buceta!

Esse é meu lema: buceta!

César – Jesus Cristo!

Sr. Johannes – Nós viemos do diabo!

César – Podemos ser amigos, Sr. Johannes...

Sr. Johannes – Não queira me converter ao seu credo. Eu professo a buceta e conheço a minha arte. Não te fiz feliz?

Você não gostou?

César – O prazer não é tudo. O prazer da carne...

Sr. Johannes – É tudo! O prazer é o limite! Essa é minha crença! Esse é meu credo! Por isso pagamos um preço tão caro. Vivemos no meio de mendigos imundos como esses e de servos, e nos rodeamos do que há de mais abjeto na sociedade! E não somos livres como você, por causa do prazer! As prostitutas e os gigolôs são os nossos parceiros na cidade, dia após dia!

O prazer é o limite!

348

CENA 5

Ana (apontando os servos) – E esses, quem são?

Servo – Eu sou servo...

Serva – Eu sou serva...

Agora com a pena de morte já não temos mais chance de desobedecer aos nossos patrões e à Madame!

Servo – E se nos convertemos a Jesus Cristo? Não seremos livres?

Serva – Você abandonaria o patrão e a Madame?...

Servo – Mas podemos nos converter a Jesus Cristo...

Serva – Podíamos... Mas já estamos nessa vida há muito e já é impossível! Até nosso cheiro é o cheiro do patrão e da Madame! Somos servos. E os que são escravos e pegam no duro? Ainda podemos dar graças a Deus por não sermos escravos e ter que pegar no duro...

Servo (para César) – Até eu já quis tirar uma casquinha no Sr. César... Lá no Lanches...

Serva – Vivemos rodeados de prostitutas e prostitutas...

349

E aprendemos tudo com eles...

O que eles fazem já é o nosso ideal...

Mendiga Negra – Estou com fome! Ninguém vai me dar dinheiro para fazer uma refeição?

Ana – O que é que ela sente?

Ângela – Fome!

Ana retira dois pãezinhos e os oferece à Mendiga Negra.

Mendiga Negra – O que é isso?...

Ana – Pão.

Mendiga Negra – Eu não quero pão. Eu quero dinheiro!

Ana – Tudo o que tenho é pão!

Mendiga Negra – Eu só aceito dinheiro...

Ângela – Por que você se assusta com ela e com a aparência dela? Ela gosta de como vive...

Conta para a moça porque você vive assim, no lixo...

350

Mendiga Negra – Eu vivo aqui e assim porque aqui e assim eu posso ter a buceta!

Dá uma grande gargalhada.

Ana – Ela é prostituta como os outros?

Mendiga Negra – Só assim eu posso ter a buceta!

Cleópatra, rainha do Egito!

Muito prazer!

Eu só aceito dinheiro. Pão não!

(Pausa)

Ana – Que mundo sórdido...

Ângela – Nenhum de nós vive no limpo como você. É a regra!

Por que você não passa para o nosso lado?

Ana – Eu morreria de tristeza...

Ana (para Felipe) – E você?

Por que me julga com o olhar?...

Felipe – Eu não te julgo!

Ângela – E condena o meu mundo!

351

Felipe – Eu jamais me prostituiria...

Ângela – Não é tão difícil!

Felipe – Nasci como judeu e vou morrer como judeu!

Ângela – Você é o namorado dela?

Felipe – Sou.

Ângela (para Ana) – Como é seu nome?

Ana – Ana.

Ângela – Houve um tempo em que me apaixonei pela arte de César. O que é que uma mulher como eu pode ambicionar, além da sociedade, a não ser a arte?

O teatro, o cinema...

E me apaixonei por César.

Ele abandonou a carreira e eu o revii no bairro, com essa gente anônima do meu povo.

Eu sou antes de tudo uma sul-americana. Vivi a sociedade no seu ápice e aprendi tudo sobre ser do bem.

352

Que mais que eu quero?...

Eu sou diferente de você e vivo no outro extremo.

O bom gosto, o mundo, a moda...

E o prazer! Não! Por que haveria de me negar o prazer?

Eu detesto os judeus e os cristãos tal qual você, e os persigo como todos os perseguem.

Mas não vivemos sem vocês.

Eu também tenho um preço. Não quero ser uma decaída, uma mulher da rua. Sou uma aristocrata. Mas tenho o meu preço cobrado no bordel, como qualquer um! Para nós, a prostituição é a lei!

Ana – Você sabe o que quer!

Ângela – No momento estou empenhada no controle de César. Sei que ele é o líder de vocês e recebi ordens para controlá-lo.

Mas eu quero ainda a arte! O teatro de César ainda me seduz!

Ana – A arte não é tudo!

353

Ângela – Para mim e para eles é. E César tem a turquesa!

Todos – A turquesa!

Felipe – Não os vejo como César os vê. Para mim são inimigos. Todos. Porque me perseguem de dia e de noite, querendo me derrubar, custe o que custar.

Foi como um deles disse. Para mim vem do diabo.

Por que razão ter pena deles, quando eu que venho de Deus sou tomado por todos eles como

inimigo? E se é como inimigos que vivemos lado a lado, cometendo perversidades e crueldades sem limite?

Não. Para mim são inimigos. Só não os dou como bandidos e foras da lei porque há um mínimo de respeito nas nossas relações.

Eles não gostam de Jesus Cristo nem da religião e eu não gosto deles!

Ângela – Então a vitória será dos judeus e dos cristãos...

Felipe – Tudo indica!

354

Sr. Johannes – E nós?

Felipe – A pena de morte já não nos atinge no Brasil! Já nos separamos dos infiéis e dos pagãos e, portanto, de todo o Brasil! Por mais que nos ameacem com esse último golpe já é tarde demais! Conquistamos nossa liberdade!

Ângela – Você fala como um líder!

Felipe – Eu luto pelo meu povo e dou o sangue pelo meu povo. Só uma coisa me interessa: a liberdade dos judeus e dos cristãos!

(Pausa)

César – A princípio meu povo não me obedecia. Depois eu mostrei a ele o que significava a palavra liberdade e o meu povo começou a me obedecer. Apareceram Felipe e Ana, enfim, apareceram outros. E a luta foi para valer. Tornei-me o homem principal entre os judeus e os cristãos e começamos a ganhar e a ganhar. E foi assim que me distanciei dos prostitutas e dos gigolôs de São Paulo e do Ocidente até me tornar em campeão da solidão. Abandonei o teatro e a arte. E os aplausos da sociedade, com quem rompi. E meu povo se curvou diante da minha renúncia!

Felipe – Tenho que ir!

355

César – Já?

Felipe – Estão me esperando.

César – Então veio a pena de morte?

Ângela – O cadafalso!

É a nossa Lei!

E você estará enquadrado, como cristão e judeu!

Felipe – Por quê?

Ângela – Não aceitamos nem os cristãos nem os judeus! Nem nossa lei!

Felipe – Houve um tempo em que eu aceitava tudo como os outros, porque estava enquadrado e vivia a vida pequeno-burguesa dos acomodados. Então conheci César e ele me deu a luta. Abandonei a vida sedentária dos enquadrados e comecei a lutar pela liberdade do meu povo. Hoje sou outro homem. Sei avaliar o preço da liberdade mais que qualquer outro ser do mundo. Não. Essa vitória é dos judeus e junto com os judeus os cristãos do mundo. É uma guerra internacional, sem fronteiras e que move as multidões e a História de dia e de noite... Conquistarei a identidade de Judeus. Tomamos o poder! Serei um judeu e meu povo também será judeu!

356 E os pequeno-burgueses, os acomodados, os enquadrados na vida, os caretas, eles, sim, terão motivos para temer a tua lei! Não eu que sou livre!

Ângela – Você tem certeza que é livre?

Felipe – Como o mar! Como a terra! Como os céus!

César – Volta ainda hoje?

Ainda hoje vocês me verão e saberão as notícias! Falta pouco para não nos confundirmos mais com eles e termos a nossa identidade: é verdade! Seremos isso: ... Judeus!

Felipe sai de cena.

CENA 6

O Mendigo Negro se aproxima com o relógio que bate 9 horas da noite de sábado.

Mendigo Negro – Sábado, 9 horas, hora do espetáculo!

Eles (se perguntando) – Onde estamos?

César – Não consegui encontrar melhor local nem metáfora para exprimir o momento em que todos vivemos que o próprio teatro!

Ângela – Então estamos no teatro?!

357

César – Estamos no teatro! E eu sou o autor!

Ângela – Tivemos um caso no passado, você se lembra? Dormimos juntos uma noite inteira, você na minha casa.

César – Tentamos fazer o amor, mas eu não consegui...

Ângela – Você era moda no teatro...

César – E você continua sendo liberada? Não! Não quero lembrar nem você nem o passado! Não é mais a moda!

Ângela – É a moda!

Para nós que não temos fé a luta é por outros ideais...

O mundo...

A sociedade...

César – Estamos no teatro!

Todos – Estamos no teatro!

Jorginho – Serei teu personagem?

358 César – Como escritor eu falhei várias vezes...

Jorginho – Comigo você acertará!

Maurício – Leva-nos para a cena, para as luzes da cena...

Queremos ser imortais ainda que por um momento fugaz...

César – Não temos mais afinidades!

Lucas – Nós te revelaremos a verdade!

César – Que verdade?

Lucas – A tua verdade!

Sr. Johannes – A tua verdade!

Todos – A tua verdade!

Ana – O que eles querem de você?

César – Desde que me conheceram passaram a me perseguir para que eu os transformasse em personagens. E não me abandonaram nunca mais!

Mendiga Negra – Nós te revelaremos a verdade!
A tua verdade!

E em troca seremos imortalizados!

359

César – Por favor, me deixem! Voltem para a realidade!

Mendiga Negra – Nossa realidade é triste e sombria! E você tem a turquesa!

Jorginho – A turquesa! Por ela seremos ingressados na cena!

Lucas – A turquesa! Queremos a arte!

Maurício – Leva-nos para a cena, César! Você tem o poder!

A turquesa é sua!

Mendigo Negro (com o relógio) – Já soou a hora do espetáculo! E hoje é sábado, dia de gala para o teatro!

Ana – Vivi longe da arte até hoje e não participei da sua realidade...

Seria solidão?

A arte não passou por mim como passou por eles e por todos os da época moderna. Não é a Idade Moderna que estamos vivendo?

360 Cria-nos, César. Eu quero ao menos uma vez ser ingressada nesse mundo que apaixonou tanto as multidões!

César – Eu não tenho mais afinidade com eles! Era só o prazer e o pecado!

Jorginho – Você apareceu por acaso e nos conheceu. Na verdade não queríamos nada com você, até que Ângela nos induziu a te procurar...

César – Essa é a verdade?

Jorginho – Você está sob controle! Cada gesto seu é vigiado e controlado por nós! Eu não que-

ria te magoar. Mas fomos obrigados a obedecer às ordens e votar contra você...

César – Estou sob controle?!

Ângela – São as ordens!

César – Vocês me traíram! Eu não queria nada com nenhum de vocês!

Lucas – Fomos obrigados!

Maurício – Eu não. Continuo aquele ajudante de obras que você viu. Não te traí.

Mendiga Negra – Inventá-nos! Inventá-nos! Ponha palavras sublimes em nossas bocas!

361

Embriaga-nos com o teu verbo!

César – Vocês pagarão caro pela traição, porque agora eu os introduzirei na cena e serão meus personagens!

Jorginho (para Lucas) – Será bom ser personagem?...

Lucas – Não sei. Desde que não me broxe...

Mendigo Negro – São 9 horas da noite de sábado, hora do espetáculo!

O público está aguardando!

César – Então... todos à cena!

O espetáculo será dado por vocês!

Eu os reinventei!

Eu, César, os tirei do subúrbio e os introduzi na cena do teatro!

Todos – Já é o espetáculo?...

César – Chegou a hora do espetáculo! Todos à cena! Todos à cena!

362

A luz os ilumina fortemente, criando um efeito mágico. Fim do primeiro ato.

ATO 2

CENA 1

Estão em cena César, Jorginho, Lucas e Maurício. Os outros (como de habitual) também estão presentes. Muita luz.

Lucas – Você voltará conosco para a sociedade!

César – Não posso mais voltar. Eu disse meu adeus para sempre!

Lucas – Você ainda é jovem e tem muita vida! E você fará sucesso, César!

Não será aqui, que é subúrbio, mas no centro da cidade.

Haverá outra vez Buenos Aires... Você gosta de Buenos Aires?...

César – Não foi ruim.

Lucas – E dessa vez você será o centro das atenções em Buenos Aires...

César – Não posso voltar a ter vida social...

363

Lucas – Por que não? Você é um homem elegante! Um escritor!

César – Você é Lucas...

Lucas – Sou Lucas. Como você está vendo tenho a minha farda, que é o símbolo máximo do sexo. A farda e o sexo estão juntos sempre!

César – Não foi só a sociedade que eu abandonei. Eu abandonei também a vida de pecado em que vivi!

Lucas – Você será nosso outra vez!

(Pausa)

Jorginho exhibe a tatuagem mais uma vez, uma âncora no braço.

Jorginho – Vocês gostaram da minha tatuagem?

Maurício – Muito! É uma âncora!

Jorginho – E você? Gostou?

César – Gostei. Eu jamais teria coragem de me tatuar!

364

Jorginho – Para tatuar o corpo é preciso ter coragem...

Para Maurício.

Ei, você tem os olhos verdes.

Maurício – Eu tenho os olhos verdes!

Jorginho – Como é seu nome?

Maurício – Eu sou Maurício.

Jorginho – Eu sou Jorginho. Você já deve ter me visto na banca, onde trabalho com os marretei-

ros. Vendo cigarro tipo exportação, que é pela metade do preço. Tenho muitos fregueses. Mas não é o que eu quero.

(Para César). Que fascínio é o dele?...

César – De quem?

Jorginho – Do gigolô americano.

César – Do gigolô americano?

Jorginho – Ele fala inglês e conhece o mundo... Fala todas as línguas e como os marinheiros é internacional. Terence Stamp, Alain Delon...

365

Lucas – Paul Newman!

Jorginho – O gigolô americano exerce fascínio sobre o mundo inteiro. Ninguém conhece esse segredo desse profissional raro e de difícil acesso, mais raro que o dinheiro, que o dólar, e tão inacessível quanto uma autoridade máxima! Quem já viu o gigolô americano andando nas ruas do Brasil?!

Ninguém. Eu conheço seu segredo e negocio em dólar. E tenho a minha tatuagem. Sou bom de cama. Eu não te agrado, César? Eu não te deixo fraco com a minha presença?

Você não fica fraco quando está perto de mim?...

César – Todos possuem a arte e me seduzem! Todos eles! De onde vem tanta cumplicidade com o pecado? Eles me seduzem... Eu perco as forças quando se aproximam de mim...

Jorginho – O gigolô americano!

Eu, você e ela! Como é o nome dela?

César – Ana.

Jorginho – Nós três. Um homem, um homem e uma mulher. O gigolô americano!

366

Esse é o segredo do seu fascínio e de ser tão raro. Faz com os dois sexos por dinheiro. Darei toda a cobertura!

César – O gigolô americano?...

Jorginho – O gigolô americano!

(Pausa)

Maurício – Eu tenho os olhos verdes, você se esqueceu? Os meus olhos verdes indicarão a você o caminho!

César – E você é Maurício.

Maurício – Maurício.

Iremos também para Londres e Paris. E conheceremos New York, nos Estados Unidos. Você amou tanto essas cidades! Londres... Paris, na França... New York, nos Estados Unidos...

Você não gosta?!

E você será acompanhado por nós o tempo inteiro. Ora com um, ora com outro. Teremos dinheiro. E faremos sucesso. Você voltará a ser um escritor famoso e fino. E será o centro das atenções. Não, César, não será mais um bairro de São Paulo, um subúrbio. Será uma capital e tudo se dará nas luzes do centro! No coração da sociedade!

367

César – Não posso voltar!

Maurício – Por que não?!

César – Rompi com a sociedade!

Maurício – Não era a verdadeira vida social que você vivia! Você não conhecia a vida e como são de fato as pessoas e o mundo. Agora você conhece!

César – Não posso voltar!

Maurício – Temos tempo! Temos tempo!

(Pausa)

Lucas – E haverá também a África! A mãe África!

César – Como tudo isso, esses lugares, cidades e nomes já estão longe de mim. Como não desejo mais, eu que amei tanto! Eu que me extasiei com a aventura e com as viagens!

Jorginho – Você voltará e reencontrará o verdadeiro fascínio, César!

César fica fraco, por causa do sol e quase cai.

368

César – Ah!... Esse sol do Brasil! Esse sol!

Lucas – Que foi?

César – Estou fraco... Estou fraco...

Jorginho – Absinto!

Lucas – Absinto!

Maurício – Absinto!

Os outros personagens – Absinto!

César – O que é absinto?

Lucas – Um... Um bálsamo para teu mal!

Estamos num país que na verdade é árabe...

César – Esse sol constante do Brasil me enfraqueceu...

O tempo passou...

Eu envelheci nesse sol, separado dessa sociedade que frequentei no passado!

Jorginho – O mundo do sucesso se abre agora para você! É o sucesso de volta!

Lucas – O mundo a seus pés, César! E o prazer que te daremos sempre! 369

Maurício – Você só tem que fazer uma coisa... Uma pequena coisa...

César – O quê?...

Maurício – Aceitar o nosso jogo! As regras do nosso jogo!

César (compreendendo a trama) – O crime! O crime perfeito!

Jorginho – Alguma coisa mudará em você. Quando era jovem não valia muito.

Entre nós tudo tem que ser bem compreendido e bem expresso!

César – O crime! O crime perfeito!

Prostituição, crime!

Como o milionário gay assassinado a punhaladas pela bicha da zona sul, que mandou praticar o assassinato na zona norte...

O crime perfeito!

370

E o meu, organizado por eles, que eram anônimos, e que conheci por acaso!

Jorginho – E você terá o prazer que você tanto gosta e que você recusa! O meu, o de Lucas e o de Maurício! A minha tatuagem, os olhos verdes de Maurício!

César (afastando-se) – Não me toquem! Eu estou purificado desse veneno da prostituição! Gastei a outra parte da minha vida me curando do mal e estou puro agora... Não se aproximem! Não me toquem!

César se afasta. Aproxima-se o Sr. Johannes.

CENA 2

Sr. Johannes – Só os raros, só os privilegiados conhecem o prazer de uma boa bunda de homem. E você gostou, César! Porque se recusa?...

César – Sr. Johannes, até hoje não aconteceu nada entre nós, exceto que falamos sobre a Alemanha.

Sr. Johannes – Ah!... A Alemanha! Berlim. Marlene Dietrich. Lili Marlene...

Você gostará, César!

César – Do quê?...

371

Sr. Johannes – Da sua volta para a sociedade!

César – Quem disse que eu voltarei?...

Sr. Johannes – Abriremos para você as portas do prazer sem limites...

A minha sunga de seda de Paris!

A minha sunga de seda de Paris!

Como você gostará!

E será um escritor de nome e internacional!

Berlim!

O mundo inteiro a seus pés!

César – Agora compreendo a verdade. De tantos parentes meus que morreram. Eles foram assassinados porque aceitaram a regra do jogo deles. Foram vencidos por eles! Foram vencidos! Eles ousaram eliminar os judeus! Eles ousaram! Prostituição, crime!

Eles organizaram o meu! Serei assassinado por eles, porque sou incômodo e eles vencerão! O crime perfeito!

372 Sr. Johannes – Você está pronto, César? Você vem? Nós somos a ordem!

César – Quem fará o contato? Quem me introduzirá de novo na sociedade?

Ângela – Eu!

César – Você?...

Ângela – Eu sou responsável por eles e cumpro ordens!

César – O crime perfeito! O crime perfeito!

Ângela – Estamos à sua espera!

(Pausa) Silêncio.

Ângela – Você vem?...

César – O que vocês querem de mim?!

(Pausa) Silêncio.

César – O quê! O que vocês querem de mim e do meu povo?! E por que ousam comigo?!...

Mendiga Negra – As terras...

César – As terras?...

Serva – As terras do seu Estado, do seu país...

(Pausa)

César (compreendendo) – As terras. O Eclesiástico. As nossas terras. É o que eles querem. Eu sou a testemunha e o inimigo que eles têm de vencer. As terras! Compreendi por que querem me matar!

Ângela – Você voltará conosco para a sociedade? Olha que lhe oferecemos muito!

Poder, fama, nome, dinheiro! E sucesso!

César – Vocês querem as minhas terras!

É por isso que organizaram o meu crime! Vocês querem o território e estão a serviço deles! E organizaram o meu crime! E ousaram comigo!

Serva (com medo) – Temos que obedecer, Sr. César...

Servo – Temos que obedecer...

Ângela – As terras!

Jorginho – Não queremos, nunca quisemos a turquesa, César!

374 Lucas – A turquesa... Não precisamos dela!

Maurício – A turquesa... Para que a turquesa?!

Mendigo Negro – A turquesa... Já temos nossa Madame!

Eu sou bicha, César! Eu sou bicha! E ralé! Ralé e bicha!

Mendiga Negra – E eu sou puta! E ralé! Ralé e puta!

César – As terras?!

Ângela – As terras!

César – Mas já é um Estado, uma Nação. Vai se chamar Eclesiástico e será o novo país dos judeus e dos cristãos...

Ângela – Nós queremos as terras!

Sr. Johannes – Nós damos o prazer... sim, nós damos o prazer sem limites, o prazer pleno, o prazer sem restrições... Desafiamos os códigos do pecado!

Mas tem um preço: o crime! O assassinato! O crime! O crime!

Ângela – Você está pronto para vir conosco?...

375

É a sua volta à sociedade!

César – E serei como os outros, os meus parentes judeus que morreram nas mãos deles! E terão a vitória sobre nós! Porque eles ousaram eliminar os judeus!

Não se aproximem! Não me toquem! Eu estou purificado da nódoa... dessa nódoa insuportável da prostituição!

Ana – César! Eles querem nossas terras! Foi sempre o que quiseram de nós: as nossas terras! O nosso território!

Ângela – Ocupem-se da moça!

César e Ana se abraçam.

César – Ana! Você veio! Finalmente você veio!

Os Três Gigolôs – Vamos currá-la! Você será currada por nós e depois a silenciaremos!

Ana – Não me toquem!

Os Três Gigolôs – Você, que é a testemunha, será currada por nós! E depois a silenciaremos!

376 Ana – Eu estou no crucifixo e vivi minha vida dentro do crucifixo!

(Silêncio). Sou o rosa de César! E o rosa dos judeus!

Não participei nunca da sociedade nem da arte porque foi proibido para mim!

E sempre estive ameaçada por causa das terras que todos queriam!

Eu estou no crucifixo! Eu estou no crucifixo!

Quem são vocês para falarem da sociedade? Se fui eu que tive os direitos dela e nunca pude participar, por causa das terras e do dinheiro?!

Para vocês é fácil!

Não precisam falar em pecado! Tudo é permitido! Mas para mim sempre foi impossível!

A sociedade... A sociedade...

Como eu sonhei com ela! E nunca pude participar, porque estou no crucifixo!

Eu estou crucificada, com meu povo, com todo o meu povo, e não serão vocês que falarão em sociedade comigo! Nem nunca terão as terras, que vocês querem, porque agora estamos organizados!

377

Jorginho – Sua beleza nos aplacou!

Lucas – Sua beleza nos comoveu!

Maurício – Sua beleza... Ela se chama Ana...

Sua beleza nos aplacou!

Ana... Ana...

Ana – Sim, porque estou crucificada com meu povo desde que nasci! Estou no crucifixo! Estou dentro do crucifixo! Eu, o rosa! O rosa!

CENA 3

Entra Felipe, de volta da guerra lá fora.

Felipe – Vencemos! Já temos a vitória! Estas são as últimas notícias da nossa guerra! Os últimos rebeldes capitularam e temos a vitória!

(Silêncio)

César – Já não nos confundimos com eles. Temos a nossa identidade:

Somos judeus! Judeus!

378

Os rebeldes capitularam?!

Felipe – Os rebeldes capitularam! Eram os últimos!

Agora somos judeus!

Felipe e Ana se abraçam.

Ana – Felipe! Você voltou vivo e com a vitória!

Felipe – Ana! Como foi difícil vencer! Estamos todos salvos! Agora somos judeus!

(Pausa)

Ângela – Um novo Israel?! Eclesiástico?!

Então é verdade. Agora é a vez da pena de morte!

Todos – A pena de morte!

Jorginho – Voltamos!

Maurício – Voltamos para a realidade! Não conseguimos vencer César nem os judeus!

Voltamos!

Lucas – O banco! Estou de volta à terra!

379

À vida real!

Mendiga Negra – A pena de morte! A pena de morte e a fome! Porque ninguém me dará dinheiro mais! Cleópatra! Cleópatra, a rainha do Egito! É a fome!

Mendigo Negro – O tempo! Um aliado ou um inimigo? Voltarei a badalar as horas desse relógio num espetáculo nenhum para público nenhum!

As horas! O relógio! Tudo o que sobrou dessa guerra!

Servo – A pena de morte! Agora serei servo para valer e terei que cumprir todas as ordens do patrão e da Madame! Porque perdemos a guerra!

Serva – Agora é a escravidão! Agora é a escravidão!

Mendiga Negra – Voltamos à realidade! Voltamos à realidade!

Sr. Johannes – Berlim... Lili Marlene...

Servo – Patrão!

380

Serva – Patrão! Estamos aqui!

Mendiga Negra – É a realidade! É a pena de morte! É a realidade!

Madame, acorda, é a realidade! É a realidade! Sinto fome de novo!

Mas não vou mudar nunca de vida! Porque foi essa que escolhi para a minha liberdade! Porque essa é a minha liberdade! Ralé! Ralé!

Ângela – Um novo Israel! Um novo Israel! Perdemos a guerra!

(Há uma longa pausa).

CENA 4

Ângela – Mas temos uma fuga ainda... Ou uma chance! A turquesa! A arte!

TODOS – A turquesa! O teatro! A arte!

Ele!... César!

Ângela – Todos já conhecem nossa filosofia e a filosofia de César com seus judeus. A nossa é a pena de morte, a deles é Jesus Cristo. Não queremos a filosofia, que assistimos do alto nesta longa guerra com os judeus e cristãos de César. Queremos agora a arte! A sua arte!

381

Todos – A arte! A turquesa da arte!

Ângela – O azul-turquesa! O azul-turquesa!

Servo (de passagem) – Ele é gilete! Ele é gilete!

Todos riem.

Ângela – Dá-nos de novo o teatro!

César – O teatro... A arte... Eu que tive todos os críticos contra mim!

Foi um longo tempo e amadureci e a realidade constatou.

A arte não é essencial!

Ana – A arte não é essencial!

Felipe –A arte não é essencial!

Ângela – Na sociedade em que vivemos nós temos a arte! E a cultivamos dia após dia porque ela faz parte do nosso cotidiano e das nossas conversas e da moda! A arte é moda para nós, como a filosofia!

César – A arte não é essencial!

382

Ana – A arte não é essencial!

Felipe – A arte não é essencial...

César – Ela é fugaz e transitória como a moda... E efêmera. Dura uma estação e morre na seguinte... Mas não tem nenhum valor em si! Não! A arte não é essencial!

(Silêncio)

Ângela – Como?! Não é essencial?! A arte não é essencial, não é necessária?

Então porque você nos trouxe a este teatro fantástico? Para nos explorar?!

César – A arte não é essencial! Nem necessária ela é!

Ângela – Multidões se apaixonam por ela e a cultivam em todas as suas formas!

Multidões são arrastadas pela arte e modificadas por ela! Como não é essencial?! E você foi um artista verdadeiro que pagou um preço alto para não ser corrompido pela arte mercenária e prostituta. Você, César, soube honrar a turquesa e o azul-turquesa da arte. E agora queremos que você nos dê ela, nos leve para o seu teatro, onde queremos de novo... beber do vinho do mundo!

383

Todos – Queremos o vinho! O vinho do mundo! Queremos beber de novo do vinho do mundo!

César – A arte não é essencial! Eu fui seduzido por ela e a persegui com minhas peças ao longo de anos de solidão e angústia. Até que a realidade e a história me provaram que ela é gay! Alegre como um veado e um homossexual caricato! A arte é gay! Ela não é essencial como a filosofia ou a religião! Tantos a perseguem e, inutilmente, porque ela é sem necessidade!

Mendigo Negro – Queremos o teatro! Queremos o azul-turquesa!

Todos – O azul-turquesa! O teatro! O azul-turquesa!

Ângela – Dá-nos o teu teatro, César. Ele encantou nossos dias solitários.

E seu talento foi reconhecido. Pela sua arte acabamos de consumir a sociedade e nos tornamos participantes dela!

Todos – Queremos o azul-turquesa! Queremos o azul-turquesa!

Ângela – Sem a arte, que somos nós?... Não, nada!

384

Para nós a arte vale como a política e a moda! Não conseguimos viver sem ela!

César – A arte não é essencial! Há os que a fazem mercenária e prostituta e não se preocupam com a realidade e a política. E fazem sucesso. Mas para que se preocupar com os artistas de talento e que são verdadeiros, quando não desempenham nenhum papel de importância real?

Esqueçam meu teatro! Esqueçam a turquesa e o azul-turquesa! Não! A arte não é essencial! Nem os artistas! Nem os escritores!

Todos – Queremos o teatro! Queremos o teatro!
Decifrar a cena! Esgotar a cena!

Resolver todos os seus enigmas!

César (mudando para um tom entusiasta) – Mas
é um divertimento!

Ana – É um divertimento!

Felipe – Que apaixona as multidões! Que envolve
as multidões!

Ângela – Então você nos dará? Queremos a arte
verdadeira, a arte não comercial! A arte que
apaixona!

385

Música. César exhibe Ana no proscênio. Ana traz
consigo uma grande cruz.

César – Esta é a personagem que eu darei ao meu
público! A mulher que não se prostituiu! Essa é
a minha personagem verdadeira!

Sr. Johannes – Nós esperávamos por ela... Falá-
vamos sobre ela e porque ela estava ausente...

Todos – Nós a esperávamos! Falávamos sempre
dela e da sua ausência! Nós a chamávamos de
Marcianita!... de Marcianita!

Ana (com a cruz) – Ergueremos a Torre de Davi que chegará aos céus!

Jesus Cristo!

Felipe – Erguemos a Torre de Davi! E ela chegará aos céus!

César – Esses são os personagens que eu darei ao público!

Ana – Eu estive crucificada, mas agora eu participo! Agora eu estou presente!

Felipe – Jesus Cristo! A Torre de Davi! A Igreja!

386

(Pausa)

Ângela – E para nós? O que sobrará para nós?

César – O divertimento!

Eles – O divertimento?!

César – Hollywood! O musical! Os Estados unidos!

Os personagens sapateiam ao estilo dos musicais de cinema de Hollywood e depois se detêm.

Sr. Johannes – Só isso? O divertimento?... E a política?! Nós somos a ordem!

César – A música!

Ângela – Eu te persegui tanto e agora você vem me dizer que a arte não é essencial, mas só um divertimento? Eu perdi tanto tempo com ela... Não. Queremos a arte que apaixona! Não o divertimento!

(Pausa)

Serva – Com a pena de morte seremos escravos. Para que a música se temos que servir e obedecer às ordens do patrão e da Madame?

Jorginho – Não temos esperança! Voltarei a vender cigarros tipo exportação na banca de marreteiro! Foi só um sonho!

387

Sr. Johannes – Teremos o sexo! O prazer! Todo o prazer! Temos a buceta!

Lucas – Pecar... Pagamos com a ameaça do cadafalso esse prazer!

Serva – Voltarei ao Lanches Colombo outra vez e serei só uma serva!

Servo – Por que não rompemos com nossos patrões e com a Madame e nos convertemos a Jesus Cristo? É nossa única chance e esperança de sair da escravidão!

Serva – Estamos dominados pelos nossos patrões e pela Madame!

Ângela – Cala a boca, serva! E não fale em Jesus Cristo! Fale em buceta!

Maurício – Somos corrompidos... Estamos condenados ao inferno e ao fogo! Não temos esperança como eles!

Mendiga Negra – É o fogo do Inferno! É o fogo do Inferno!

Mendigo Negro – O relógio marca a minha fome! A minha miséria! Estou de novo condenado a pedir no sinal de trânsito! E é de novo a fome as horas que este relógio marca! Somos pobres! Somos fedidos! Somos miseráveis!

388

E não temos esperança!

Ângela – Calem a boca! Sempre foi assim e sempre será assim!

Mendiga Negra – Fome?!

Mendigo Negro – Miséria?!

Ângela – Eu também estou no inferno como vocês! Eu também estou no inferno e não acredito em Jesus Cristo!

Silêncio (Pausa)

Não! Você não seria feliz nem comigo nem com outra! Você nunca seria feliz com nenhuma!

Serva – Madame!

Ângela – Não sou Madame! Eu estou aqui cumprindo ordens de cima!

Eu estou só cumprindo ordens!

(Pausa)

Jorginho – O gigolô americano! O dólar!

Maurício – Meus olhos verdes!

Lucas – A farda de segurança! O sexo! A sociedade!

389

Sr. Johannes – Para que lamentar nossa sorte se temos a buceta e até essa mendiga negra? Para que se temos a buceta?!

Servo – Patrão!

Sr. Johannes – E até você gosta e tira suas casquinhas quando pode! Não temos nenhum motivo para chorar! E temos a sociedade!

César – A arte não é essencial, mas porque apaixonar tanto as multidões vale como divertimento!

Porque é só isso que ela é: um divertimento!

Ouve-se novamente música e os personagens não judeus sapateiam tal qual nos musicais de Hollywood.

César – Hollywood! Os musicais americanos!

Lucas – Iremos para Roma... para a nova Roma nos Estados Unidos... E beberemos de novo do vinho do mundo! Sim, beberemos de novo do vinho do mundo!

390 Todos – Beberemos do vinho do mundo e o vinho do mundo é tudo o que importa!

César – Música! Música ao novo tempo! O divertimento! O divertimento!

Ana – Estaremos lá... Como era antes...

Felipe – Como era antes...

Jorginho – E nós estaremos aqui... Como era antes... Iremos para Roma! Iremos para Roma!

O relógio do Mendigo Negro bate as horas.

Mendigo Negro (com o relógio) – Fim do espetáculo!

Todos Eles – Estaremos presentes! Estaremos presentes!

César – Um divertimento! Um divertimento!

Música! Música!

Felipe – Não aos caretas! Não aos enquadrados! Não aos que fazem por dinheiro! Não aos caretas!

A Revolução! A Revolução!

Os personagens sapateiam como nos musicais americanos e Ana ostenta a cruz.

César – Um divertimento! Um divertimento!
Música! Música! É o champanhe! Esse é o champanhe!

Garrafas de champanhe são abertas e a espuma comanda a festa.

São Paulo, 2 de fevereiro de 1995.

José Vicente

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
A Arte de José Vicente – Messias Reis de Morais	13
Ensaio Selvagem	21
Historia General de Las Indias	87
Rock and Roll	133
Diário Íntimo	219
Virtuose	325

Crédito das Fotografias

Todas as fotografias pertencem ao acervo da família de José Vicente

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schwarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos

Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical

Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio

Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada

Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredo – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador
Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas
Tania Carvalho

***Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro
e Eu Não Sei Ler***
Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado
Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado
Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto
Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir
Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista
Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole
Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil
Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia
Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro
Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra
Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema
Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias
Gomes – História de um Personagem Larapista e
Maquiavelento***

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem
Indignado***

Djalma Limongi Batista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

José Vicente

O teatro de José Vicente : outras obras / José Vicente – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. 416p. : il. – (Coleção aplauso. Série teatro / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

Conteúdo: Ensaio selvagem; Historia general de las Índias; Rock and roll; Diário Íntimo; José Vicente/Virtuose; Biografia de José Vicente

ISBN 978-85-7060-953-3

1. Peças de teatro 2. Teatro brasileiro 3. Teatro – História e crítica 4. Paula, José Vicente de, 1945-2007 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 809.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura : História e crítica 809.2

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Bandeira
Editoração	Sandra Regina Brazão
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Dante Pascoal Corradini

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 416

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

A **Coleção Aplauso** tem o prazer de apresentar a obra completa de um dos maiores dramaturgos brasileiros do século XX: José Vicente (de Paula) (1945-2007), dividida em dois volumes, este *Outras Obras* e outro chamado *Primeiras Obras*.

Nascido em Alpinópolis, Minas Gerais, José Vicente foi o maior representante da rebeldia e poesia da contracultura.

Ex-Seminarista, estudou Direito por dois anos mas formou-se em Filosofia pela USP. Fez enorme sucesso com *O Assalto* e *Hoje é dia de Rock*. Estes são seus textos menos conhecidos, mas igualmente notáveis:

Ensaio Selvagem – É uma peça diferente de todas as outras. Não é realista, talvez se inspire na estranheza que José Vicente deve ter enfrentado quando viveu no exterior. Foi escrita em Londres, também para Norma Bengell, e trata do choque cultural sofrido por pessoas oriundas de países subdesenvolvidos, nas mãos de poderosos que tentam moldá-las à sua imagem e semelhança.

Historia General de Las Indias – É uma tragédia. Foi montada no Rio de Janeiro por Ivan de Albuquerque e Rubens Corrêa, inspirada na vida do Imperador Inca Juan Atahualpa e seu irmão Huascar, num enfrentamento do conquistador espanhol Marquês Don Francisco Pizarro.

Rock and Roll – É uma comédia realista ambientada num pequeno apartamento no centro velho de São Paulo nos anos 1970. Uma atriz desempregada, que vive sustentada por um bancário e recebe dois jovens, velhos amigos de sua época de boêmia.

Diário Íntimo e *José Vicente/Virtuose* – São dois textos inéditos de José Vicente. No *Diário Íntimo* ainda aparece a questão do choque cultural. Em *Virtuose*, que talvez seja a última peça de José Vicente, surge um traço pirandelliano. Diversos personagens, os mais variados, dirigem-se a um autor pedindo-lhe que escreva uma peça sobre eles ao que ele responde sistemática e secamente – NÃO!

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, no seu projeto de resgate e da preservação da memória cultural do Brasil.

ISBN 978-85-7060-952-3



9 788570 609526